

WLADIMIR OLIVIER

PRENÚNCIO  
DE  
FELICIDADE

GRUPO DOS JOVENS DESTEMIDOS

# ÍNDICE

Prenúncio de Felicidade .....
Personagens .....
Primeiro ato .....
Segundo ato .....
Terceiro ato .....
Quarto ato .....
Quinto ato .....

## PRENÚNCIO DE FELICIDADE

Captamos a mensagem do médium, para que trouxéssemos textos teatrais de categoria para serem apresentados aos irmãos encarnados. No entanto, são poucos os dramaturgos de nomeada dispostos a enfrentar jornada dificultosa, cheia de escolhos de todo tipo, com resultados não garantidos.

Vamos supor que o caríssimo amigo seja essa entidade capaz de elaborar, em linguagem soberba, as delícias de história de agrado geral, dentre os apreciadores das peças de caráter espírita, estendendo-se por cenas e cenas, sobre temas filosóficos, doutrinários, científicos, morais, evangélicos. Teria a confiança de deixar o trabalho nas mãos de qualquer pessoa inculta, sabendo, de antemão, qual o desfecho da encenação, se é que alguém se atreveria a ir até o final? Ao contrário, estaria prevenido quanto à rejeição dos ideais repetidos à exaustão por tantas manifestações mediúnicas de boa técnica redacional e de magnífica comprovação silogística, quanto aos princípios vigentes nas esferas de que provieram.

Por isso, estamos dando prioridade para historietas adequadas ao interesse de pessoas não tão bem dotadas de erudição e cultura, para conduzir-lhes os pensamentos na trama existencial em que se envolvem, exemplificando toda espécie de reflexão que poderá trazer conforto moral, no sentido de preparar para os embates mais ríspidos das considerações de nível evangélico superior.

Vamos supor que chamássemos teatrólogos consagrados, cujas obras terrenas tenham permanecido em cartaz, sempre lembradas para releituras prazerosas. Iríamos correr todos os riscos da *performance* pessoal, o chamado *estilo de época*, em função das estruturas culturais vigentes. Quem escreveria hoje pelos padrões de Camões, conquanto talentoso igualmente para os decassílabos e as oitavas?

É preciso pensar no espectador como ser integrado à sociedade contemporânea. Daí nasceria a necessidade de se montarem os textos pelas normas atuais, o que descaracterizaria a personalidade impressa na memória literária da humanidade. Por outra, não se daria o devido respeito ao nome consignado, pela desconfiança de que o autor estaria fraudando a figura veneranda epigrafada.

Assim, mesmo que gente de quilate se apresente para a escritura, é de todo recomendável que não se identifique pelo nome, adotando pseudônimo ou sugerindo, mais ou menos, o apelido pelo qual vem sendo chamado na esfera em que exerce o direito de existir.

Estabelecida a premissa do anonimato necessário, podemos afirmar que a obra que iniciamos estará fortemente impregnada daqueles princípios filosóficos, morais etc., apenas sob roupagem compatível com os objetivos desta turma, segundo o talento adaptado ao roteiro definido pelo que se pode compreender como de alcance do espectador médio e mesmo de envergadura intelectual não muito grande. O desenvolvimento do texto fixará, ponto a ponto, o que julgamos ser o apoio mais conforme às aspirações daquelas pessoas.

Sob o comando do querido mestre João, o *Grupo dos Jovens Destemidos* virá dar o seu recado, pautando as transmissões pelo sentimento da alegria provocada pela satisfação de nos reconhecemos em dia com os deveres propugnados pelos mentores da ***Escolinha de Evangelização***.

Que Deus nos abençoe neste empreendimento!

Personagens.

Aurélia, quarenta e dois anos, dona de casa.

Armando, marido de Aurélia, abastado comerciante, cinquenta e dois anos.

Norival, irmão de Aurélia, dois anos mais velho, engenheiro, gerente de importante empresa do setor da construção.

Teresa, irmã de Aurélia, três anos mais velha, funcionária pública graduada.

Rodrigo, filho de Aurélia, vinte e dois anos, estudante de Administração de Empresas..

Amália, filha de Aurélia, vinte anos, estudante de História.

Júlia, mãe de Aurélia, setenta e um anos, dona de casa.

Cleia, namorada de Rodrigo, vinte e um anos, estudante de Psicologia.

Alfredo, namorado de Amália, vinte e quatro anos, estudante de Direito.

Cidinha, criada, jovem.

## PRIMEIRO ATO

Época: 1995

Cenário: *Sala de estar conjugada com sala de jantar. Sobre a mesa, dispõe-se baixela de prata para recepção de duas pessoas. Ao centro da mesa, vaso de flores meticulosamente arranjado, aos lados do qual, na direção da cabeceira, dois castiçais solitários, com velas brancas apagadas. Os móveis são luxuosos bem como o lustre de cristal.*

### Cena 1.

Aurélia [*Entra e fica a ajeitar os adornos, cantarolando canção em voga. Ostenta fina vestimenta, preparada para festa*]: Ainda bem que os meninos estão fora. Poderemos comemorar o vigésimo terceiro aniversário das bodas, em paz. Quem sabe role algum carinho extraordinário. Será que Armando vai chegar atrasado, como sempre? Prometeu que viria na hora. Afinal de contas, encomendei o bufê e dispensei a criadagem. Fiz questão de resfriar o champanhe. Separei até o balde que ele trouxe da Alemanha. Não vai ser hoje que me deixará curtindo certas esperanças... [*Suspende as reflexões, com especial sorriso matreiro. Apalpa o corpo.*] Não estou como nos tempos do noivado, mas está tudo no lugar. A aeróbica é puxada, mas vale a pena. Se tiver dó do dinheiro, não precisarei mais passar tempo no *spa*. [*Verifica as horas.*] Disse que chegaria às cinco e já são seis. Vou telefonar pra loja... [*Toca a campainha.*] Quem há de ser agora? [*Vai até a porta, ao lado do cenário. Recebe um telegrama.*] Meu jovem, espere aí que tenho uma gorjeta pra você. [*Abre gaveta da cômoda, apanha uma bolsa, retira carteira de onde extrai uma nota. Hesita. Troca por outra, dando demonstração de que a anterior era de valor muito alto.*] Está aqui. Muito obrigada. [*Abre e lê com atenção. Encosta-se na cadeira. Grita.*] Meu Deus! Desgraça! Papai... papai... Morto! [*Solúça, senta-se à cabeceira da mesa, bate com os punhos sobre a toalha, descompõe a arrumação.*]

## Cena 2.

Aurélia.

Armando.

Armando: *[Entra e estranha a atitude de Aurélia.]* Que foi, querida? *[Aurélia lhe estende o telegrama, em gesto dramático.]*

Aurélia: Meu pai morreu.

Armando: Por que não ligaram? Precisavam enviar telegrama? *[Lê.]* “*Papai faleceu. Norival.*”

Aurélia: Não estava sequer doente. Que terá acontecido ao meu papaizinho? *[Abraça-se a Armando. Chora convulsivamente.]*

Armando: Calma, querida. A vida é assim mesmo: a gente nasce e daí tem de morrer. *[Notando a mesa.]* E a morte não escolhe hora. Você caprichou tanto pro nosso aniversário e agora o trabalho está todo perdido.

Aurélia: Você liga pra saber como minha mãe está?

Armando: A que horas chegou o telegrama?

Aurélia: Você deve ter passado pelo carteiro.

Armando: Deixa que eu ligo pra casa dela. *[Apanha o celular do cinto. Disca. Aguarda tamborilando os dedos sobre a mesa.]* Quem fala?... Sim. Já sei. Norival telegrafou... Que aconteceu?... *[Concentra-se com seriedade.]* Assassinado?... Espancado até a morte?... Assalto?...

Aurélia: Santo Deus! E mamãe?

Armando: E Dona Júlia, como está?... Estava em casa?... Desmaiou?... Santo Deus, por que não me ligaram antes?... *[Ouve as explicações. Aurélia quer pegar o telefone.]* Calma, querida. Está tudo bem com ela. Por favor, avisa o Norival que estamos indo já pra aí... Não está? E quem está?... Sei... Estão no hospital. Que hospital?... Está certo. Se alguém ligar, avisa que estamos indo pra lá. *[Desliga.]*

Aurélia: Eu não quero ir.

Armando: Como assim?

Aurélia: Não estou preparada pra ir a nenhum hospital.

Armando: Também não precisamos sair correndo. Enquanto eu procuro o Norival, você se troca.

Aurélia: E toda aquela comida?

Armando: Eu ponho no *freezer*.

Aurélia: E eu dispensei até a copeira, pensando em deixar tudo pronto só pra nós dois.

Armando: Desculpe, querida, mas a ideia foi minha. Eu não quis ir a nenhum restaurante.

Aurélia: Quem podia imaginar que papai...

Armando: Os bandidos estão por toda parte. Tocou a nossa vez. *[Vai até a estante, pega a lista telefônica, disca.]* Por favor, a respeito dum óbito... Espero... *[Faz sinal para Aurélia ir trocar-se. Ela vai até a poltrona e se deixa descair.]* Pronto!... Edmundo de Oliveira Fernandes... Não foi liberado o corpo?... Instituto de Medicina Legal?... Está aí alguém da família?... Genro... Eu espero... Dois, sete, dois, noventa e três,

quarenta e quatro... Isso. *[Desliga.]* Eles vão ver quem está aguardando a liberação do corpo.

Aurélia: Por que você não perguntou da mamãe?

Armando: Quando Norival ligar, eu pergunto. A empregada disse que ela estava bem. Foi só o susto. O que não entendo é o telegrama. Você não vai se trocar? *[Aurélia sai.]*

### Cena 3.

Armando *[Apanha duas vezes o celular e disca parcialmente. Faz cena. Toca o telefone da casa.]*

Armando: Pronto. Sim... Amália, você já soube de seu avô?... Edmundo. Foi assassinado... Venha já pra casa... Traga, sim. Ele pode ser útil na Delegacia. Você sabe onde o seu irmão está?... Ligue pra ele. Peça pra vir pra casa. Se você não achar, liga pra mim, que eu vou procurar localizar ele noutro lugar... A mamãe está bem. Quem teve um choque foi a sua avó... Venha pra casa... A gente espera. Tchau! *[Desliga. Recebe outro telefonema, no celular.]* Pronto. Norival, onde você está?... Por que você não ligou em vez de mandar telegrama? Ah!... Ah!... Entendi. Quer dizer que você está com sua mãe, no hospital?... Está bem... Superou a crise... O quê?... Pressão baixa... Escuta. Você acha que vai demorar pro corpo ser liberado?... Vai demorar... Norival, será que é melhor a gente ir pra aí ou pra casa de seu pai?... Sei... Sei... Está certo... Tudo bem... Se a gente demorar, é porque estou tentando localizar o Rodrigo. Você vai precisar de mim?... Entendi... Certo... Até daqui a pouco.

### Cena 4.

Armando.

Aurélia.

Aurélia *[Entrando.]*: Que foi que aconteceu?

Armando: Você não se trocou ainda?

Aurélia: Pobre papai! Norival ligou?

Armando: Ligou. Está no hospital. O corpo ainda nem foi pro IML. Seu pai chegou vivo e morreu quando estava sendo operado.

Aurélia: Santo Deus!

Armando: Dona Júlia está bem. Teve um desmaio por causa da pressão. Sabe por que Norival não ligou e mandou telegrama? [*Aurélia puxa a toalha e restabelece a arrumação da mesa. Faz menção de dizer alguma coisa mas se cala.*] Disse que tinha mais de trinta telefonemas mas precisava correr com o pai. Deu a agenda pra secretária e foi ela quem telegrafou, pelo telefone mesmo. Acho que todos já estão sabendo.

Aurélia: Você falou com mais alguém.

Armando: Com Amália. Ligou pra nos dar os parabéns. Recebeu a notícia da morte do avô.

Aurélia: Era tão apegada ao velho...

Armando: Eu pedi pra ela vir correndo. Ficou de ligar pro Rodrigo.

Aurélia: Ele disse que ia jogar boliche.

Armando: Se Amália não localizar o irmão, eu vou atrás dele. Enquanto isso, vai dar tempo de você se trocar.

Aurélia: Estou sem ânimo de coisa nenhuma.

Armando: Nesta hora, a gente precisa ser forte. Quando perdi meu avô...

Aurélia: Avô é diferente. A gente já sabe que os velhos têm de ir embora. E seu avô tinha mais de oitenta. Meu pai estava com setenta e três. Em plena força. Lúcido. Trabalhando. Quem poderia ter feito isso com ele?

Armando: 'Tá certo que avô é diferente, mas a gente gosta deles mesmo assim. E meu avô era especial. Foi ele quem me iniciou no comércio. Eu era unha e carne com ele. E o câncer foi comendo aquele corpanzil, pouco a pouco. Cheguei até a pedir que morresse.

Aurélia: Viu como é diferente?

Armando: Mas querida, isso não vai ficar assim pra sempre. Um dia ou outro, a gente se conforma. Foi o que aconteceu comigo. Agora, de vez em quando, sinto uma saudade do velho, mas me alegra o fato de ter tido um avô tão legal, tão bom, tão...

Aurélia: E meu pai? Não era tudo isso e mais um pouco?! Não foi ele quem gerou doze filhos?! Não foi ele quem sofreu com a perda de sete?!

Armando: Eram muito crianças. Bebês.

Aurélia: Filho é filho. Você não sabe como é porque não perdeu nenhum.

Armando: Tudo bem. Vá se trocar...

Aurélia: Vou esperar Amália. Aposto que vai trazer o namorado.

Armando: Vai ser bom, porque ele pode ajudar nas providências legais.

Aurélia: Ajuda nada. É só um estudentezinho pernóstico.

Armando: Qualquer ajuda serve.

Aurélia: Vamos ver... Você não está com fome?

Armando: Nem reparei. Quando vinha vindo, estava pensando na comida de hoje. No champanhe. Nos vinhos franceses e italianos. No estrogonofe.

Aurélia: Eu pretendia aquecer os pratos no micro-ondas, conforme a gente fosse comendo. Agora, está tudo perdido...

Armando: Vou guardar tudo...

Aurélia: Não guarde nada. Amália vem vindo aí e ela e o namorado podem querer comer. Além do mais, Rodrigo também pode chegar sem jantar.

Armando: Mas não tem ninguém pra servir...

Aurélia: Eles se *viram*. Você quer vir comigo à cozinha, ver como é que as coisas estão?

Armando: Acho que Amália já chegou.

## Cena 5.

Armando.

Aurélia.

Amália.

Alfredo.

Amália [*Entra esbaforida.*]: Mamãe, que desgraça!

Aurélia: Filhinha! Filhinha! A gente não merecia isso! [*Mãe e filha se abraçam. Alfredo, estende a mão para Armando.*]

Alfredo: Minhas condolências, *Seu* Armando!

Armando: São golpes que o destino nos prega. A gente nunca está preparado pro pior. Ontem... hoje mesmo, o velho estava trabalhando, dando duro, atendendo o povo, sendo útil pra sociedade e veja... agora está morto, por causa dum bandido qualquer... [*Faz-se silêncio. Mãe e filha se desprendem do abraço.*]

Alfredo: Queira aceitar, Dona Aurélia, o meu mais sentido pesar.

Aurélia [*Enxugando as lágrimas.*]: Vocês são muito jovens e não tinham passado por nada tão trágico. Eu mesma nunca recebi agressão nenhuma desse tipo. Quando meus avós morreram, era muito pequena. E olhem que eles foram vitimados em acidente na estrada! Eu não podia compreender nada. Tinha cinco aninhos. Ainda bem que eles se foram. Já pensaram a dor de verem um filho assassinado? E há tanta gente por aí que vê os filhos morrerem. É difícil de aceitar que o pai da gente... [*Armando se aproxima e tenta abraçar a esposa, que o afasta delicadamente.*]

Armando: Vocês conseguiram avisar Rodrigo?

Amália: Ele estava na casa da namorada. Já vem vindo. Vai chegar a qualquer momento.

Aurélia: Como é que seu irmão reagiu?

Amália: Foi Alfredo que conversou com ele.

Alfredo: Ele reagiu muito bem. Disse que essas coisas acontecem. Não me pareceu estar muito triste.

Aurélia: Não diga isso. Vai ver que não quis dar demonstração de fraqueza. Na hora, não pensou direito. Quando avaliar a perda, vai ficar arrasado.

Alfredo: Com certeza.

Aurélia: Vocês já jantaram?

Amália: Nós íamos saindo, quando liguei. Queria dar os parabéns...

Aurélia: Seu pai falou. Quer dizer que estão com fome?!...

Amália: Nesta hora, a gente nem pensa em comer.

Aurélia: Se vocês quiserem, tem muita comida na cozinha. E eu que pedi pra vocês deixarem a gente sozinhos. Dia de felicidade! Dia de luto, isso sim! Agora, em todos os aniversários, vamos ter de lembrar da desgraça. Isso vai ser muito triste.

Armando: Vamos comemorar a data do noivado...

Aurélia: Não é a mesma coisa. Mas a gente pensa em algo.

Armando: Você não vai se trocar?

Aurélia: Amália, venha comigo. Me ajuda com a roupa. Não estou com vontade nenhuma de desfazer a toalete. Você viu que vestido lindo que eu comprei pra ocasião?  
[*Abraçam-se as mulheres.*]

Amália: Mamãe, a gente supera isso. Você vai ver. [*Caminham juntas e saem. Ouvem-se soluços de Aurélia.*]

## Cena 6.

Armando.

Alfredo.

Armando: Alfredo, diga uma coisa: se a gente precisar apressar a liberação do corpo, você tem conhecimentos pra isso?

Alfredo: Tenho, sim. Meu pai é delegado de polícia.

Armando: Delegado? Eu não sabia.

Alfredo: Amália não contou?

Armando: Na verdade, não conversamos muito a respeito das coisas dela. Eu sou muito reservado. Acho que cada um deve cuidar de si mesmo. Eu me explico. No comércio, ninguém tem nada com os preços dos concorrentes, a não ser que alguém avilte demais e prejudique os negócios dos outros. Aí, a gente vai até a Associação Comercial e levanta o problema. Com meus filhos, eu ajo da mesma forma. Soube que você era aluno de Direito...

Alfredo: Ciências Jurídicas...

Armando: Ou isso. Não importa. O fato é que deve ser gente boa, intelectual, moço novo, pretendente a carreira como profissional liberal ou concursado junto ao Ministério Público. De qualquer jeito, alguém que deseja subir na vida, trabalhando honestamente. Esta é a chave: honestidade. Se, depois, a vida mudar, se as coisas não derem certo, a gente estuda o que fazer. O que importa é que o princípio é bom.

Alfredo: O senhor...

Armando: Me chame de Armando, por favor.

Alfredo: Mas *Seu* Armando, eu não me acostumo a chamar os mais velhos de forma íntima. Meu pai, sempre chamei de *Senhor*. *Você* é só para os amigos. Na faculdade, os docentes são pessoas de muito respeito. É *excelência* e *senhoria* para todo lado.

Isso é proposital, para que o meio advocatício não degenera. A minha maior surpresa foi ter conhecido um advogado que transacionava com o calão mais pernóstico, porque gente culta deve manter a linha, de modo que rebaixar a linguagem é sinal de agressão de quem se sente superior. É isso que é ser pernóstico, segundo o ponto de vista corrente nas Arcadas.

Armando: Mas os colegas, como é que se tratam? Será que não usam palavras vulgares pra situações vulgares?

Alfredo: Nós usamos todos os códigos, segundo a hora mais conveniente. Aqui, na casa do sogro, eu não me sinto à vontade para tratar o dono da casa com a intimidade do *você*.

Armando: Admirável. E como é que seu pai vai poder ajudar?

Alfredo: Isso é ele mesmo quem poderá dizer. Na hora certa, basta acionar o velho. *Você*... o senhor verá...

Armando: Siga com o *você*.

Alfredo: *Você* —isto é muito esquisito— vai verificar como age o poder policial, quando se trata de ajudar os amigos. Mas, se me permite...

Armando: Por favor...

Alfredo: Se me permite, eu acho que os negociantes resolvem fácil essas questões burocrático-administrativas... se é que o senhor me entende...

Armando: Propina?

Alfredo: E que outro meio existe de azeitar os gonzos emperrados do serviço público?

Armando: Muito bem dito, meu jovem. Eis que Rodrigo está chegando.

## Cena 7.

Armando.

Alfredo.

Rodrigo.

Cleia.

Rodrigo: Pai, que aconteceu? Vovô foi assassinado? Inacreditável. Oi, Alfredo, tudo bem?

Alfredo: Ao que parece, nem tudo...

Armando: Meu filho, eu não estou sabendo de nada. Sei que houve um assalto e que o velho foi espancado, morrendo no hospital, na mesa de operações.

Rodrigo: O tio Norival não disse nada?

Armando: Ele está dando assistência à sua avó e cuidando de apressar o velório.

Rodrigo: Será que...

Armando: Como é que chama a sua namorada?

Rodrigo: É verdade. *Você* não estava quando ela veio aqui em casa outro dia. Cleia, papai; papai, Cleia.

Cleia: Muito prazer. Meus pêsames.

Armando: Obrigado, querida. A gente está tão transtornado com a violência que até se esquece de que estamos de luto. Como não vimos ainda o cadáver, nem testemunhamos a dor da viúva, estamos meio no ar, meio zonzos. Aurélia é que está mais triste. Amália está com ela, preparando-se pra sairmos. Imagine que hoje é o dia de meu aniversário de casamento.

Cleia: Rodrigo me disse que vocês iam comemorar sozinhos. A gente ia jogar boliche com a turma.

Armando: E nós íamos jantar gostosinho aqui em casa. Aurélia fez até uma toailete especial.

Cleia: Será que eu posso entrar no quarto?

Rodrigo: Eu levo você até lá. [*Saem Rodrigo e Cleia.*]

## Cena 8.

Armando.

Alfredo.

Amália.

Armando: Você estaria disposto a ir com a gente?

Alfredo: Eu acompanho Amália. Aonde ela for, eu vou.

Armando: Muito bem. [*Soa o telefone celular.*] Pronto. Oi, Teresa! Que desgraça!... É verdade. A vida só adquire sentido diante da morte. [*Faz um gesto para Alfredo, exprimindo espanto.*] É verdade, a gente precisa pensar mais sobre a outra vida. Você quer falar com sua irmã?... Eu levo o telefone até ela... O outro telefone não está com defeito... Será? Vou verificar... [*Nota que o telefone está no gancho. Ouve.*] Amália, veja a extensão...

Amália [*Sem aparecer.*]: Já pus no lugar.

Armando: Não é que estava fora do gancho!... Desculpe.

## Cena 9.

Armando.

Alfredo.

Aurélia.

Amália.

Rodrigo.

Cleia.

Aurélia [*Entra ainda com a toalete de festa. Entram Amália, Rodrigo e Cleia.*]: Quem está na linha?  
Armando: Teresa, fale com Aurélia.  
Aurélia: Teresa! Teresa!... [*Descai, lânguida, deixando o celular sobre o sofá. Armando corre para segurá-la. Rodrigo, Amália e Cleia acodem. Armando apanha o aparelho.*]  
Armando: Teresa, Aurélia teve um desmaio. Daqui a pouco, eu peço pra ela ligar pra você.  
Onde é que você está?... Até já.  
Amália: Mamãe! Meu Deus! Um copo d'água.  
Alfredo: Aqui está.  
Cleia: A senhora está muito nervosa.  
Aurélia: Não foi nada. Estou bem. Deixem falar com minha irmã.  
Armando: Acho melhor você se acalmar.  
Rodrigo: É isso aí. Você está muito agitada.  
Aurélia: E vocês não estão tristes?  
Amália: Nesta hora, a gente precisa ser forte.  
Armando: Teresa disse que precisamos pensar mais na morte, pra não sermos surpreendidos pelo infortúnio.  
Aurélia: Teresa está metida nesses cultos misteriosos. Espiritismo. Não entende muito de sentimentos. Acha que tudo é natural. Eu não gosto de falar sobre essas coisas.  
Armando: Quer que eu faça a ligação?  
Aurélia: Onde é que ela está?  
Armando: Em casa.  
Aurélia: Deixe que eu ligo lá de dentro, senão ela vai ficar preocupada. [*Sai.*]

## Cena 10.

Armando.  
Alfredo.  
Amália.  
Rodrigo.  
Cleia.

Amália: Pai, a mãe não deve estar muito bem. Ela não quis trocar de roupa. Ficou falando que não pode fazer nada. Que o 'vô Edmundo já está morto mesmo. Que não está com vontade de ir ao velório. Que não quer ver os irmãos.  
Rodrigo: Eu acho que ela vai se convencer quando conversar com a tia Teresa.  
Armando: A mãe de vocês está bem. Vocês vão ver que vai dar tudo certo. É só uma crise. Quando vir o pai, vai ter uns chiliques e depois vai melhorar.  
Amália: Isso é jeito de falar?

Rodrigo: Eu acho que vai ser isso mesmo.

Amália: Pois eu acho que o fantasma...

Rodrigo: Que fantasma, que nada.

Armando: Parem de falar bobagem. Vocês estão prontos pra ir ao hospital ou preferem ficar em casa, até a hora do enterro? Esses velórios são pra gente velha. A família é muito numerosa. São dezenas de pessoas. Se vocês não forem, ninguém vai reparar.

Amália: Pai, é obrigação nossa comparecer.

Rodrigo: Eu também acho. Vamos todos juntos. Se for preciso, a gente dá uma mão, que sempre existe o que fazer. Será que a reportagem da televisão foi avisada?

Armando: Daqui a pouco, é hora de telejornal. Vamos ligar a televisão. Até que sua mãe se prepare, dá tempo de ver o noticiário. [*Saem todos. Marcação de tempo através da iluminação.*]

## Cena 11.

Armando.

Rodrigo.

Alfredo.

Armando [*Entrando com Rodrigo e Alfredo.*]: Eu não compreendo como é que os repórteres distorcem a verdade. Não dá pra entender que tenham querido envolver meu sogro, na tragédia, como conivente. Onde se viu dizer que ele foi assassinado por trair os bandidos?! Quem terá inventado que ele pagava os caras, pra espantar os trombadinhas e as cortadeiras? Em lugar de mostrarem o sofrimento da família, ficam jogando a opinião pública contra as pessoas de bem.

Rodrigo: Eu nunca ouvi meu 'vô falar nada a respeito. Se tivesse algum fundo de verdade...

Armando: Filho, não levante nenhuma suspeita. Você não está vendo que a imprensa marrom vive do sensacionalismo? Seu avô jamais sequer imaginou pagar nenhum segurança particular. Pra isso, a gente paga as taxas e impostos escorchantes que o Governo nos cobra. Dá vontade de processar esses canalhas...

Rodrigo: Vai alguém processar a imprensa...

Alfredo: *Seu* Armando, o procedimento é simples. Os advogados dos jornalistas vão dizer que eles só reproduziram a opinião das pessoas entrevistadas. Eles nunca afirmam nada. Eles sempre levantam suspeitas de que alguém teria asseverado isso ou aquilo. Processos contra a Lei de Imprensa, só se a vítima estiver com as costas bem largas e isso não defende até os políticos melhor postados. Quando muito, o juiz, reconhecendo o perjúrio, a falta de estrutura do libelo acusatório junto à opinião pública, a insensatez do instrumento do jornal, da revista ou da televisão,

vai determinar, como pena, que se dê espaço ou tempo no veículo de divulgação para resposta, acrescentando-se, evidentemente, que a...

Rodrigo: Isso nós sabemos. Mas que revolta, isso lá revolta.

Alfredo: De qualquer modo, a polícia deve investigar, abrindo inquérito para apurar o envolvimento da vítima com os assassinos. Pelo que meu pai conta, dependendo dos malandros, poderá, simplesmente, haver queima de arquivo, já que outros indivíduos podem sentir-se ameaçados com o processo, como outros comerciantes, policiais...

Armando: Estava esperando que você citasse também os bandidos das polícias, porque eu acho que existe muita gente no rolo dos achaques...

Alfredo: Eu não vou perguntar, mas o senhor deve saber de casos parecidos com esse levantado pela reportagem.

Armando: Claro que tenho conhecimento de coisas assim. Até já me vieram oferecer proteção, com ameaças veladas de reprimendas violentas.

Rodrigo: Você nunca nos contou nada disso.

Armando: Essas coisas fazem parte do *métier*. Se a gente for dar importância aos bandidos, não consegue trabalhar.

Rodrigo: E como é que você se livrou desses caras?

Armando: Da maneira mais simples. Delegando à Associação Comercial procuração em nome da firma, pra decidir sobre qual a melhor solução pras possibilidades de ataque. Você nunca percebeu que existem guardas particulares, rondando pelo quarteirão? Esses a gente paga [*Olhando para Alfredo.*] — através da Associação — pra se livrar daqueles. O seu avô fazia a mesma coisa.

Alfredo: Mas nem sempre foi assim.

Armando: Não foi mesmo e seu pai deve ter contado que muitos dos *justiceiros* eram policiais a serviço dos comerciantes. E não só dos comerciantes mas de todas as pessoas estabelecidas, como advogados, médicos, dentistas...

Alfredo: Meu pai não conta muita coisa, mas eu concordo que há muito investigador e muito delegado envolvidos com o crime, e não apenas de forma solitária, senão que constituem quadrilhas muitas vezes a serviço de organizações, como aquelas do tráfico de entorpecentes, do contrabando de armas, do sequestro... Atualmente, é só remexer nos casos, buscando o pessoal envolvido, que se encontram policiais corruptos, ativa ou passivamente. Por isso que dizia que poderá acontecer de os assassinos serem executados pelos parceiros, caso as investigações ameacem outros da camorra.

Armando: Vamos ver como é que a família, os filhos e irmãos vão reagir às provocações da imprensa. Eu não acho que devam pôr uma pedra em cima. Pelo menos, a Associação Comercial tem de se manifestar, defendendo um dos baluartes antigos da instituição, tanto que Edmundo foi, durante vários anos, colaborador, na qualidade de tesoureiro.

Alfredo: Essa condição vai propiciar muita lenha para a fogueira. Se o pessoal da imprensa, no entanto, se vir acuado, imediatamente irá atrás de outras notícias frescas, abandonando o caso, que não terá repercussões maiores. Somente se algum repórter cricri estiver interessado em algo diferente, como promoção ou propina,

é que irá desafiar a Associação. Em todo caso, vai ser aconselhado pelos editores a que desista. Somente em filmes é que a gente vê as investigações jornalistas darem resultado...

Rodrigo: *Watergate* terminou com a carreira de Nixon. As denúncias de Pedro e de outras pessoas redundaram no *impeachment* do irmão e na prisão do tesoureiro da campanha.

Alfredo: Mas havia forte pressão popular. No primeiro caso, o ambiente cultural e político difere flagrantemente do nosso. Não serve de exemplo. No segundo caso, havia tremendos interesses políticos em jogo.

Armando: De qualquer modo, meu sogro não iria cair na esparrela numa armadilha contra si mesmo. As denúncias são espúrias, são infantis...

Alfredo: Eu também acho que não se podem precipitar conclusões. Em todo caso, o repórter apenas aventou a hipótese e o melhor vai ser deixar a ocorrência esfriar, aguardando o desdobramento dos fatos. Eu ainda acho que os criminosos deram com os burros n'água.

Armando: Pelo que posso deduzir, você está acusando meu sogro...

Alfredo: Não acuso ninguém. Estabeleço ilações a partir das evidências consignadas.

Armando: Em suma, está dando palpite, sem conhecer o caráter do avô de sua namorada.

Alfredo: Não me leve a mal. Estamos tão só comentando entre nós. Se for preciso advogar a causa da família, pode contar com meus serviços e com a colaboração de meu pai.

Rodrigo: Você está assustando o velho aqui.

Armando: Está assustando mesmo. Eu não sabia que era tão... tão...

Alfredo: *Tontão* é ofensa que não vou admitir...

Rodrigo: Está bem, dessa vez nós perdoamos. Mas cuidado, que, na próxima, você estará perdido.

## Cena 12.

Armando.

Rodrigo.

Alfredo.

Aurélia.

Amália.

Cleia.

Aurélia [*Entra seguida de Amália e de Cleia.*]: Que discussão acalorada é essa? Que aconteceu?

Rodrigo: Passou na televisão a reportagem do crime.

Amália: Por que vocês não chamaram a gente?

Armando: Onde é que vocês se meteram?

Aurélia: Elas estavam comigo. Mas que foi que houve?  
Armando: Por que você não se trocou ainda?  
Aurélia: Ó Santo Deus! Será que preciso dar satisfação de tudo?  
Armando: De tudo, não...  
Rodrigo: Que está esquisita você com esse vestido, numa hora destas...  
Amália: Você não se intrometa. Já pensou se papai é quem tivesse sido morto? Como é que a gente ia se sentir? O 'vô é pai dela. É lógico que ela não esteja bem.  
Armando: O que a gente estava conversando era a respeito do noticiário. Em lugar de mostrarem a dor da família, o desespero dos filhos, foram atrás dos assassinos, insinuando que se trata de justiceiros desacatados pelo patrão. Não deu pra entender direito.  
Alfredo: Permitem-me?  
Aurélia: Claro.  
Alfredo: Parece que os bandidos eram antigos seguranças aproveitando-se da familiaridade para o assalto. Seu pai deve ter dado demonstração de tê-los reconhecido e foi morto.  
Aurélia: A pauladas?...  
Alfredo: Acho que não quiseram chamar a atenção com os estampidos das armas de fogo. Segundo o que pude entender, não havia ninguém no escritório, onde aconteceu o crime. Foi uma fatalidade.  
Aurélia: Quer dizer que os repórteres estão dizendo que meu pai estava mancomunado com os criminosos?  
Armando: Exatamente isso.  
Aurélia: Será que mais alguém viu o noticiário?  
Alfredo: Esses programas são todos gravados, obrigatoriamente. Qualquer juiz pode determinar a apreensão das fitas. Se for do interesse...  
Armando: Alfredo está dando verdadeira aula de procedimento jurídico.  
Rodrigo: Eu aprendi muita coisa com ele.  
Armando: Vamos embora. Aurélia vai vestida assim mesmo.  
Aurélia: Você está ficando louco! Eu não estou querendo sair de casa. Vão vocês.  
Amália: Mãe, isso não tem sentido.  
Rodrigo: É verdade.  
Armando: Só faltava essa.  
Aurélia: Tenho medo de dar vexame. E se eu desmaiar como agora há pouco?  
Armando: No hospital, eles têm todos os recursos.  
Aurélia: Vocês não estão com fome?  
Rodrigo: Se é pra comer alguma coisa, é bom fazer uma boquinha, que a noite vai ser longa, até que a gente possa voltar.  
Aurélia: E há tanta comida. Por que comer lanche na rua, se vocês podem jantar aqui?! Não precisam desta formalidade da sala. Vão à cozinha. Esquentem o estrogonofe. Tem salada de salmão. Amália pode fazer as honras da casa.  
Amália: Deixem comigo. Vamos pra cozinha. A gente se vira.  
Rodrigo: Venha, Cleia.  
Cleia: Eu acompanho vocês, mas estou sem fome.

Alfredo: Comer e coçar...

Aurélia: Qualquer coisa, me chamem. [*Saem os rapazes e as moças.*]

### Cena 13.

Armando.

Aurélia.

Armando: Você acabou não contando o que conversou com Teresa.

Aurélia: Você não é capaz de imaginar? Ela está querendo provar que papai, sendo homem honesto, leal, bondoso, trabalhador, deve ter recebido muita luz dos seres superiores...

Armando: Anjos...

Aurélia: Ela chamou de espíritos, de protetores, de benfeitores, de missionários, que sei eu. Usou um monte de denominações e chegou até a falar em anjo... Que tipo de anjo, meu Deus?

Armando: Anjo de guarda?

Aurélia: Não foi bem assim que ela disse mas tem o mesmo sentido. Anjo... anjo... Acho que anjo guardião. Se não for isso...

Armando: Não importa. Quer dizer que ela acredita que seu pai foi pro Paraíso?

Aurélia: Ela não disse assim. Eu bem que perguntei se foi pro Reino de Deus, mas ela disse que deve estar nalguma colônia espiritual...

Armando: No Purgatório, então?

Aurélia: Isso ela não disse, mas fez questão de mencionar que, no Inferno, ele não teria motivo pra ir, apesar de não ter confessado nem comungado, pelo que sei, desde a juventude.

Armando: Pois eu acho que dificilmente ele escapará de passar uns tempos no Purgatório.

Aurélia: Como assim?

Armando: Você já se imaginou na presença de bandidos que desejam lhe roubar e que lhe dão pauladas? Pois você deve falar uns palavrões, pra dizer o mínimo. Ninguém vai dizer, como Jesus: "Pai, perdoe-os porque eles não sabem o que fazem!" Isso é bom pro Filho de Deus. Pessoas comuns não são tão desprezadas.

Aurélia: Pois eu posso dizer que meu pai era bem capaz de agir exatamente dessa maneira. Eu nunca vi ninguém com tanto amor pela humanidade. Você talvez nunca tenha visto, mas ele contribuía com todas as arrecadações de fundos de benemerência.

Armando: A ideia que faço do seu pai é dum homem de princípios morais inatacáveis. Tanto que eu acho que Dona Júlia deve estar sofrendo horrores.

Aurélia: É de mamãe que eu tenho mais pena. Por isso é que eu até acho que as ideias de minha irmã devem ser tranquilizadoras. Se mamãe acreditar em que meu pai está bem, sem revoltas, sem desejos de vingança...

Armando: Era isso que eu desejava dizer...

Aurélia: Eu entendi. É que papai é especial. Não é um ignorante qualquer. Ele sempre soube dar educação pros filhos, tanto que, sempre que perdia uma das crianças, queria ter outro filho e mais outro. Infelizmente, as doenças... *[Aurélia se deixa embalar por fortes soluços e chora no ombro do marido.]*

Armando: Vamos colocar a cabeça no lugar, já que no coração nós não mandamos. É bom você desabafar. As lembranças de seu pai devem ser as melhores. Ele foi uma bênção do Senhor nesta terra de tantos homens ruins. Desculpe, querida, mas não sou capaz de lhe dar o conforto que você precisa. *[Aurélia se recompõe com dificuldade.]*

Aurélia: Teresa insistiu em que é possível a gente conversar com o espírito de papai.

Armando: Como?

Aurélia: Ela disse que existem pessoas que recebem as informações do outro mundo...

Armando: São os médiuns. Mas você acha isso possível?

Aurélia: Nunca vou acreditar. Os padres mandam a gente ficar longe dessas coisas. Dizem que os demônios vêm pra nos tentar. Que coisa poderia meu pai falar, que a gente não saiba?

Armando: Quem sabe ele fale os nomes dos assassinos.

Aurélia: Pra quê? Agora não adianta mais nada.

Armando: Como, pra quê? Pra polícia prender e a Justiça colocar na prisão. Gente assim não merece viver em sociedade. Eu não acho que quem pratica um crime tão hediondo possa ficar livre por aí. Não deve ter sido o primeiro e, se ficarem soltos, vão matar mais gente inocente, chefes de família...

Aurélia: Mas, um dia, vão se encontrar com o Pai e vão ter de responder a ele.

Armando: Enquanto isso, vão desgraçando outras vidas. Se o seu pai, realmente, reconheceu os bandidos, poderá prestar excelente serviço à comunidade.

Aurélia: Eu nunca vi ninguém ser preso porque as vítimas voltaram pra contar.

Armando: Nem eu. Só estou especulando porque você perguntou o que poderia o velho contar.

Aurélia: Você não quer ir comer alguma coisa?

Armando: Vamos deixar os jovens à vontade. Eu tenho uma ideia. Vamos pedir a eles pra irem na frente. Quando você estiver melhor, nós vamos. Rodrigo vai com a missão de saber se podemos ser úteis e, qualquer coisa, ele liga pra nós. O que é que você acha?

Aurélia: Eu só posso agradecer sua atenção.

Armando: Se for preciso, a gente pode providenciar algum remédio pra que você se acalme.

Aurélia: Eu não gosto de tomar nada que me faça ficar sonolenta.

Armando: Nada tão forte. Um relaxante, um calmante fraquinho, um chá de cidreira. Você está com dor de cabeça?

Aurélia: Só uma dorzinha bem leve.

Armando: Então, uma aspirina pode fazer você se sentir melhor. Quer que eu vá pegar?

Aurélia: Não precisa. Se a dor piorar, antes da gente sair, eu tomo.

Armando: Está bem assim?

Aurélia: Está ótimo. Eu vou ficar mais sossegada. Qualquer coisa, a gente liga pra saber se o corpo já está sendo velado. Você não disse que não tinha sido liberado pelo...

Armando: I. M. L.: Instituto de Medicina Legal. Todos os que sofrem homicídio e até os suicidas precisam ir pra lá.

Aurélia: Não me fale dessas coisas. Tudo isso parece tão frio, tão sem sentimento. É que as pessoas não são da família dessa gente... Você me espera um pouco, que eu vou ver se Amália providenciou tudo direitinho. [*Sai.*]

## Cena 14.

Armando.

Rodrigo.

Cleia.

[*Armando apanha o celular e faz uma ligação. Antes de completar, Rodrigo entra, trazendo Cleia pela mão. Armando desliga.*]

Armando: Vocês já comeram?

Cleia: Eu falei que estava sem fome. Rodrigo até que beliscou um pouco.

Armando: Não gostaram da comida?

Cleia: Estava muito apetitosa, mas eu preferi ficar apenas na salada.

Rodrigo: Essa aí não come carne.

Armando: Não gosta?

Cleia: Princípios.

Armando: Eu conheço várias pessoas que não comem carne, por razões religiosas.

Cleia: Eu não tenho esse tipo de problema.

Armando: Então você deve ser alérgica...

Rodrigo: Ela é...

Cleia: Sinto remorso por provocar a morte dos animais.

Armando: Mas depois de mortos, que importância tem comer a carne deles?

Cleia: Eu não me sinto bem.

Rodrigo: São *sentimentos ecológicos*...

Cleia: Mas eu não ligo quando você come. Eu é que não me dou bem comigo mesma. Às vezes, me vejo obrigada a não recusar. Aí, como um pouquinho. Mas a consciência fica pesada. Começo a me lembrar de que os animais deveriam estar vivos, animados, experimentando a alegria de existir. No entanto, eles passam a ser o repasto de muito glutão...

Armando: Mas... e as pessoas que não têm outra fonte de proteína?

Rodrigo: Você está mexendo com vespeiro. Não dê corda que ela vai longe.

Armando: Uma filósofa existencialista?!...

Cleia: O que eu sinto é só meu. Não quero passar os meus sentimentos pra mais ninguém. Não digo pra ninguém deixar de comer. Também não gosto quando insistem em que eu também preciso...

Rodrigo: Eu não falei?! Já está melindrada.

Armando: Desculpe, minha filha. Mas eu acho que a sensibilidade a respeito da morte dos animais é digna de elogio. Eu, de minha parte, nunca tive esses... esses...

Rodrigo: ... esses... esses...

Cleia: Não se preocupem. Vocês não vão me ofender. Basta que saibam que respeito a vontade dos outros e que desejo ver a minha respeitada. Mas isso não tem nada a ver com vocês. Vocês são esclarecidos e não me provocaram nenhuma revolta. Eu é que não fico à vontade pra falar a respeito desses temas, porque são de foro íntimo. O Rodrigo não tem culpa. *[Alfredo entra e para junto à porta.]* Se ele revelou o que penso, até que foi bom, assim o senhor ficou sabendo que não vou cometer nenhum ato de rebeldia, quando me recusar a comer as comidas que me oferecerem.

## Cena 15.

Armando.

Rodrigo.

Cleia.

Alfredo.

Armando: Eu é que estou admirado com a lucidez dos jovens de hoje. O Alfredo já me deu algumas ideias a respeito da justiça e, principalmente, dos crimes e criminosos. Agora você me fala de sentimentos de consciência. Aurélia veio falar a respeito de espíritos e de vida após a morte. Eu é que estou me vendo num remoinho de conceitos...

Alfredo: Não pude deixar de ouvir. Posso pedir-lhe para não ser preconceituoso e a sua manifestação estará perfeita. A gente deve sempre respeitar a opinião alheia. O senhor...

Armando: Você, eu insisto.

Alfredo: Você, desculpe, está demonstrando ser uma pessoa aberta para a...

Armando: Fechada, isso, sim.

Rodrigo: Quero lembrar a vocês que temos compromissos mais sérios de que essa *rasgação* de sedas.

Alfredo: Devo insistir em que estou encantado com as reações de respeito pelos outros do Senhor Armando.

Armando: Pois eu insisto que sou uma pessoa fechada pro elogio fácil que me fazem. Se não fosse fúnebre —se Aurélia estivesse aqui eu não diria nada—, ia pedir pra que reservassem as amáveis palavras pro meu necrológio ou pro meu epitáfio.

Alfredo: Além do mais tem presença de espírito.

Rodrigo: Vou buscar Amália...

Alfredo: Eu vou, mas acho que ela está confortando Dona Aurélia.

## Cena 16.

Armando.

Rodrigo.

Cleia.

Alfredo.

Amália.

Aurélia.

Amália [*Entra apoiando a mãe.*]: Já estou chegando. Mamãe pediu pra gente ir na frente. Eles irão depois. Vamos sentir o clima e ligar avisando. Eu não quero que ninguém...

Rodrigo: Está certo. Vamos embora.

Armando: Não demorem pra ligar. Se Norival estiver disponível, peçam pra ele falar comigo.

Aurélia: Eu acho que já estou melhor. Amália foi muito legal. É preciso a gente se conformar com o destino. Há tanta gente em pior situação, sofrendo perdas muito mais dolorosas. Meu pai até que teve muito boa oportunidade de viver com alegria. Vão, que está ficando muito tarde.

Amália: Vejam se não demoram senão a gente vai pensar que aconteceu alguma coisa.

Armando: Vão em paz.

Alfredo: Até daqui a pouco.

Cleia: Tchau!

Amália: Fiquem com Deus!

Aurélia: Tomem cuidado na rua!

Rodrigo: Pode deixar. Eu cuido de todos.

Armando: Não se esqueçam do que eu pedi. [*Saem os quatro jovens.*]

## Cena 17.

Armando.  
Aurélia.

Aurélia: Agora que estamos sós, vamos programar a nossa noite.

Armando: Tem pouco que *programar*. A festinha particular acabou...

Aurélia: Por quê? As nossas necessidades básicas continuam existindo, independentes dos fatos que envolvem as outras pessoas.

Armando: Não vamos ser tão frios nem fazer nada do que possamos nos arrepender mais tarde.

Aurélia: Tenho a certeza de que papai está bem, sob o amparo do Senhor. Nós é que ainda devemos continuar vivendo as nossas vidas. É uma questão de tempo. Hoje, nós estamos sob o impacto das notícias. Vamos supor que nada soubéssemos dos acontecimentos. Não é verdade que estaríamos...

Armando: Essa linha de pensamento vai levar a gente a fazer ideias erradas sobre as coisas. A gente tem de se apegar à realidade. Tudo o que estiver além disso é fruto da imaginação e quem vive através das criações mentais acaba no hospício.

Aurélia: Mas que poderemos fazer pra ajudar meu pai?

Armando: O seu pai, só se rezarmos, o que eu tenho feito nos momentos em que estou...

Aurélia: Talvez você tenha rezado um padre-nosso ou dois. Eu, entretanto, não consigo passar um instante sem rogar a Deus pela paz da alma bondosa daquele ser que me deu a vida. Pra falar a verdade, quem está me deixando mais nervosa é a mamãe, que deve estar sofrendo muito.

Armando: O que você estava querendo dizer com *programar*?

Aurélia: Vamos fazer de conta que nada aconteceu. A gente janta e depois vê se relaxa um pouco das pressões do dia. Vinte anos de recordações devem ser o suficiente pra despertar a nostalgia dos melhores momentos.

Armando: Do jeito que você está colocando as coisas, vamos acabar na cama...

Aurélia: Possivelmente, se não nos deixarmos impressionar pela tragédia.

Armando: Eu não acho esse procedimento inteiramente honesto pra memória de seu pai. Será que, mais tarde, você não irá recordar-se de não ter dado atenção ao resto da família, preferindo...

Aurélia: É que passei o dia todo imaginando coisas. Você tem estado muito distante.

Armando: O tempo passa e a juventude vai ficando pra trás. Os ardores da mocidade fenecem, como diria o poeta.

Aurélia: Que poeta?

Armando: Qualquer um que se preocupasse com o passar do tempo, com a inexorabilidade material...

Aurélia: Você está falando a mesma coisa que eu, só que com palavras mais bonitas.

Armando: Se você quiser, eu posso criticar essa sua atitude.

Aurélia: Será que você não está com vontade de experimentar a comida? Os rapazes quase não comeram nada. Mas está tudo tão apetitoso...

Armando: Vamos à cozinha. A gente come...

Aurélia: Se fosse pra fazer isso, eu não teria gastado todo o meu latim. O que eu estou querendo é acender as velas, abrir os vinhos, comer até a sobremesa...

Armando: Se você está tão decidida, não vamos perder tempo. Vamos buscar...

Aurélia: Você fica aqui mesmo. Eu vou buscar o jantar, do jeitinho que eu tinha projetado.

Armando: Você é quem sabe, mas eu acho que nós não vamos comer nem um décimo do normal. Você vai ver que o arrependimento vai chegar e nós iremos embora bem antes do que você está querendo.

Aurélia: Não tem importância. Pelo menos, vou ter o prazer de recordar os tempos em que estávamos sozinhos. Espere só um pouco. [Sai. Armando apanha o celular e disca. Aurélia retorna e Armando disfarça.] Eu trouxe o vinho branco. Enquanto você abre a garrafa, eu vou pôr pra aquecer o estrogonofe. A gente vai comendo a salada, que deve estar uma delícia.

Armando: Dá aqui. [Recebe a garrafa e o saca-rolhas. Aurélia sai. Armando abre a garrafa. Aurélia retorna com a salada e acende as velas.]

Aurélia: Veja que beleza. Só Cleia comeu um pouco e ainda assim pôs de lado o salmão.

Armando: Ela disse que é vegetariana.

Aurélia: E eu não sei?! Já pensou, se der certo esse namoro, a complicação que vai ser pro Rodrigo?

Armando: Ela disse que não faz questão de ver ele comendo carne. Ela é que não se sente bem.

Aurélia: Conversa fiada. Quando ele estiver *no papo*, ela muda de opinião e vai querer que ele também deixe de comer os pratos que tanto gosta.

Armando: Você me serve um pouco, por favor?

Aurélia: Vamos brindar, primeiro. [Armando enche duas taças.]

Armando: Ao nosso casamento!

Aurélia: Que Deus nos proteja até o fim e que não desampare os nossos filhos. E que receba a alma de papai em sua santa glória. [Tocam os copos e bebem.]

Armando: Isto está me lembrando que ouvi dizer que os japoneses fazem verdadeiras festas gastronômicas, quando falece alguém.

Aurélia: Quanto aos japoneses, eu não sei. Mas tem muita gente que comparece aos velórios só pra beber e comer. [Soa o telefone.]

Armando: Deixa que eu atendo. Pronto!... Sim... Sei... 'Tá certo... Tudo bem... Podem vir... Quer falar com sua irmã?... [Para a esposa.] Teresa quer falar com você.

Aurélia: Pronto... Certo... Vocês já estão vindo?.. Daqui a uns dez minutos?... 'Tá bom... Como ela está?... Graças a Deus! [Desliga.] Gorou o meu plano.

Armando: Eu não disse que as coisas hoje estão diferentes. Nem poderia...

Aurélia: Você sabe quem vem?

Armando: Eu entendi que sua irmã e sua mãe.

Aurélia: Elas querem fugir da multidão.

Armando: Ela lhe falou a respeito do velório?

Aurélia: Parece que vai demorar pro corpo retornar do necrotério. Vão fazer a perícia médica.

Armando: A autópsia é de rigor, embora, nesses casos, o legista queira despachar logo, já que não há mistério nenhum. O trabalho que vão ter é o de fotografar as partes lesadas, pro inquérito policial. É preciso documentar...

Aurélia: Eu acho que não vai dar tempo de a gente jantar. *[Apanha o prato de salada e come duas garfadas rápidas.]* Que judiação desperdiçar esta oportunidade...

Armando: Agora deu pressa...

Aurélia: Eu não podia falar pra elas que não viessem. Ainda bem que Norival não vem.

Armando: Eu acho melhor deixar vocês três em casa e ir ajudar o seu irmão.

Aurélia: De acordo, mas não pode sair correndo.

Armando: Eu vou esperar que elas cheguem. É capaz que Rodrigo ainda ligue. Você quer mais vinho?

Aurélia: Vou recolher tudo da mesa, senão elas vão reparar.

Armando: Bem pensado. Quer ajuda?

Aurélia: Não se acanhe. Ponha as coisas nos lugares. *[Desfazem a arrumação, mantendo sobre a mesa os castiçais e o vaso de flores.]* Eu vou deixar tudo em ordem na cozinha. Será que elas vão querer comer?

Armando: Acho que essas preocupações não condizem... *[Aurélia sai sem dar ouvidos.]*

## Cena 18.

Armando: *[Pega o celular e disca. Aguarda a chamada. Fala baixinho.]* Aconteceu um imprevisto. Mataram o meu sogro... É... Isso mesmo. Você entendeu. Não posso falar muito. Tchau! *[Desliga e guarda o aparelho no cinto. Segue em direção da cozinha. Marcação de tempo através da iluminação.]*

## Cena 19.

Armando.

Aurélia.

Armando *[Come com o prato na mão.]*: Você tinha razão. O estrogonofe está delicioso.

Aurélia: O que você pegou cabe num dedal.

Armando: Só estou experimentando. O vinho me deixou com apetite mas não estou com vontade de me empanturrar. A salada foi suficiente. Este ar de desgraça...

Aurélia: É isso que estou combatendo. Sinto-me completamente desequilibrada. Gostaria de não pensar em papai mas ele não me sai do pensamento.

Armando: Eu não disse que você não ia conseguir...

Aurélia: Se não fosse o telefonema de Teresa e tudo ia acontecer do modo como eu queria.  
Armando: Isso você vai ficar me devendo. [*Soa a campainha.*] Chegaram.

## Cena 20.

Armando.  
Aurélia.  
Júlia.  
Teresa.

[*Entram Júlia e Teresa. Júlia está transtornada. Teresa a sustenta. Armando e Aurélia ajudam e a levam até a poltrona.*]

Aurélia: Mamãe, que desgraça! [*Abraçam-se demoradamente. Armando cumprimenta a cunhada.*]

Armando: A gente não sabe nem o que dizer. Foi uma perda.

Teresa: Eu precisei tirar mamãe de lá porque o pessoal estava revoltado contra os bandidos e contra a televisão. Vocês ficaram sabendo?

Armando: Eu vi os noticiários. Parece que todos combinaram em achincalhar a memória de seu pai.

Teresa: Você não sabe o que eles aprontaram com a gente. Vieram com as perguntas mais absurdas. Foi preciso chamar a polícia. Esconder o rosto, como se a gente fosse bandido. Ameaçar quebrar as câmaras. Uma baixaria.

Armando: Santo Deus! A gente aqui neste sossego e vocês precisando... [*Entra Alfredo.*] Ah! Foi ele quem serviu de motorista.

## Cena 21.

Armando.  
Aurélia.  
Júlia.  
Teresa.  
Alfredo.

Alfredo: Estava guardando o carro.

Teresa [*A Armando.*]: Ele tem sido muito prestativo. Acionou o pai...

Armando: Precisaram da ajuda do delegado?

Alfredo: Só para apressar o despacho burocrático. O seu cunhado já havia azeitado os corruptos e a papelada correu. Mas existem providências demoradas mesmo e, antes de amanhã cedo, não vão liberar o cadáver.

Júlia: Armando, você perdeu o seu sogro.

Armando: Meus pêsames, Dona Júlia! É uma perda irreparável. Nós ficamos transtornados. Aurélio nem conseguiu desfazer a toaleta...

Júlia: Bem no dia do aniversário de casamento!

Aurélio: Recebi a notícia quando estava esperando Armando. Nem bem o telegrama chegou e ele chegou em seguida. A senhora já está melhor?

Júlia: Eles me deram um remédio pra pressão. Eu pensei que ia morrer. Faltou o ar. O coração disparou. Acho que teria sido melhor que eu também fosse embora.

Aurélio: Não diga isso. A senhora ainda tem muito tempo pela frente.

Armando: Vai ter de ajudar a criar os bisnetos que logo vão começar a chegar.

Teresa [*A Armando.*]: O Norival disse que vai passar por aqui, quando se livrar da burocracia. Ele quer falar com você a respeito dos negócios de papai e das providências pra manter a loja aberta.

Armando: Não tem problema nenhum. Eu dou uma olhada nas coisas. Amanhã a gente fecha por luto. Ele vem sozinho ou vai trazer mais alguém?

Teresa: Eu acho que ele quer vir falar particularmente.

Armando: Então, esta noite, não vamos mais sair.

Teresa: Não há necessidade.

Armando: Você sabe se Norival está providenciando que as investigações progridam?

Teresa: Eu não fiquei muito tempo com ele. Cuidei de mamãe. Alfredo deve estar mais a par desse assunto.

Armando: Alfredo, você ouviu a conversa?

Alfredo [*Aproxima-se.*]: Desculpe-me.

Armando: Falávamos sobre as investigações policiais.

Alfredo: Não tive tempo de inquirir a respeito. O que sei é o que vi na televisão. Entretanto, posso deduzir que os policiais estejam atrás dos criminosos. Pelo que entendo, não devem estar longe.

Armando: Afinal de contas, o que eles realmente levaram?

Alfredo: Não tenho ideia. O dinheiro e as joias desapareceram, mas o cofre não foi aberto. Podem ter levado alguma mercadoria. Os sinais de luta que vimos na matéria jornalística provam que não tiveram muito tempo, porque devem ter feito barulho.

Armando: Quem avisou a polícia?

Alfredo: Tudo indica que foram os balconistas ou os vizinhos, porque estava na hora de fechar ou já estava fechado.

Teresa: Parece que foram transeuntes que viram a correria dos bandidos. Segundo o que soube, havia um carro nas proximidades que saiu na disparada. Mas as pessoas não quiseram testemunhar. De qualquer modo, uma viatura conseguiu correr atrás dos criminosos, sem sucesso. Não sei se tomaram nota da placa.

Alfredo: Carro roubado, com certeza. Já deve ter sido encontrado abandonado.

Armando: Mas o dono pode reconhecer os bandidos...

Alfredo: Dificilmente. Quando acontece isso, os meliantes largam o carro em qualquer lugar. Não utilizam para os assaltos. Só vão com a certeza de que não poderão ser

relacionados aos crimes. Por isso, alguns matam os donos dos veículos. É que têm pressa...

Teresa: Deus nos livre e guarde!

Aurélia: Parece que dessa papai não escapou.

Teresa: Acho que dei um fora... Desculpe, querida!

Júlia: Aurélia, me arruma um copo d'água.

Aurélia: Quer mais alguma coisa? Um suco, uma bebida mais forte, um calmante?...

Júlia: Chega de calmante. Só água.

Aurélia: Vocês não querem comer?

Teresa: Vocês não iam jantar fora? Agora é que estou reparando: onde estão as empregadas?

Aurélia: Dispensei porque eu e o Armando queríamos um jantar íntimo. A comida veio dum bufê.

Teresa: Que transtorno!

Aurélia: Os meninos já comeram. Tem salada de salmão e tem estrogonofe.

Teresa: E vocês?

Aurélia: Beliscamos. Quem é que tem vontade de comer numa hora dessas?! Estávamos nos preparando pra passar a noite no hospital. Aí comemos um pouquinho. Se vocês quiserem, está tudo muito bom. Eu trago...

Teresa: Mamãe, a senhora não quer comer um pouquinho? Vai fazer bem. Não é bom ficar tanto tempo em jejum. A senhora almoçou mas não comeu mais nada depois.

Júlia: Eu posso experimentar a comida. Mas não precisa trazer. Nós vamos até à cozinha.

Aurélia: Vamos. [*Tenta ajudar a mãe mas esta se ergue sozinha. Teresa também se oferece, mas Júlia avança firme. As três saem.*]

## Cena 22.

Armando.

Alfredo.

Armando: Você tem mostrado conhecer os meandros da vida criminosa.

Alfredo: Papai me põe a par dos casos mais interessantes. Eu mesmo tenho muita vontade de me aperfeiçoar em Direito Criminal. Mas não desejo a defesa. Prefiro a acusação.

Armando: A defesa social...

Alfredo: É isso mesmo. A promotoria nada mais é do que um serviço de manutenção dos princípios sociais ofendidos pelos contraventores. [*Soa a campainha. Armando vai atender à porta.*]

## Cena 23.

Armando.

Alfredo.

Norival.

Armando: Vá entrando.

Norival: Estou furioso. Você acredita que querem incriminar meu pai, como se ele estivesse mancomunado com assassinos e assaltantes?

Armando: A reportagem da televisão...

Norival: Esses são o de menos. A polícia é que está encaminhando as investigações nesse sentido. Existe um detetive... [Interrompe. Abaixa a cabeça, enxuga os olhos e assoa o nariz.] Filho da...

Armando: O pai de Alfredo não está ajudando?

Norival: O Alfredinho foi muito *bacana*. Se não fosse por ele, a gente estava até agora na delegacia. Um simples telefonema do pai dele e os...

Alfredo: Eu pedi a papai para intervir. Contudo, nesses casos, as perquirições apenas se adiam. Encontradas pistas, serão lavrados a termo os depoimentos das testemunhas, segundo a tendência considerada. Devemos torcer para que os criminosos sejam apanhados com vida, porque, se forem executados pelos meganhas, as suspeitas só aumentam quanto ao envolvimento das demais pessoas arroladas.

## Cena 24.

Armando.

Alfredo.

Norival.

Aurélia.

Aurélia [Entrando.]: Norival! Norival! Que loucura! [Abraçam-se.]

Norival: O que me conforta, é que papai não sofreu. A primeira pancada deve ter sido fulminante. Por trás. Os covardes nem enfrentaram o velho frente a frente.

Aurélia: Santo Deus! [Chora, a ponto de sufocar-se.]

Armando: Querida!

Norival: Calma, Relinha! Calma!

Aurélia: Não consigo...

Armando: Tome um pouco d'água.

Aurélia: Me deixe em paz. Não quero nada.

Armando: Um pouco de vinho branco...

Aurélia: Não quero nada! Paizinho... Pelo amor de Deus!... [*Armando leva Aurélia para dentro. Ouvem-se suas queixas.*] Que desgraça, Deus meu! Que sofrimento! Paizinho! Paizinho!

## Cena 25.

Alfredo.

Norival.

Norival: Pobre Aurélia. Sempre tão apegada ao pai. Foi ela quem patrocinou a festa de bodas de prata dos velhos. Foi ela quem lhes deu as passagens pra excursão à Europa.

Alfredo: Esse não é o primeiro ataque de nervos do dia.

Norival: Se ela visse papai, como eu vi, uma posta de carne e sangue em lugar do rosto. A cabeça afundada, com os miolos saindo pelos...

Alfredo: Admiro o seu controle emocional.

Norival: Eu já desesperei. O que me fez ficar de posse de mim mesmo foram as acusações contra ele.

## Cena 26.

Alfredo.

Norival.

Armando.

Armando [*Entrando.*]: Eu acho que ela vai ficar bem. Teresa está dando consolo a ela e Dona Júlia está readquirindo a fortaleza moral de toda a vida.

Norival: Armando, por favor, será que nós poderíamos conversar a respeito da loja de meu pai?

Armando: Claro! O que é que o afeta?

Norival: Eu não vou ter tempo de manter os negócios em dia e não confio em nenhum dos empregados. Será que você vai ter um tempinho...

Armando: E seus irmãos, não há nenhum que deseje levar avante o empreendimento?

Norival: Todos pensaram em você. Cada um tem seus negócios e pouca experiência no ramo dos armarinhos.

Armando: E quem disse que eu tenho?

Norival: Pelo menos, você é comerciante de longa data. Não vai ter dificuldade alguma. Depois, você tem montado um eficiente departamento contábil...

Armando: E como é que a sociedade vai organizar-se? Não se esqueça de que vem aí uma partilha dos bens. A sua mãe vai ficar com setenta e cinco por cento. Só vinte e cinco serão repartidos entre os filhos. E são tantos...

Norival: É justamente por isso que não tem ninguém interessado. Você, ao contrário, poderá ajustar com mamãe parte dos lucros ou quantia fixa, dando a ela o resultado do movimento. Vai ser uma espécie de pensão.

Armando: Você tem ideia de quanto seu pai vinha arrecadando?

Norival: Não era muito. Ele pagava muito bem os empregados e quase tudo ia na folha de pagamento. Além do mais, o velho aviltava os preços, vendia a prazo, ou melhor, fiado mesmo, tendo muitos caloteiros. O volume de cheques sem fundo é enorme. O que ajudava o velho era o grande volume das vendas. Em todo caso, possivelmente, com a queda do comércio dos últimos tempos, pode ser que esteja devendo a um ou mais fornecedores. Dentro, é claro, de prazos negociados, mas devendo.

Armando: Você está querendo que eu assumo um rabo de foguete.

Norival: Estou rogando que você assumo a direção do estabelecimento. Verifique em que pé estão os negócios e apresente o dossiê à irmandade, pra que, juntos, tomemos as decisões mais lógicas e sensatas. Nas mãos de mamãe é que as coisas não podem ficar.

Armando: Por que não? Ela é tão lúcida. Pelo que sei, seu pai não teria chegado aonde chegou, se não fossem os conselhos dela. Digo mais: se não fosse a atitude de sua mãe, restringindo as doações às casas de benemerência, igrejas, creches, asilos, orfanatos, centros espíritas...

Norival: Mais um motivo pra você exercer fiscalização de caráter rigorosamente técnico. Vai haver necessidade de levantamento de todo o estoque, das entradas e saídas, da folha de pagamento, das faturas, enfim, de compra e venda.

Armando: Não seria melhor passar adiante o ponto?

Norival: E o espólio?

Armando: Isso se arranja rapidamente. Um bom advogado... Eis aí o Alfredo que pode assumir a nossa causa.

Norival: Não sei, não. Essas coisas demoram.

Alfredo: Estou acompanhando a conversa com muito interesse mas essa parte de me integrar aos negócios de vocês não vai comigo.

Armando: Onde está, então, o seu interesse?

Alfredo: Se o Senhor Edmundo era pessoa tão bem dotada de virtudes...

Armando: Indubitavelmente...

Alfredo: ... eu acho que o crime não pode ter sido cometido por alguém que estivesse com raiva dele.

Norival: Você está começando a entender a razão de minha revolta.

Alfredo: Por outro lado, sem querer meter minha colher de pau na sopa...

Armando: Por favor...

Alfredo: ... eu acho que algum dos netos poderá ficar muitíssimo satisfeito em administrar os negócios, com a premissa de que, após um tempo definido em contrato, os herdeiros lhe cedam os direitos de propriedade.

Norival: É caso pra pensar.

Armando: Aí pode haver discussão feia...

Alfredo: Qualquer solução deverá merecer o acórdão dos filhos e, principalmente, de Dona Júlia. Se não houver unanimidade, que se pense em outra solução. Deixo aí o meu contributo.

Armando: Alfredo, quanto anos você tem?

Alfredo: Vinte e quatro.

Armando: É admirável a sua condição intelectual...

Alfredo: Pois, se me visse jogando futebol, iria dizer que sou débil mental...

Armando: Não acredito. Quem é tão bom numa coisa, deve ser ótimo em quase tudo. Você não me engana.

Norival: Gostei da sugestão. Em todo caso, isso só vai ser possível, depois que se fizerem todos os levantamentos. Pra isso é que estou contando com você.

Armando: Amanhã —acho que isto é definitivo—, a loja se fecha por motivo de luto.

Norival: Claro!

Armando: A gente pode reunir os irmãos e deliberar sobre o que fazer. Conforme eu sentir a disposição de todos e depois de ouvir a opinião de Dona Júlia, poderei fazer o que você está me pedindo. É uma questão de enviar o meu pessoal ao escritório...

Norival: Provavelmente, estará interdito pela polícia. Só vai ser liberado depois que realizarem as perícias...

Alfredo: Talvez meu pai possa apressar essa parte.

Armando: Isso seria ótimo.

Norival: Ficamos assim. Parece que as coisas se encaminham.

Armando: Você, naturalmente, irá pressionar a polícia pra encontrar os criminosos.

Norival: Essa é a outra razão de eu pedir a você pra cuidar da loja. Pretendo cair de pau naquela cambada...

Armando: Não vá ofender o Alfredo.

Alfredo: Ele escreve o que disse e eu assino embaixo. É verdade. Os quadros das polícias estão a merecer acurado exercício de moralização e expurgo.

Norival: Está vendo?

Armando: Eis que chegam os jovens.

## Cena 27.

Armando.

Norival.

Alfredo.

Rodrigo.

Amália.

Cleia.

Rodrigo: Pai, você não sabe que tristeza está tudo aquilo no hospital.

Amália: Está todo mundo revoltado.

Norival: Eu não disse?

Rodrigo: Ainda bem que não insistiram em ouvir os filhos.

Norival: Foi o pai de Alfredo quem providenciou...

Rodrigo: E eu não estou sabendo? Mas parece que a coisa veio de mais alto. Alguém lá de cima.

Alfredo: Papai deve ter acionado o *staff* da polícia.

Amália: Querido, muito obrigado. Depois que o tio Norival veio pra casa, a coisa ferveu. Quiseram pegar os irmãos pra entrevistar na marra. Eu corri...

Armando: Santo Deus!

Rodrigo: Mas os policiais interferiram e puseram os repórteres no lugar.

Amália: Nem tanto. Só depois de muita discussão. Se os tios não vão embora pela porta de trás, iam ter de enfrentar o maior vexame. [*Para Alfredo.*] É verdade. Você devia ter visto.

Alfredo: Eles conseguiram filmar?

Amália: Claro que filmaram. Só que eu não sei se as imagens vão ficar boas. A matéria não vai apresentar o depoimento de ninguém da família. Só se algum policial quiser se manifestar.

Armando: Sim, senhor, como as coisas estão mudadas! Mas ficou alguém na delegacia ou no hospital?

Rodrigo: Ficou o advogado que o tio Norival havia chamado.

Norival: Esse cara, o Reinaldo, é experiente. Não vai dar xabu.

Armando: Norival, venha até a cozinha. Vamos comer um pouco.

Norival: Vou mesmo. Quem sabe um copo de vinho me acalme os nervos.

Armando: Estou com uma garrafa que acabei de abrir, pra comemorar o aniversário de casamento. Pena que tenhamos... [*O restante da fala se perde no interior.*]

## Cena 28.

Alfredo.

Rodrigo.

Amália.

Cleia.

Rodrigo: Eu ainda estou com fome. Vamos sair pra comer alguma coisa?

Amália: Vai ser bom pra descontrair um pouco.

Rodrigo: Você topa, Alfredo?

Alfredo: Para falar a verdade, o ambiente aqui está sufocante. Este ar de tragédia me deprime. Já bastam as narrativas de meu pai, que chega cheirando a sangue fresco toda noite.

Amália: Narrativas que você faz questão de passar pra mim, todo dia.

Alfredo: Na falta de outro assunto. Por que você não quer entrar para a Faculdade de Direito?

Amália: Já não basta ter sofrido no vestibular uma vez?! Depois, o curso de História tem muita relação...

Rodrigo: Vamos deixar esses temas pro restaurante.

Amália: A Cleia está o tempo todo calada...

Cleia: Não se preocupe comigo. Estou observando o que se passa com as pessoas.

Rodrigo: Estudante de Psicologia...

Cleia: Talvez algum professor peça trabalho sobre as reações sob condições desfavoráveis de estresse...

Amália: Vou avisar papai. [*Sai.*]

## Cena 29.

Alfredo.

Rodrigo.

Cleia.

Rodrigo: Vocês estão com fome?

Alfredo: Nem um pouco.

Cleia: Já comi tudo o que eu tinha direito.

Rodrigo: Então, o faminto sou eu mesmo.

## Cena 30.

Alfredo.  
Rodrigo.  
Cleia.  
Amália.

Amália [*Entrando.*]: O tio Norival leva a vovó e a titia. Podemos ficar à vontade.

Rodrigo: Então, vamos. [*Apanham as tralhas e saem. Marcação de tempo através da iluminação*]

## Cena 31.

Armando.  
Norival.  
Aurélia.  
Teresa.  
Júlia.

Armando [*Entra abraçado a Norival, ambos com taças na mão. Atrás vêm Júlia, Teresa e Aurélia.*]: A vida tem as suas regalias, mas quando acontecem desgraças, parece que a gente se sente perdido.

Norival: Está na hora de ir pra casa. Será que mamãe vai querer ficar com vocês?

Júlia: Não tenho pressa nenhuma. Vocês podem tratar dos negócios. Vocês acham que vou ficar à vontade naquela casa, sem seu pai?

Teresa: Mamãe, a senhora não dispensou as empregadas?

Júlia: Ao contrário. Pedi pra mais uma passar a noite comigo.

Aurélia: Eu é que fui infeliz dispensando as minhas.

Teresa: Eu posso ligar pra casa, avisando que vou passar a noite com mamãe.

Aurélia: Se quiserem, eu posso ir junto. Só preciso me trocar.

Júlia: Fique com o seu marido. A noite está estragada, mas sempre é o seu aniversário de casamento. Eu reparei na prataria. Vocês devem ter tido a maior frustração.

Aurélia: E quem se importa? O importante é superar a falta que papai vai fazer. [*As filhas abraçam a mãe.*]

Armando: Teresa, que história foi aquela de que os mortos podem vir contar o que aconteceu? Será que seu pai vai poder revelar quem foram os assassinos?

Norival: Eu bem que gostaria disso. Evitava que a polícia corresse atrás de gente honesta.

Teresa: Os espíritos, que são as mesmas pessoas que nós, só que sem o corpo material...

Armando: Sendo espíritos, certamente não têm corpos. Parece evidente.

Teresa: A hora não é a melhor pra discutir as teses da doutrina espírita.

Júlia: Pois agora é a melhor hora. Estamos todos interessados. Se é como você diz, Edmundo deve estar querendo comunicar-se, dizendo o que está sentindo, se ainda está sob a impressão das pauladas...

Aurélia: Mamãe!

Júlia: E não foi isso que fizeram com ele?

Aurélia: Pois eu acho que ele não deve estar sentindo mais dor alguma, preparando-se pra...

Armando: Já falamos sobre isso. Se existir um Purgatório, eu acho que ele deve estar lá, porque deve ter ficado... *uma arara* com os assassinos.

Teresa: Já que vocês estão interessados, eu vou dizer o que sei sobre o Espiritismo.

Norival: Seja breve, porque estou cansado.

Teresa: Você pode ficar deitado no sofá. Se quiser dormir, durma. Você não avisou em casa que iria demorar pra chegar?

Norival: Quanto a isso, não me preocupo. Se não se importarem, vou aceitar a sugestão.  
[*Estira-se no sofá, desalojando Armando, que vai sentar-se perto das senhoras.*]

Teresa: A respeito do corpo imaterial dos espíritos, Paulo, o Apóstolo, faz referência a um corpo espiritual. Por informações do plano maior, Kardec desenvolveu a tese de que existe um corpo pros espíritos, que chamaram de *perispírito*.

Júlia: Perispírito. Isso eu já sabia. O que não compreendo é como a alma se desprende do corpo material pra vestir o corpo espiritual.

Teresa: Não veste, não.

Armando: Como assim?

Teresa: Kardec explica que nós sempre estamos vestidos com o perispírito, mesmo encarnados. Aliás, o perispírito está ligado ao corpo material por um fio luminoso, energético, de natureza fluídica, que é como chamamos as coisas do campo espiritual. Esse cordão, que alguns chamam de cordão umbilical do perispírito, é a última coisa que se desprende do corpo em decomposição, podendo levar mais ou menos tempo nesse processo de libertação da matéria.

Aurélia: Será que papai já se livrou, já cortou o cordão?

Teresa: É difícil de saber.

Armando: Numa sessão espírita, os médiuns não podem entrar em contato com espíritos que venham trazer essa informação?

Teresa: A invocação dos beneméritos, dos protetores, é sempre possível, mas a gente deve tomar cuidado com os espíritos malfazejos, os espíritos gozadores, que não perdem oportunidade de perturbar as pessoas que não tratam os assuntos com seriedade.

Armando: Mas é fundamental saber se Edmundo está sofrendo ou não. Será que esses protetores não vão querer ajudar a gente?...

Teresa: E o que a gente faria com esse dado, com esse elemento do mundo espiritual?... Nada que não possamos fazer sem ele.

Armando: O que podemos, então, nós fazer?

Júlia: Eu estou rezando pra solicitar assistência, consolação, compreensão do novo estado, perdão pros assassinos...

Norival: Que perdão que nada. Esses sujeitos precisam ser presos e condenados. Quem faz o que eles fizeram, daqui a pouco estão fazendo tudo de novo, desgraçando outras pessoas, outras famílias.

Teresa: Essas são as regras, as leis dos encarnados. No plano espiritual, as coisas se passam de maneira muito diferente. Quem não tiver o coração puro, não pode querer progredir, não pode querer passar pra mundos superiores, de maior paz e harmonia. Mamãe tem razão: nós podemos ajudar papai com nossas preces de muito amor e de muito respeito pela vontade de Deus.

Armando: Mas esses princípios estão em todas as religiões.

Teresa: Certamente, porque se fundamentam nos ensinamentos de Jesus e de outros avatares. Quanto ao aspecto moral, todas as religiões podem fazer o melhor pra ajudarem os que partem, em especial quando sofrem desastres, quando são atacados como papai...

Armando: Mas você não esclareceu se seu pai pode vir conversar com a gente, através dos médiuns.

Teresa: Esse tema é dos mais complicados. Vocês me permitem falar um pouco mais sobre ele?

Aurélia: Eu não sabia que você estava tão por dentro do Espiritismo.

Júlia: Pois eu sei disso há muito tempo. Até temos conversado sobre o outro mundo. Quando a idade está se aproximando, a gente vai ficando cada vez mais interessada em chegar do outro lado preparada. Tontos os que se apegam à vida, pensando que vão ficar pra semente.

Norival: E papai, será que ele estava preparando o seu lotezinho no Paraíso? Com todo o respeito...

Júlia: Você não pode ter dúvida quanto a isso. Lá em casa, a má era eu. Se fosse pelo seu pai, nós não teríamos mais nada. Tudo ele queria dar aos outros. E não precisava ser pobre, não. Bastava pedir, sugerir. Às vezes, até pra quem não se importava com os preços, vinha ele com descontos. Se não fosse essa ideia de Armando de que ele pode ter ficado furioso com os assassinos e eu acho que ele poderia estar agora recebendo de São Pedro permissão pra entrar no Paraíso.

Aurélia: É isso mesmo. Eu não conheço ninguém tão bondoso, tão generoso, tão desprendido dos bens materiais.

Teresa: Tudo isso, porém, não vai fazer que a gente se esqueça de pedir por ele, pra que as nossas vibrações facilitem a parte material dos trabalhos de desprendimento do cordão vital, levado a efeito pelos protetores espirituais.

Armando: Quer dizer que os que morrem são auxiliados pelos que estão à espera dele?

Teresa: Auxiliados ou prejudicados.

Armando: Como assim?

Teresa: Você acha que os maus, os assassinos, os bandidos merecem a ajuda dos espíritos mais perfeitos?

Armando: É lógico que não. Mas isso é ensinamento que não condiz com as normas evangélicas.

Teresa: Explique-se.

Armando: O evangelho de Jesus manda perdoar. Se os perversos não recebem ajuda dos bons, vão ficar à mercê dos maus. É como explica a religião católica ou a protestante: os demônios se apoderam das almas dos que vão ser arrastados pro Inferno.

Teresa: É mais ou menos isso o que acontece. Mas o Espiritismo tem explicação fácil de entender. É questão de simpatia ou sintonia vibratória. As pessoas boas se aproximam das boas e as más, das más. Isso por força de que as más não estão preparadas pra entender as leis superiores do evangelho. De que adianta você penetrar num presídio, por exemplo, de evangelho em punho, e começar a pregar a benquerença, a harmonia, o perdão, a boa vontade, o amor, a caridade e todas as demais virtudes?! Será que vai ser aceito? Talvez, enquanto tiver algo que eles queiram, como...

Armando: Entendi. Só não compreendo por que, lá na... como é que se chama o local em que ficam os espíritos?

Teresa: Diga espiritualidade, etéreo, campo fluídico. Se o local não for bom, é o Umbral ou, pior ainda, as Trevas. Mas essas nomenclaturas são adaptações à nossa cultura. Se você quiser chamar de Céu e de Inferno, de Tártaro, de Hades, de Abismo etc., também pode. Mas não chame de Purgatório, porque Kardec fez questão de dizer que este mundo em que vivemos é que é o verdadeiro purgatório, ou seja, o lugar apropriado pra queimarmos as gordurinhas da maldade, da perversão, dos vícios morais.

Armando: Você veio com o discurso preparado.

Teresa: Discurso mesmo. Esse é o tema de uma das aulas que eu dou pras pessoas — nós chamamos de *irmãos*— que desejam aprender a se comportar como médiuns.

Aurélia: Por que você nunca me convidou?...

Teresa: Existe uma norma que nos vem diretamente do Codificador, ou seja, de Kardec: quando o trabalhador está pronto, o trabalho aparece. O mestre sempre recomendou que a gente mantenha as pessoas praticando o bem. Ninguém precisa, realmente, conhecer Espiritismo, pra ser um candidato à bem-aventurança.

Júlia: Edmundo jamais participou de nenhuma reunião, em nenhum centro espírita, no entanto, tudo fazia segundo os preceitos de Jesus.

Norival: Não vamos santificar meu pai. Ele era um homem muito bom, mas daí a ser colocado num altar...

Aurélia: Você, faça o favor de calar essa boca. Veja se dorme e fica quieto.

Norival: As pessoas são o que são. A gente aprende com a vida e, se não aprender, é porque é burro. Será que papai é uma pessoa muito diferente do que nós iremos ser quando ficarmos velhos como ele?

Armando: Existem muitos velhos bem xucros. E muitas velhas que se comprazem em azucrinar a paciência dos filhos e netos.

Norival: Mas daí a dizer que o *Seu* Edmundo é santo...

Júlia: Eu sei por que você diz isso. Você guarda certa mágoa desde os tempos de menino.

Teresa: Se nós formos lavar toda a nossa roupa suja, vamos acabar concluindo que papai era um tremendo mau-caráter. Nós falamos aqui em espírito evangélico. Vamos aplicar nos pensamentos mais íntimos. Se eu tiver algum problema com meu pai, agora não vai adiantar mais ficar remoendo. Vou rezar pra me encontrar com ele tão logo eu chegue à Espiritualidade e lá a gente acerta as contas. Não foi Jesus quem recomendou que as pessoas se reconciliassem enquanto vivas? Pois, se Norival está magoado, fez muito mal em guardar esse sentimento dentro do coração. Deveria ter-se explicado com o velho. Talvez pudesse até se surpreender.

Júlia: Ia mesmo.

Armando: Nós falamos, falamos, mas não tocamos no ponto principal: é ou não é possível que ele venha nos contar a respeito de sua morte, ou melhor, de quem fez aquilo com ele?

Teresa: Eu vou responder pelo que eu acho e não pelo que eu sei.

Norival: O que você acha é aquilo que você não sabe?...

Teresa: Você me entendeu. A teoria nos diz que sempre é possível a pessoa que morreu vir imediatamente contar sobre seus sentimentos. Kardec invocou, com a ajuda de excelente médium, o espírito dum criminoso que acabava de ser enforcado. E ele respondeu. Mas acontece que Kardec estava sendo assistido por poderosa equipe de espíritos de luz, gente lá do alto, do próprio comando do Cristo. Esses espíritos tornaram possível que o criminoso permanecesse lúcido, pra responder às questões propostas pelo ilustre encarnado.

Armando: Edmundo não poderia merecer a mesma distinção?

Teresa: Esse é o ponto. Papai talvez até mereça mesmo, ao contrário do que está sugerindo esse aí. Acontece que a pergunta que se deve fazer é se nós merecemos ser atendidos por tão notáveis seres do etéreo. Aí, eu acho que não. O que nos move é apenas a curiosidade ou o rancor que nos estão despertando as atitudes da polícia e dos repórteres. Nada que a gente não possa resolver pela gente mesma.

Armando: Não seria excelente oportunidade de nos convencer de que o Espiritismo é a verdadeira doutrina?

Aurélia: Pelo menos, iríamos ter notícias de papai, saber se ele está bem, se não está com raiva dos assassinos, se não está sentido com nenhum dos filhos, se descobriu os segredos de cada um de nós, como a mágoa de Norival, por exemplo.

Teresa: Essas são questões importantes. Vocês acham que as convicções se firmam a partir dos fenômenos espíritas? De jeito nenhum. No tempo de Kardec, qualquer grupo de pessoas conseguia fazer as mesas girarem, sob influência dos espíritos. Divertiam-se, solicitando isso e mais aquilo. Mas perguntar algo de interesse, quase ninguém.

Armando: As mesas giravam espontaneamente?

Teresa: Sim.

Armando: E as pessoas não perceberam que se tratava de seres de outra dimensão?

Teresa: As teses materialistas corriam soltas. Os fenômenos físicos eram atribuídos a pessoas com certo magnetismo desconhecido. Falavam em eletricidade, em imantação.

Armando: E o que eles queriam? Não podiam fazer perguntas? Se o fenômeno era inteligente, a causa também devia ser. Ora, se havia uma inteligência, era possível entrar em contato com ela.

Teresa: E quem disse que não se fazia isso? As mesas respondiam, segundo alguns códigos. Ou elas davam estalidos ou se movimentavam. Com os estalidos, a turma perguntava e a resposta vinha com um *sim* ou um *não*: um estalido, *sim*: dois, *não*. Ou a mesa batia com um dos pés no chão: uma batida, a; duas b; e assim por diante. Longos discursos foram obtidos por essa forma, até que cismaram de colocar um lápis amarrado num dos pés. Aí, as mesas e, depois, as cestinhas e as pranchetas, levemente tocadas pelo médium ou pelas pessoas presentes, se deslocavam, escrevendo palavras e frases. Esse foi o começo. Mas não demorou pros médiuns pegarem os lápis eles mesmos, passando a escrever sob o influxo magnético dos espíritos, quer mecanicamente, quer intuitivamente.

Norival [*Sentando-se.*]: Mas isso tudo é muito interessante. Por que é que os padres e os pastores não contam aos fiéis essas coisas fáceis de comprovar e fazem a demonstração de que as almas das pessoas estão em torno de nós, pra nos evidenciar que devemos seguir as orientações do Cristo, amando o próximo e tudo fazendo pra benefício da sociedade?

Teresa: Você não me engana. Está me gozando, como se eu estivesse contando histórias da carochinha.

Norival: E não está?

Teresa: Nós podemos fazer um teste. Reunimos algumas pessoas, trazemos um ou dois médiuns. E eles ficam à vontade pra receberem as informações do plano espiritual relativas à vida particular de cada um de nós. As nossas mazelas, os maus pensamentos, as atitudes desonestas, a vontade de embair o próximo, tudo, tudo vai ser contado com particularidades. Você está disposto a enfrentar essa situação?

Norival: Não tenho nada a esconder. Até ficaria muito satisfeito em saber que minha vida está sendo acompanhada por seres alienígenas que poderão ajudar-me a resolver os meus problemas, favorecendo-me naquilo que mais estiver necessitado.

Teresa: Você fala brincando. Mas, se der outra tonalidade à sua voz, tudo o que você disse pode ser a verdade mais clara. Vai dia, vem dia, todos os nossos defeitos serão de domínio público. Apenas que as pessoas que nos conhecerem tão intimamente não irão julgar-nos, mas ajudar-nos, dar-nos orientação e apoio. Vão encaminhar-nos nas sendas do bem e do amor, conforme a pregação de Jesus.

Norival: Mexi no vespeiro. Devia ter ficado dormindo. [*Estira-se.*]

Armando [*A Teresa.*]: Você disse uma coisa interessante. Quer dizer que a vida secreta das pessoas pode ser revelada?

Teresa: Estava só mexendo com meu irmão. Na verdade, Deus não permite que os espíritos se intrometam diretamente no destino dos encarnados. Eles sabem o que se passa, porque podem ir a todo lugar. Se a pessoa for má, os maus espíritos saem a passear com ela. Nenhuma novidade. E até assopram em seu ouvido o que fazer, pra lograrem o máximo prazer, a maior alegria, dentro da perversidade de ver cair

nesses engodos os pobres mortais, desprezados pras bobagens que vão realizando.

Armando: Vamos supor que uma pessoa combine com outra roubar um banco.

Teresa: Aí, os espíritos que são atraídos são tão ruins quanto os encarnados. Eles não vão avisar as vítimas nem denunciar o crime à polícia. Vão incentivar o roubo e a decisão de se assassinar quem apareça pra prejudicar o andamento do crime.

Armando: Mas, nas sessões espíritas, não podem vir bons espíritos avisar do que vai ocorrer no banco?

Teresa: E quem vai dar crédito à palavra dum espírito que deseja contrariar o dispositivo cármico do livre-arbítrio que se reserva aos mortais?

Armando: Mas, ele vindo, não estará exercendo o seu livre-arbítrio?

Teresa: E qual o sentido dessa advertência? Levar o médium a se considerar apaniguado por espíritos de alta categoria? Você já pensou se os bandidos ficam sabendo que tal ou qual médium está divulgando os seus planos? Não correrão eles o risco de sofrerem uma retaliação?

Armando: Entendi. Quer dizer que, se a gente fizer uma sessão pra saber de seu pai, não vamos receber notícias que nos apontem como falsos, como futriqueiros...

Teresa: Não é preciso que os espíritos venham denunciar-nos a nós mesmos. Cada um de nós está equipado com uma consciência. Mais cedo ou mais tarde, iremos ter de responder às perquirições dela. Não é assim que você pensa?

Armando: Eu procuro fazer tudo certinho na vida, pra não me ver em apuros com as outras pessoas. Mas sempre a gente faz coisas inconscientemente. A gente vai andando e vai pisando nas formigas. A gente comercia e muitas pessoas vão ficando desprovidas de um ou outro bem. Eu ofereço uma mercadoria, muitas vezes, que a pessoa não precisa. Aí, tira o dinheiro do leite das crianças...

Norival: Não venha com dramas. Fale logo o que você tem medo de revelar.

Armando: Eu não tenho medo de revelar nada. Se eu escondesse alguma coisa, nem estaria me interessando pelo assunto. Podem crer. Eu sou muito positivo. Apenas acho que nós deveríamos organizar uma sessão. Eu estou curioso pra saber como é que essas coisas são feitas.

Teresa: Eu levo você e a Aurélia ao centro espírita. Lá vocês vão poder...

Armando: Eu queria alguma coisa menos formal. Não podemos fazer uma reunião pra ver a mesa girar?

Teresa: Essas coisas não acontecem mais...

Norival: Eu não falei?...

Teresa: Mas nós podemos tentar. Quem sabe tenhamos algumas surpresas, alguns fatos inesperados...

Armando: Eu gostaria muito, ainda que nada desse certo.

Teresa: Sabe o que vou fazer? Vou lhe trazer alguns livros básicos. ***O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns e O Evangelho Segundo o Espiritismo.***

Armando: Traga mesmo. Depois a gente acerta.

Teresa: Bem se vê que você não entende nada de Espiritismo. Você não sabe que esses livros saem quase de graça? A obra doutrinária deve ser acessível a todo o mundo. Assim pensam os editores e os dirigentes das principais casas espíritas.

Aurélia: Eu não vejo o Armando lendo muito. Três livros duma vez... Estou duvidando.

Armando: É verdade. A minha cabeça é um pouco dura pros livros. Prefiro ficar vendo televisão.

Norival: Agora a conversa desandou de vez.

Júlia: Mas isso é a mais pura verdade. Hoje em dia, as pessoas perdem horas a fio perante o vídeo. E não pra ver nada importante. Só novelas e futebol. Conheço muita gente que tem um aparelho pra cada pessoa da família. Uns veem novela. Outros ficam nos esportes. Os jovens veem os *clips*. Quando alguém assiste a algum telejornal é porque está pessoalmente interessado. Não foi isso que vocês fizeram hoje?

Norival: Mexi com outro vespeiro...

Armando: Pelo menos, posso dizer uma coisa: quando é que nós ficamos conversando tanto tempo sobre algum assunto? Foi preciso alguém morrer...

Norival: Ser assassinado. Se meu pai tivesse morrido de doença, ninguém ficaria chocado...

Teresa: Você bebeu um pouco demais? Estou estranhando...

Norival: Bebi duas ou três taças...

Armando: Esvaziamos duas garrafas. É bem verdade que uma estava quase no fim...

Teresa [A Armando.]: Mas as suas reações não se alteraram, enquanto o Norival está por demais azedo.

Norival: Peço perdão a todos. Podem acreditar que estou tentando esquecer o espetáculo dantesco que vi hoje. Meu pai...

Júlia: Filho, se não foi bom pra você, não vá impressionar os outros. Todos somos capazes de imaginar o estado em que seu pai ficou.

Teresa: Quanto a mim, até gostei de suas observações. Demonstraram que você estava prestando atenção. Quem sabe nasça daí um interesse mais sério.

Armando: Por isso é que eu desejava fazer alguma coisa concretamente. Algo palpável ou, ao menos, confiável.

Aurélia: Será que os rapazes e as moças gostariam de participar?

Teresa: Por um dedinho de prosa que dei com a namorada do Rodrigo...

Aurélia: Cleia...

Teresa: ... —Cleia, isso mesmo— pareceu-me que ela entendia do assunto. De qualquer forma, não custa nada convidá-los. Assim, eles ou marcam outros compromissos ou desmarcam pra ficarem conosco.

Armando: E quando vai ser?

Teresa: Não sendo às sextas-feiras, qualquer dia está bom pra mim. É que, às sextas, eu vou ao centro.

Norival: Até parece terreiro de Macumba. Lá os atabaques soam nas sextas-feiras.

Teresa: Bem se vê que você está querendo relaxar o time. A gente costuma marcar essas reuniões às sextas, porque, nos sábados, ninguém precisa levantar cedo.

Norival: Não precisa explicar. Eu estou só mexendo com você.

Teresa: Então, pro seu controle, desde os tempos de Kardec, as sessões em que se invocavam os espíritos, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, eram marcadas pras sextas-feiras. Tomou *papudo*?!

Norival [Levantando-se.]: Estou vendo que, se eu ficar aqui, não vou pregar olho e estou me sentindo muito cansado. Realmente. Vamos embora?

Armando: E vão sem marcar a reunião?

Teresa: Amanhã a gente marca. Vamos ter muito tempo durante o velório.

Aurélia: Não contem comigo pra pensar sobre o assunto. Mas podem marcar qualquer dia, porque eu estou sempre livre.

Júlia: Eu também.

Armando: Pois ficamos assim. Cada um pensa numa data e amanhã a gente decide.

Norival: *Você decide*. Até parece programa de televisão.

Teresa: Pelo menos, você ainda tem ânimo pra brincar. Acho que já está devidamente relaxado.

Júlia: No caminho, vocês trocam outras farpas. Tchau, Aurélia! Fiquem com Deus!

Norival: Assim que tiver notícias da Medicina Legal, eu ligo, avisando. Vocês não vão precisar ficar preocupados.

Armando: Avise também se houver problemas com a imprensa ou com a polícia. A gente pode acionar o pai do Alfredo.

Norival: Rapazinho expedito...

Armando: Pois Aurélia acha ele um espanta-lobos.

Aurélia: O que é que vocês viram nele?

Armando: Você não estava aqui, quando demonstrou tremendo bom senso, providenciando a ajuda do pai.

Norival: É verdade. O rapaz vale ouro.

Teresa: Vamos ou não vamos?

Norival: Já estou indo. Tchau, Relinha! Muito obrigado, Armando!

Armando: Vá em paz. Não vá se esquentar com os desaforos. Eles estão querendo matéria pro jornal ou promoção...

Aurélia: Cuidado com o coração, mamãe. Não vá ficar pensando no papai. Agora as coisas devem ser encaradas...

Teresa: Olha quem fala! E eu não vi os seus chiliques?!

Norival: Vamos ou não vamos?

Júlia: Tchau!

Aurélia: Tchau, mamãe!

Teresa: Pensem no que conversamos...

Norival [*Puxando Teresa pelo braço.*]: Eles vão pensar, sim. Adeus!

Armando: Vão em paz.

## Cena 32.

Armando.

Aurélia.

Armando: Que você achou do que conversamos?

Aurélia: Achei que Teresa está fascinada.

Armando: Pelo menos, ela conhece o assunto.

Aurélia: Se tivesse filhos pra se preocupar...

Armando: Não solte seu venozinho.

Aurélia: Desculpe. Não pensei que fosse ofender você.

Armando: Você não me ofendeu. Acontece que eu fiquei realmente impressionado com a possibilidade dos espíritos ficarem perto da gente. Se me provarem que isso é verdadeiro, vou...

Aurélia: Vamos pensar no nosso aniversário.

Armando: Não há mais nada o que fazer. Acabou a graça.

Aurélia: Pois eu acho que a gente pode ainda recuperar um pouco...

Armando: Eu já comi e bebi. Até a sobremesa, eu experimentei.

Aurélia: Pois vamos pro quarto. Quando as crianças voltarem, nós já estaremos dormindo.

Armando: Eu acho que você não está batendo bem. Seu pai nem foi enterrado ainda, e você...

Aurélia: Não me venha com histórias. [*Puxa Armando pela mão. Saem. Pano.*]

## SEGUNDO ATO

### Cena 1.

Armando.

Aurélia.

*[A mesma sala, com os adereços no lugar. O casal entra pela porta da rua. Aurélia vem de luto fechado. Enxuga as lágrimas e soluça.]*

Aurélia: Pois eu concordo inteiramente com mamãe: não deveriam ter lacrado o caixão. Hoje em dia, é possível fazer cirurgias plásticas até em gente viva. Como é que não poderiam maquilar o coitadinho?! A gente vê tanto nos filmes americanos os que morrem serem embalsamados.

Armando: Você já viu alguém esfacelado, com a fisionomia recomposta? Quando se trata de gente viva, os tecidos se recompõem. Seu pai devia estar irreconhecível. Você não se lembra do que disse Norival?

Aurélia: Daquele jeito, minha mãe tem razão: não se fica sabendo quem é que realmente estava dentro do caixão.

Armando: Mas nós temos o laudo do Instituto.

Aurélia: Foi pra ganharem mais dinheiro com esse caixão especial.

Armando: Isso eu não discuto, mas será que existe algum cambalacho entre?...

Aurélia: Malandragem existe em toda a parte.

Armando: Norival não protestou.

Aurélia: Não protestou porque todos fizemos questão de contribuir. E não foi pouco o que coube a cada um. Pobre papai, eu daria o dobro, cem vezes mais pra tê-lo ainda entre nós.

Armando: Você me faz lembrar do que combinamos com Teresa. Quem sabe ele esteja aqui por perto, preparando-se pra vir conversar conosco ainda hoje.

Aurélia: Não sei por que fazer essa reunião logo no dia do enterro. A gente podia esperar até a missa de sétimo dia.

Armando: Pelo que entendi, todos estarão disponíveis. Não foi Teresa quem disse que se deve malhar o ferro enquanto está quente?

## Cena 2.

Armando.

Aurélia.

Rodrigo.

Amália.

Alfredo.

Cleia.

*[Tilinta o celular ao mesmo tempo que Rodrigo, Amália, Alfredo e Cleia chegam. Aurélia vai ao encontro deles. Armando se afasta, atendendo à chamada de costas para o grupo. Não se ouve o que ele diz.]*

Aurélia: Vocês não acharam muito esquisito que o caixão estivesse lacrado? Será que não puseram outro corpo lá dentro?

Rodrigo: Deixa disso, mãe. Existe a responsabilidade dos funcionários e a certidão de óbito é assinada à vista do parecer do legista. Alfredo poderá explicar melhor.

Alfredo: Nada a acrescentar. Se eu tivesse motivos para duvidar de que o corpo era de seu pai, haveria de reclamar, imediatamente.

Amália: Essa é ideia da 'vó. A mamãe só está puxando assunto. Vê lá se é possível apresentar um rosto desfigurado. Aí sim que as pessoas da família iam achar que o corpo não era aquele.

Rodrigo: Além do mais, o tio Norival fez o reconhecimento. Parece que mais alguém entrou junto.

Aurélia: Eu não ia querer ver meu pai com o crânio massacrado. Ia ficar impressionada pelo resto da vida.

Amália: Então, estão certos os que escondem o cadáver mutilado.

Rodrigo: Agora é tarde pra essas considerações. O corpo já foi cremado e tudo acabou.

Aurélia: Mas que podiam ter feito uma máscara mortuária...

Alfredo: Máscaras mortuárias são peças feitas a partir de moldes de gesso.

Aurélia: Não era o que eu queria dizer. Eu estava dizendo que eles podiam embalsamar o corpo e reconstituir a face...

Rodrigo: Se isso é possível, também é possível pegar qualquer cadáver despedaçado e montar, como se fosse outra pessoa.

Armando: *[Vindo ao encontro dos demais.]* Eu já disse pra sua mãe que hoje Edmundo poderá vir dizer o que sabe sobre os assassinos. Vai poder esclarecer se os dois jovens presos são realmente os marginais culpados.

Alfredo: Eu não acolheria a causa dos dois estafermos. Onde se viu deixarem-se apanhar com os documentos da vítima, talões de cheques, cheques nominais e mercadorias da grife da loja?!...

Rodrigo: Parece que não há dúvida alguma. Difícil vai ser estabelecer a ligação entre meu avô e esses bandidos.

Armando: Não há nenhuma, evidentemente. O fato deles estarem drogados...

Rodrigo: São conhecidos da polícia como consumidores de *crack*.

Armando: Pior ainda. Agiram embalados pela droga.

Alfredo: Existe aí sério problema. Essa droga derruba o sujeito. Eu acho que eles tomaram suas doses de cocaína ou fumaram maconha, antes. Precisavam criar coragem. Depois, como a armação não proporcionou o resultado que eles desejavam, inclusive, com a morte da vítima, não se deram ao trabalho de contabilizar os lucros. Desapareceram, porque não sabiam se tinham sido vistos e reconhecidos, como de fato foram. E resolveram ficar numa boa, embalando mais uma. Tudo muito amadorístico demais, para se vincular o crime com a suposição de que a vítima estivesse mancomunada, de alguma forma, com os agressores.

Amália: Você fala desse modo pra aparecer. Precisa ficar fazendo discursos, como se estivesse no tribunal?!

Armando: Da minha parte, não vou apresentar nenhuma tese contrária ao desejo de namorar, noivar e casar. Não estou ficando maluco!

Rodrigo: Pelo que depreendi —permitam-me caprichar um pouquinho eu também—, Alfredo sabe o que a polícia está pensando agora...

Alfredo: *Depreendeu* mais ou menos. Na verdade, existe forte tendência para considerar os elementos capturados como inocentes úteis dos verdadeiros assassinos, que teriam jogado fora o material criminator, de forma a interessar alguns tolos.

Armando: Quer dizer que as investigações continuam?

Alfredo: Quer dizer que, enquanto não extraírem a confissão dos dois palermas, vão manter-se de guarda alta para efeito das críticas da família e, especialmente, da imprensa, que afoitamente acreditou nas primeiras conjeturas.

Amália: Querido, hoje você está demais. Olhe pra minha mãe: está espantada!

Rodrigo: Está mesmo. Parece que viu fantasma.

Aurélia: Eu não sabia que Alfredo era tão competente.

Rodrigo: Filho de peixe...

Amália: Ele está treinando o tempo todo. Fala como se estivesse diante de auditório.

Alfredo: Vocês estão me deixando encabulado. Pra variar, vou fazer um esforço pra entrar na de vocês. Quem sabe o meu vocabulário... [*Riem.*]

Cleia [*A Aurélia.*]: Vamos preparar a mesa pra sessão?

Aurélia: Teresa disse que não vai precisar de nada.

Cleia: Sempre é bom colocar uma jarra de água, deixar o número certo de cadeiras e tirar todos os enfeites e objetos.

Aurélia: Teresa disse que não precisa ser branca a toalha. Então, a que está, pode ficar.

Cleia: Seria preferível colocar uma toalha que tomasse toda a extensão da mesa, pra conforto das pessoas. Pode ser de qualquer cor. Quanto a mim, prefiro que seja

mesmo branca. A gente tem a luz refletida e pode ver um pouco melhor no escuro.

Aurélia: Precisa ser no escuro?

Cleia: Não precisa, não. Mas o ambiente deve ficar na penumbra, pra que todos possam concentrar-se em pensamentos bons, lembrando-se apenas do Senhor Edmundo quando vivo e bem disposto, esquecendo que existem assassinos, se são estes ou aqueles.

Aurélia: Teresa disse que você entendia do riscado, mas não pensei que fosse tão experiente.

Cleia: Desde os treze anos, minha mãe me levava às aulas de doutrinação espírita.

Rodrigo: Você falou pra mim que eram aulas de catecismo.

Cleia: O nome não importa. Sabe como a gente chama os professores? De evangelizadores. E a turminha pertence à Mocidade Espírita. Mas existem outras nomenclaturas. O importante é o aprendizado da moral evangélica.

Rodrigo: E a prática...

Amália: Parece que você entrou na dela. Eu, se tivesse alguma coisa em que acreditasse e frequentasse, aposto que Alfredo já teria me convencido do contrário.

Alfredo: Cara historiadora, cuidado com o vernáculo!

Amália: Vai começar.

Cleia: Rodrigo, você me ajuda com o trabalho pesado.

Rodrigo: Que trabalho pesado?

Cleia: Venha ajudar a pôr a mesa bem debaixo do lustre grande. Vamos deixar só uma lâmpada pequena. As lâmpadas laterais poderão ficar acesas. Mas quem vai decidir sobre isso vai ser sua tia.

### Cena 3.

Todos, menos Cidinha.

Rodrigo: Então, espere um pouco, porque já estão chegando.

Aurélia: Falou no diabo, mostrou o rabo.

Teresa: Oi todo mundo! Já estão sabendo das novidades?

Armando: Que os dois rapazes foram presos?

Teresa: Não. Que a polícia reconheceu os dois como os assassinos. Agora, não teremos mais a preocupação com a imprensa ou com a perseguição dos detetives. Nem a de perguntar a papai — se lhe derem permissão pra vir conversar com a gente— quem foi que o matou.

Aurélia: Mas isso é certeza?

Norival: Absoluta. Eles confessaram.

Armando: Não estavam grogues?

Norival: Descreveram direitinho a vítima, o local e o jeito como fizeram tudo. Nenhuma contradição.

Alfredo: Foram só os dois ou havia mais gente?

Norival: Pelo que foi apurado, só os dois. Mas é possível que estejam deixando algum comparsa de lado. Entretanto, os pertences pessoais de papai estavam todos com eles. Pode ser que alguma mercadoria da loja esteja faltando, mas isso só vamos ficar sabendo depois de apurarmos o estoque e conversarmos com as balconistas.

Teresa: Vejo que vocês estão preparando as coisas.

Cleia: Eu estava pondo as coisas no lugar, conforme o costume do centro.

Teresa: Mas está ótimo. Até a jarra está sobre a mesa e os copos sobre a cômoda. Perfeito.

Cleia: Vamos pôr a mesa debaixo do lustre maior e deixar apenas uma lâmpada acesa.

Teresa: Não precisa. Eu trouxe uma lâmpada azul. Basta desatarraxar as outras. A gente deixa uma lâmpada do corredor acesa. Vai ficar perfeito.

Cleia: Quanto tempo ainda temos?

Teresa: Você é quem vai dizer.

Aurélia: Por que a Cleia?

Teresa: Ela vai ser a médium da sessão.

Cleia: Então, vocês vão me deixar quieta. [*Afasta-se do grupo. Senta-se. Toma atitude de quem medita.*]

Teresa: Vamos fazer silêncio. Rodrigo, você põe este CD. É Vivaldi. Deixe bem baixinho. Fique atento, que, quando eu pedir, você vai desligar o aparelho.

Rodrigo: Deixe comigo. [*Providencia.*]

Teresa: Eu já tive uma conversa com Norival e com mamãe. Já pedi a ele que não interfira nos trabalhos, principalmente com os palpites de quem deseja só perturbar a mente e o coração dos outros.

Norival: Ontem eu estava sob o efeito do álcool. Hoje, vou fazer o melhor que posso pra ajudar.

Teresa: Muito bem. A sua atitude é positiva. Eu peço a todos que favoreçam o comparecimento dos guias, mantendo bom o nível de aspiração espiritual. Imaginem-se desprendidos dos liames carnisais. Pensem como puros espíritos. Estabeleçam uma ligação fluídica com os outros seres do Universo. Deixem que as ideias se formem na cabeça, mas não se manifestem. Peçam o apoio dos seus protetores e anjos guardiães, mesmo que não tenham certeza de que eles possam vir até vocês.

Armando: É tão simples assim?

Teresa: Se ninguém estiver preocupado com seus haveres materiais e seus problemas de enriquecimento, de vingança, de usurpação, se ninguém estiver revoltado contra o que considera injustiças da vida, se ninguém solicitar nada que não seja puro e elevado moralmente, teremos sucesso.

Armando: Quer dizer que seu pai virá?

Teresa: Quer dizer que teremos informações precisas do plano espiritual sobre o que haverá de ser o melhor pra nós. Entretanto, eu peço que não fiquem discutindo com a entidade que se apresentar, pensando que suas palavras estejam sendo

maldosas, contraditórias ou mentirosas. Aceitem, pacificamente, todas as expressões. Guardem na memória tudo o que se disser...

Alfredo: Permite-me?

Teresa: Perfeitamente.

Alfredo: Não seria conveniente deixar um gravador ligado?

Teresa: Gravadores e outras formas de fixar a presença verbal ou visual dos seres serão bem-vindos, depois de recebermos o alvará deles. Por falar nisso, todos receberão folhas de papel e lápis. [*Retira o material de uma pasta.*] Se alguém tiver vontade de escrever, escreva.

Alfredo: Psicografia?

Teresa: Psicografia. A recomendação que se faz é que não tenham receio de escrever nada que lhes venha à cabeça, mesmo que lhes parecer estúpido, infantil ou desarrazoado. Só não permitam escatologia, palavras e ideias de baixo calão.

Armando: Por quê?

Teresa: Pra não acostumar certos espíritos zombeteiros ou maldosos a alcançarem êxito junto a mentalidade mais fraca. Mas não tenham medo, porque nós não vamos doutrinar nenhum espírito necessitado de esclarecimentos. A nossa invocação se fará no sentido de obtermos informações sobre as condições em que se encontra papai.

Armando: E se eu quiser saber a respeito, por exemplo, se tenho aptidão pra trabalhar como médium?

Teresa: Escreva a pergunta no papel. Se for do interesse do espírito, se lhe for permitido dizer ou se estiver preparado pra informar e orientar, ele responderá ao que se perguntou. Por isso, é bom deixar as perguntas escritas desde logo, assim que tivermos terminado de realizar a prece de abertura.

Alfredo: Entendi. Se a gente pensar antes, os espíritos terão oportunidade de buscar as melhores respostas.

Teresa: Isso mesmo. Por outro lado, as questões revelarão o quanto estamos trabalhando com seriedade ou o quanto de diversão e de distração...

Aurélia: Deus me livre não levar a sério este momento.

Júlia: Se você me permitir, eu não pretendo escrever nada. Só vou concentrar-me nos pontos que julgo essenciais pra mim. Ouvi dizer que os espíritos não têm necessidade de conversar, pra saberem o que se passa no nosso pensamento.

Teresa: É isso mesmo. Escrever, como disse o jovem advogado, é mera desculpa pra se pensar em algo... em algo...

Armando: Em algo que está nos preocupando a ponto de perturbar o nosso sossego.

Norival: Eu disse que você deveria dizer logo...

Teresa: Não vamos começar.

Norival: Desculpe. É força do hábito.

Teresa: Que ninguém diga: *do mau hábito*. Isso só prejudicaria o desejo de aprender e de compreender. Desviaria as mentes e os corações pras brincadeiras. Neste momento, devemos ficar muito compenetrados de que todos somos importantes pros trabalhos. Vocês vão ver: se tudo der certo, como eu acredito que vá dar,

depois vai ser muito alegre o nosso retorno às atividades habituais. Aí, veremos se Norival ainda vai fazer tudo pela *força do hábito*.

Norival: Como assim?

Teresa: É costume dos protetores aproveitarem-se de todas as oportunidades pra recomendarem que os seus tutelados se acautelem quanto aos defeitos e vícios morais, mentais e físicos.

Norival: Gostaria de falar sobre suas colocações, depois da reunião.

Teresa: De acordo. Mas não fique pensando sobre seus argumentos pra me derrotar. Lembre-se de que os irmãos da espiritualidade estão presentes, preparando-se pra nos darem tudo que lhes for possível, no interesse nosso, exclusivamente. Alguém tem mais alguma pergunta?

Aurélia: Por que você não trouxe mais um ou dois médiuns?

Teresa: Esta primeira sessão deve contemplar apenas os familiares. Pessoas estranhas, mesmo que experientes, poderiam causar algum mal-estar. Vamos ver o que vai ser possível executar com os recursos que temos. Agora vou dizer, passo a passo, o que pretendo colocar diante do grupo.

Alfredo: Existe algum roteiro tradicional?

Teresa: As normas gerais você encontra no livro de Kardec destinado aos evocadores e aos médiuns, inclusive as preces de abertura e de encerramento. Eu trouxe os principais livros e alguns volumes d'*O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Norival: Quer dizer que os espíritos ditaram um novo evangelho?

Teresa: É claro que não! Kardec é quem explica os diversos pontos da moralidade cristã, deixando de lado os atos comuns da vida do Cristo, os milagres, as predições e as palavras tomadas pela Igreja pra fundamento de seus dogmas, como lemos na Introdução.

Norival: Por que teria ele deixado esses pontos de lado?

Teresa: Deixou de lado n'*O Evangelho*. Nas outras obras, retoma cada um deles e explica exhaustivamente. O título completo d'*A Gênese*, por exemplo, é *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*.

Armando: Eu acho que esses assuntos devem ficar pra depois. Se continuarmos assim, não vamos começar nunca.

Teresa: Eu não tenho pressa. Os temas que eu não souber elucidar, os mentores poderão esclarecer bem melhor durante a sessão.

Alfredo: Retomemos os pontos básicos do que iremos realizar.

Teresa: Pois bem, abrimos a sessão com a prece de abertura. Lemos um trecho, ao acaso, d'*O Evangelho*. Eu ia esquecendo de dizer que, nesta obra, Kardec acrescenta inúmeras mensagens psicografadas de espíritos de escol.

Norival: Eu ia perguntar sobre que garantias a gente pode ter de que os nomes sejam verdadeiros, mas vou deixar pra depois.

Teresa: Ótimo, porque é assunto pra vários dias. Depois da prece, muito simples, como vocês vão ver, e da leitura casual...

Amália: Ouvi dizer que não existe acaso; que os espíritos se encarregam de influenciar no encontro dos textos que eles desejam que sejam lidos.

Rodrigo: Ouviu quem dizer?

Amália: Acho que foi tia Teresa, mesmo...

Teresa: Amália está só querendo me ajudar. É verdade. Muitas vezes, a mão que vai abrir o volume é guiada pelo instrutor espiritual. A gente percebe quando o assunto coincide com as preocupações de uma ou mais pessoas presentes. Espero que hoje ocorra exatamente isso e, pra não dizerem que estou imaginando coisas, vou deixar pra mamãe abrir o livro, na hora certa.

Júlia: Eu gostaria muito.

Teresa: Depois de uma ou duas leituras breves, sem apartes ou explicações, pois serão apenas leituras...

Alfredo: Quem lê?

Teresa: Qualquer um. O que estiver mais disposto. Sabe que isso, nas reuniões com pessoas menos cultas, é grave preocupação de muita gente? É que existem pessoas que não estão acostumadas à decifração das letras. Outras são simplesmente tímidas.

Aurélia: Não me peçam, que eu detesto ser o centro das atenções...

Armando: Não é bem isso. Ela está é bloqueando, porque é a menos estudada.

Teresa: Foi essa atitude que eu pedi que não incentivassem. O meu caríssimo cunhado não deveria ter feito tal referência, porque Relinha pode ficar magoada e obstar que os espíritos se utilizem dela pra manifestarem-se.

Armando: Peço desculpas a ela e a você. Estava só tentando interpretar os sentimentos de minha querida. [*Abraça a esposa. Beija-lhe o rosto. Faz-lhe agrado na cabeça.*]

Aurélia: Agora é tarde. Eu já estou danada da vida. [*Dá um beliscão no braço de Armando. Ri.*]

Teresa: Armando lembrou bem que existem pessoas que não se permitem expor aos olhos dos demais. Não são propriamente envergonhadas mas não se sentem bem, porque pensam que não estão psicologicamente preparadas ou que não são dignas de pertencerem ao grupo.

Alfredo: Esse tipo de reação nós vemos em todos os lugares e circunstâncias. É da própria natureza humana.

Teresa: Mas a convivência tem demonstrado que muitos superam a dificuldade e acabam se enturmando. Vamos adiante. Apagamos, então, as luzes e deixamos acesa só a luzinha mais fraca. Aí, como teremos feito até então, todos ficarão em absoluto silêncio, pra darmos vez a que o orientador espiritual dos trabalhos se manifeste através de Cleia. Até os telefones ficam fora do gancho. Se houver dificuldade nessa hora, eu vou solicitar que meu guia se apresente e explique o que está havendo.

Norival: Através de mediunidade?

Teresa: Sempre.

Norival: Eu sei que sempre é através de mediunidade. O que eu queria perguntar é se, você falando, é ele quem está se exprimindo, ou se ele apenas dita pra você o que ele quer dizer.

Teresa: Gostei da pergunta. Os atos mediúnicos ou fenomenologia mediúnica podem apresentar-se de diversos modos, ou seja, pode ser que o espírito assumo o aparelho fonador do médium e fale, sem que este tenha, inclusive, noção do que

está dizendo; como pode acontecer também que ele transmita ao cérebro do médium os pensamentos e este traduza em frases e expressões, intuitivamente.

Alfredo: Como é que vai ser?

Teresa: Comigo ou com Cleia?

Alfredo: Com as duas.

Teresa: Provavelmente, Cleia dê passividade total, isto é, permita que o espírito assuma, parcialmente, sua mente, o que vocês devem ter ouvido chamar de incorporação. Neste caso, antes que me perguntem, ela não fica alheia ao que se passa. Apenas não dá pra seguir os pensamentos que vai transmitindo. Mas sabe que se trata de ideias boas e se sente muito bem. Se fosse completamente dominada por algum espírito maldoso, teríamos o que a própria religião denomina de *possessão*. Mas esses casos são raros. São mais comuns as *obsessões*, quando o espírito malfazejo ou mal-intencionado fica o tempo todo assediando a pessoa, não lhe permitindo refletir sobre todos os seus atos, estimulando-lhe os impulsos negativos.

Alfredo: E a senhora?

Teresa: Não me deixem ficar tão empolgada, senão não paro mais de falar.

Armando: É compreensível que esteja entusiasmada. Afinal de contas, nós é que lhe pedimos que nos favorecesse com a reunião.

Teresa: Não é sempre que temos oportunidade de realizar reuniões particulares desta natureza. Kardec sempre pedia o máximo de cautela nos trabalhos mediúnicos isolados —ele dizia *insulados*— ou com gente sem experiência. O meu tipo de mediunidade é intuitiva ou consciente. Às vezes, eu vou repetindo as ideias que me passam pela cabeça, vestindo-as com as minhas palavras. Outras vezes, eu sinto ou pressinto quais os pensamentos mais convenientes e reproduzo-os por inteiro, conforme vou entendendo o que significam.

Alfredo: Neste último caso...

Teresa: Mediunidade intuitiva. O anterior, ou seja, o da quase simultaneidade, é que é consciente, porque o médium está consciente de que não é ele quem se pronuncia. Devo dizer que alguns preferem, neste caso, dizer semiconsciente. De qualquer forma, inconsciente é que não é, porque o médium sabe o que está ocorrendo.

Aurélia: O que é preciso fazer pra se saber tudo isso?

Júlia: Essa aí, faz tempo que se dedica ao estudos espiritualistas. Talvez seja por isso que ela não...

Teresa: Mamãe!... Não vamos desvirtuar...

Júlia: Eu só queria...

Teresa: Pois queira depois da sessão. Eu sei bem o que você vai dizer. Pra mim não... Bem, eu mesma devo reconhecer que estamos indo longe demais. Aposto que vocês já estão ficando cansados.

Armando: Eu estou curiosíssimo.

Norival: E eu estou espantado.

Aurélia: Eu estou ficando cansada, mesmo. O dia foi muito triste. Eu até estava querendo que a reunião fosse marcada pra depois.

Teresa: Então, vou abreviar. Eu acho que deu tempo de Cleia se concentrar. Apenas quero recomendar que todos pensem em Jesus. Há quem peça que representem o Senhor, cheio de luz, presidindo a reunião. Assim, vão poder manter o espírito alteado pelos princípios superiores do amor e do bem. Cleia, podemos começar?

Cleia [*Aproximando-se.*]: Podemos. Já estou pronta.

Teresa: Rodrigo, desligue a música e apague as lâmpadas laterais. Deixe aceso o lustre menor. Tire o fone do gancho. Armando, tire a bateria do celular. [*Aguarda um momento. Rodrigo e Armando providenciam. Teresa verifica se todos estão acomodados junto à mesa. Abre o livro. Lê.*] *Nós rogamos ao Senhor Deus todo-poderoso que nos mande bons Espíritos para nos assistir, que afaste os que são capazes de nos induzir ao erro e que nos forneça a luz necessária para distinguir a verdade da impostura. Afaste também os Espíritos malévolos, encarnados ou desencarnados, que poderiam tentar produzir a desunião entre nós e afastar-nos da caridade e do amor do próximo. Caso alguns consigam introduzir-se aqui, faça que não encontrem acesso no coração de nenhum de nós. Bons Espíritos que se dignam vir instruir-nos, façam que sejamos dóceis a seus conselhos; afastem-nos de todo pensamento de egoísmo, de orgulho, de inveja e de ciúme; inspirem-nos a indulgência e a benevolência para com nossos semelhantes presentes ou ausentes, amigos ou inimigos; façam, enfim, que, pelos sentimentos de que seremos animados, nós reconheçamos sua salutar influência. Deem aos médiuns que encarregarem de nos transmitir seus ensinamentos a consciência da santidade do mandato que lhes está sendo confiado e da gravidade do ato que irão cumprir, a fim de que tenham consigo o fervor e o recolhimento necessários. Se, na reunião, se achem pessoas que para aqui tenham sido atraídas por outros sentimentos que não o do bem, abram seus olhos para a luz e perdoem-nas, como nós as perdoamos, caso tenham vindo com intenções malévolas. Nós rogamos notadamente ao nosso guia espiritual, para nos assistir e velar sobre nós.*<sup>1</sup>[*Teresa acena a Júlia para que abra o livro e leia.*]

Júlia [*Lê.*]: *Desprendimento dos bens terrenos. 14. Eu venho, meus irmãos, meus amigos, trazer minha ínfima contribuição para ajudá-los a caminhar com denodo pela estrada do aperfeiçoamento em que vocês penetraram. Nós somos devedores uns dos outros; não é senão através de uma união sincera e fraternal entre os Espíritos e os encarnados que a regeneração é possível. O amor de vocês aos bens terrestres é um dos mais fortes entraves a seu adiantamento moral e espiritual; através desse apego à posse, vocês destroem suas faculdades amorosas, encaminhando-as todas para as coisas materiais. Sejam sinceros; proporciona a fortuna uma felicidade sem mácula? Quando seus cofres estão repletos, não existe sempre um vazio no coração? No fundo dessa cesta de flores, não existe sempre um réptil escondido? Eu compreendo que o homem que ganhou uma fortuna, através de um trabalho contínuo e honrado, sinta uma satisfação, de resto, justíssima; mas, dessa satisfação, naturalíssima e aprovada por Deus, a um apego que absorve todos os outros sentimentos e paralisa os impulsos do coração, vai*

---

<sup>1</sup> KARDEC, Allan — **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Trad. de Wladimir Olivier (inédita).

*uma distância; distância que parte da avareza mesquinha à prodigalidade exagerada, dois vícios entre os quais Deus colocou a caridade, santa e salutar virtude que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem vilipêndio. Que a fortuna lhes venha de sua família ou que a tenham ganho através de seu trabalho...*<sup>2</sup> [Suspende a leitura.] Pelo amor de Deus! Não posso continuar. Esse que está descrito é o pai de vocês, é Edmundo.

Teresa: Mãezinha, calma! Por favor.

Júlia: Pra mim não precisa mais nada...

Teresa: Controle-se. Se quiser ficar sentada na poltrona...

Júlia: Tudo bem. Eu fico aqui mesmo.

Teresa: Quem vai ler outro trecho?

Armando: Eu leio. [Lê.] *Necessidade da encarnação. 25. É um castigo a encarnação e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la? A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação, para todos os Espíritos, é um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo. — S. Luís. —Paris, 1859.—*<sup>3</sup>

Teresa: Vamos rogar ao Senhor que nos permita ouvir a palavra de algum dos nossos guias e protetores. Cada qual ore de si para consigo um pai-nosso, em absoluto silêncio. Se algum irmão benfeitor quiser se pronunciar, estaremos aguardando respeitosamente. [Passam-se alguns segundos.]

Cleia: Graças a Deus!

Teresa: Graças a Deus!

Cleia: Que a paz do Senhor reine neste lar e nos corações dos nossos irmãos. Venho a chamado destas pessoas para confirmar a revelação de Kardec, respondendo às questões que propuseram por escrito e aquelas que elaboraram no fundo de seus corações.

Norival: Poderia dizer-me em que estou pensando neste momento?

Cleia: Querido amigo, você está refletindo a respeito da primeira leitura, quando sua mãe passou pelo trecho em que se fala do que se contém nos cofres de seus corações. Mas pensa no cofre que se encontra no escritório de seu pai. Vou satisfazer-lhe a

---

<sup>2</sup> Id., *Ibid.*

<sup>3</sup> Id., *Ibid.*

curiosidade, parcialmente. Naquele cofre, existem bens entesourados por Edmundo, insuspeitos de todos os presentes. São bens que ele não se recusaria a dar aos jovens assaltantes, se lhe tivessem dado tempo de abri-lo.

Norival: Surpreendo-me com a revelação exata dos meus pensamentos. Peço perdão pela intempestiva participação, mas penso que provoquei a mais clara prova de que...

Cleia: Meu filho, você não está sendo impedido de manifestar-se perante as forças espirituais que regem o planeta. Entretanto, recomendo-lhe que, a partir desta hora, agradeça ao Senhor a benevolência de mais essa encarnação e esforce-se por corresponder às expectativas que você mesmo depositou na vida, quando elaborou o roteiro cármico, na companhia de seus assessores e mentores espirituais, antes de encarnar-se.

Teresa: Peço ao benfeitor que se identifique, se isto lhe parecer justo e adequado.

Cleia: O nome pelo qual respondo junto aos companheiros é Enésio, nome de antiga procedência no plano material. Entretanto, nenhuma recordação deixei nas tradições da família, de sorte que não se empenhem em pesquisar quem fui. Saibam que acompanhei Edmundo durante todo o tempo, responsabilizando-me pelos aspectos de seu espiritualismo crescente.

Teresa: Pode dizer-nos se ele está bem, se foi recebido pelos companheiros em boas condições vibratórias?

Cleia: Edmundo cumpriu as obrigações segundo sua necessidade. O texto que sugerimos a Armando, reflete exatamente o ponto que eu mesmo exporia. Ele está bem, embora impedido de vir manifestar-se, já que a súbita transferência para o etéreo foi sobremodo traumática. Mas vocês não devem temer que tenha ficado dopado. É natural que sofra certo obumbramento, certa perturbação, para o que está sendo atendido por socorristas especializados. A internação em nosso hospital será breve. Se vocês persistirem entrando em contato conosco, irão recebendo notícias atualizadas sobre o estado de seu patriarca, até que lhe seja concedida permissão para vir pessoalmente abraçar a todos.

Teresa: Eu mesma não estava acreditando em que fôssemos atendidos tão pronta e eficazmente. Esse é defeito de minha formação espírita?

Cleia: Minha cara, desconfia você de que não está estimulada pela fé no Senhor. Por isso, espanta-se com a minha presença e com as revelações que tenho a honra de fazer. Mas, se você declara que lhe faltou fé, imagine o que corre dentro dos corações dos demais. Todos em torno da mesa se sentem desconfiados dos sucessos mediúnicos e não são apenas dois ou três que estão pondo em dúvida as minhas expressões, julgando a médium que me serve astuta para inventar todos estes discursos. Esta é questão muito mais ampla no âmbito do próprio Movimento Espírita. Não pretendo estender-me nesse sentido, porém, não são poucos os que, sob efeito das recomendações de Kardec e dos espíritos superiores que o assistiram, colocam sob suspeita todas as comunicações, estudando-as sem muito talento, acreditando que seu julgamento seja definitivo.

Teresa: Não é certo que assim se proceda?

Cleia: Será justíssimo, desde que não se criem condições meramente particulares de análise e de crítica. Quando, nos primórdios do Espiritismo, Kardec incentivou o exame

sério e ponderado das mensagens, fez questão de mencionar a necessidade de que houvesse discussões a respeito dos temas e da forma linguística através da qual se apresentavam os espíritos. A desconfiança gratuita e sistemática é irmã da credulidade e da inocência intelectual. Ambas as posturas levam as pessoas a prejudicarem a fé. Não é esse o ponto que a irmãzinha está levantando?

Teresa: Agradeço-lhe as instruções. Permita-me, contudo, refletir profundamente sobre cada tópico aventado, para poder concordar.

Cleia: Não era outra a resposta que desejava ouvir. Todavia, devo referir-me a outros aspectos importantes desta primeira reunião para a maioria. Sinto forte a interrogação quanto ao conhecimento pelos do etéreo de todas as ações humanas. Quando vocês desejavam conhecer o que se passou naquele trágico momento com Edmundo, estavam apreensivos no que se refere aos próprios segredos. Não temam, porque nós não iremos desfilar as mazelas individuais. Vamos responder em tese e vocês deduzam depois o que possa referir-se a cada qual.

Rodrigo: Que vista a carapuça quem... Desculpem-me.

Cleia: Perfeitamente, meu jovem. É essa a ideia. Em primeiro lugar, não se acanhem de conversar intuitivamente comigo ou com os demais companheiros presentes. Em geral, abreviamos as informações, porque não nos convém levar os encarnados a discutirem seus casos, seus problemas, seus investimentos cármicos. Para que não reclamem de sermos sucintos, vamos distribuir por dois irmãos mais os informes solicitados, através da mediunidade gráfica. Portanto, os que tiverem vontade de escrever, desliguem-se de minha fala e concentrem-se nos próprios pensamentos, registrando-os imediatamente. Caso logrem sucesso, será o princípio de fecunda carreira mediúnica, em campo onde nunca é demais termos pessoas habilitadas para o contato com o plano espiritual. [*Passam-se alguns instantes.*] Vejo que Alfredo e Aurélia estão alheados de meu contexto, imersos em atividades de escrituração. Ótimo! Gostaria de destacar aos que estão atentos que a vida é sempre preservada da influência dos inimigos ou dos seres perversos. Portanto, aqueles pensamentos secretos a que antes aludi são para nós tão ocultos quanto para qualquer mortal. Vamos supor que um cônjuge ou um namorado não se sinta mais atraído pelo outro e tema revelar a situação emocional. Nós não iremos conhecer essa deliberação íntima. No entanto, caso a decisão envolva nova aproximação sentimental com outra pessoa, aí fica absolutamente evidente aos que se encarregam da proteção ou aos que se incumbem da perseguição, que a pessoa está agindo em discordância com as promessas que formalizou. A traição concretizada não passará despercebida ao plano espiritual. Se o amigo e benfeitor quiser advertir o protegido, irá despertar-lhe a necessidade de pôr tudo em pratos limpos, levando-o a especificar, junto ao que está sendo postergado, o que lhe ocorre no coração. Ou o desperta para a situação esquerda, de modo a fazê-lo meditar sobre a impropriedade do novo relacionamento, suas conseqüências e prejuízos. Por outro lado, se o inimigo é quem deseja inserir veneno no alimento moral dos que se separam, vai influenciar, por todos os meios disponíveis, para que o traído se inteire da situação, insuflando-lhe a intuição do afastamento do

outro, ou diligenciando para que encontre indícios que incriminem o cônjuge ou namorado.

Norival: Pelo que entendi, os seres humanos estão constantemente sob as vistas dos espíritos, quaisquer sejam os cuidados que tomem pra esconderem os seus atos.

Cleia: É exatamente assim que se passa. É preciso, porém, não temer as reações dos bons, mas considerá-los auxiliares poderosos na reintegração da moralidade, como fator de constituição e integridade espiritual sob os paradigmas de Jesus. Mesmo quem erra muito, e estamos falando agora de pessoas como os jovens que exterminaram a vida de Edmundo, merecem atenção especial dos seres que por eles velam. Só vão sofrer se se deixarem cair nas mãos dos que vibram nas faixas de ondas da maldade e dos vícios, incapazes de reconhecer a misericórdia de Deus. Nesse sentido, até os encarnados podem ajudar os que erram, orando por eles, para que intervenham em seu favor os grupos de socorristas constituídos no etéreo com a finalidade de amparo, esclarecimento, consolação e encaminhamento dos que se arrependem. Eis aqui o termo mais explícito, mais notório, mais divulgado pelas diversas correntes cristãs: o arrependimento, fruto incontestado de atitude que os perversos desprezam e que os bons temem: o sentimento de culpa. Sabemos que existem pessoas que rejeitam a tese de que deva existir sentimento de culpa. São pessoas que desejam ver, nas atividades condenáveis sob o ponto de vista moral, algo como que estranho no catálogo dos que se alienam da realidade espiritual, por força de estarem imersas na matéria, sob coerção da ignorância, da miséria, da falta de recursos civilizatórios e até físicos ou intelectuais. Pensam nos débeis mentais e generalizam, acreditando que os males que muitos praticam sejam perdoáveis pelas injustiças que sofrem dentro da sociedade dos homens. Mas nós estamos falando em evolução espiritual, o que só se alcança se o indivíduo adquire conhecimento da verdade, a principiar pela reflexão do que ele mesmo seja, para, em seguida, absorver os ensinamentos de Jesus e, por via de consequência, dos evangelizadores da Codificação Espírita. Aí, não há progresso sem que se compenetre a criatura das leis cósmicas, o que vai exigir de todos o mesmo esforço, conforme tão bem se descreve no texto ditado por São Luís e lido pelo companheiro Armando. Fizemos questão de encarar esse tópico das diretrizes espíritas, porque julgamos que se trata do melhor início para quem deseja estabelecer como premissa da vida de relacionamentos o conhecimento de tudo por parte dos espíritos encarregados da guarda e assistência de cada um. Em suma, não há fugir da noção, no mínimo, elementar, da existência de planos mais elevados, para onde todos devemos encaminhar-nos, para o que é essencial que nos iniciemos o quanto antes na prática das normas evangélicas de Jesus, que fez questão de mencionar que existem muitas moradas na casa do Pai. Há, dentre os amigos, quem esteja necessitado de revincular-se com as almas dos cônjuges e dos namorados? Somente tais pessoas poderão sentir a necessidade da reconciliação, para o que, para não nos acusarem de omissão, teremos de relembrar outro ensino cristão: *Reconcilia-te com teu inimigo antes de partires para o outro mundo!*

Norival: Posso colocar ligeiro óbice ao raciocínio do benfeitor?

Cleia: Perfeitamente. O amigo julga-nos como julgaria aqueles que sugeririam a discórdia, uma vez que estamos levantando a possibilidade de existirem reunidas aqui pessoas com os problemas em pauta. Contudo, lembrando-nos sempre do Cristo, devemos referir-nos à passagem em que o Nazareno se reporta ao fato de ter vindo para separar o pai, do filho, a nora, da sogra. Contudo, não cita o Mestre a separação dos cônjuges, na presunção de que os liames sentimentais sejam sempre muito fortes, muito poderosos, inabaláveis. Quem somos nós para alimentarmos as intenções da perfídia, da traição? Estamos, isto sim, desejando ardentemente, para o que rogamos ao Senhor luz e sabedoria, que os irmãos sejam felizes e cumpram todas as obrigações cármicas. Que cada qual exerça o seu direito de livre-arbítrio, mas que estabeleça, como norma superior de vida, o amor ao Pai, em primeiro lugar, e ao próximo, em segundo, transformando, ainda, eventuais adversários, inimigos ou desafetos, em amigos, em irmãos no Cristo, pela deferência do perdão, em nome do Senhor. Não é isso que cada um de nós promete toda vez que reza o pai-nosso? [*Cala-se. Faz-se silêncio.*]

Teresa: Se alguém deseja efetuar alguma pergunta mais ao benfeitor, deve aproveitar agora.

Cleia: Pensamos ter respondido a todas as questões formuladas. Em todo caso, haverá outras oportunidades, se Deus quiser, em que poderemos reunir-nos, avançando nos temas hoje superficialmente tratados. Cada qual irá refletir a respeito do que se disse e, principalmente, a respeito do que pensou ou sentiu, definindo, exatamente, os pontos obscuros ou aqueles sobre os quais tenha opiniões contrárias. Sabemos que as pessoas costumam dar volteios mentais, arranjando e *rearranjando* os silogismos, para o ajustamento dos novos conceitos à maneira antiga de pensar. É que as alterações de procedimento devem ser precedidas da convicção de que sejam proveitosas para o dia a dia, para a segurança do progresso e para a estabilidade da vida. Os homens, quase sempre, são avessos às mudanças e admitir que os espíritos possam vir ditar normas de vida, a partir de visão diferente da morte, haverá de ser, necessariamente, a mais profunda de todas. Por outro lado, é bom não forçarmos demasiado nesta linha de deliberações, para que não se incentivem os presentes às lucubrações imaginosas, aquelas em que o pensamento divaga sem a certeza de que os raciocínios se mesclam aos sentimentos. Não nos recusaremos a vir esclarecer os amigos encarnados, sempre que se postarem emocionalmente de maneira tão favorável ao contato mediúnico. Fugam, se possível, dos temas materiais. Quando os indivíduos se associam aos benfeitores e agem sem malícia no coração, adquirem o hábito de corresponderem-se com eles, por ocasião de cada evento que lhes exija postura moral decidida. Sendo assim, recomendamos que este primeiro momento de renúncia aos valores embutidos em suas personalidades se enriqueça com a leitura atenta dos textos kardequianos e de outros divulgados através da mediunidade de diversos expoentes antigos e atuais do movimento espírita. Sempre haveremos de enfatizar que a análise deva ser meticulosa e preventiva, para não se absorverem ideias forçadas pela integração que todos almejam, inconscientemente, de justificarem os antigos ideais, firmando-os nos

preceitos da doutrina que mais se aproximam de seus próprios pensamentos. Fazer o bem, contudo, haverá de ser o ponto essencial de qualquer procedimento que se deseje evangelizado e isto, parece-nos, está nos fundamentos morais e filosóficos de todas as religiões. Que a paz do Senhor reine em todos os corações! Que suas preces se voltem para a restauração espiritual de seu ente querido. Mas não se esqueçam de pedir também pelos que tão temerária e inconsequentemente praticaram o crime. Graças a Deus!

Teresa: Graças a Deus! Senhor, pai de infinita bondade, nós lhe agradecemos a benevolência de nos ter enviado o nosso benfeitor, para esclarecimentos tão necessários para o progresso espiritual de cada um de nós. Aceite, por favor, os nossos humildes dizeres e proteja Edmundo dos arremessos desconsiderados dos que tenham tido alguma pendência contra ele. Faça, Pai, com que os jovens que lhe tiraram a vida se restaurem da maldade praticada e se compenetrem de que o mal só lhes atrasará a entrada em seu reino. Dê, também, a cada um de nós a capacidade de perdoar a quem nos tem ofendido. [Passam-se alguns segundos.] Rodrigo, por favor, restaure a iluminação. [*Rodrigo acende as luzes.*] Vamos ver se alguém escreveu alguma coisa.

Aurélia: Eu escrevi, mas não sei se devo mostrar. Parece que é tudo sem sentido.

Alfredo: Eu também escrevi, mas não garanto que tenha qualquer mérito. Somente devo afirmar que muitas das ideias expressas não correspondem ao que venho pensando a respeito destes problemas do outro mundo.

Teresa: Cleia, tudo bem com você? Já restabeleceu a consciência? Eu me esqueci de pedir que a água fosse fluidificada.

Cleia: Não estou sentindo nenhuma pressão. Os fluxos magnéticos já passaram. Mas é bom que todos tomemos um pouco de água.

Armando: É o mesmo processo dos padres, quando benzem a água?

Teresa: A água benta pode estar ou não fluidificada. Tudo depende do poder dos espíritos que assistem os sacerdotes ou os participantes das mesas evangélicas espíritas.

Norival: Pelo que entendi, se a gente não pede, eles não fluidificam.

Aurélia: Eu não entendo como é que se fluidifica a água.

Teresa: Fluidificar a água consiste em lhe depositar qualidades cósmicas universais do mundo superior. Quando as pessoas misturam à água certas substâncias, como sucos, açúcar, xaropes, remédios, integram ao líquido...

Norival: E pra que serve essa fluidificação?

Teresa: Serve pra gente absorver algumas propriedades escolhidas pelos protetores, dentre as que eles julguem as mais em falta em nosso organismo perispirítico, que, como sabemos, é semimaterial. Os espíritos não precisam receber nenhuma solicitação pra efetuarem esse processo de ajuda. Basta que a água esteja sobre a mesa. Se a gente não colocar a água na jarra, eles podem fluidificar a que se encontra na talha.

Armando: Com tanta coisa importante que aconteceu esta noite, nós vamos ficar preocupados com aspectos tão materiais? Vamos ver o que Aurélia e Alfredo escreveram. Eu estou muito curioso. Quem sabe estejam aí algumas respostas que solicitei e que até agora não me proporcionaram.

Norival: Eu estou muito satisfeito, porque tudo o que pedi me atenderam.

Armando: Você se atreveu a falar com a entidade.

Norival: Pois eu acho que os espíritos, se for verdade tudo o que aconteceu aqui, devem ser entes que já foram encarnados e, portanto, em nada diferentes de nós. Teresa que nos esclareça.

Teresa: Mais tarde. Vamos ouvir o que Aurélia tem pra nós.

Aurélia: Eu acho que deveria passar a limpo. Eu mesma não estou entendendo direito a minha letra.

Armando: Quer que eu leia pra você?

Aurélia: Se você conseguir entender os meus garranchos.

Armando [Lê.]: *Meus amigos, que a paz do Senhor esteja nesta casa! Venho trazer notícias de Edmundo, que se encontra internado numa casa de repouso pertencente à Colônia do Alvorecer. Pode parecer pouco, pois o sofrimento físico que padeceu com a morte deveria levá-lo, conforme o pensamento católico vigente, diretamente ao Paraíso. Entretanto, nós estamos afirmando que seu destino foi um dos mais brilhantes que temos visto, pois poucas são as pessoas que não chegam aqui estropiadas moralmente, principalmente quando são ofendidas por assassinos tão degenerados. Mas Edmundo não quis o mal de ninguém e soube perdoar aos seus ofensores. Está perturbado porque não restabeleceu os meios de utilizar os poderes espirituais, acostumado por mais de setenta anos com a matéria, quando os seus pensamentos se estruturavam segundo os meios disponíveis. [Interrompe a leitura.] Mas isto daqui está muito bom! Você sabia, querida, como é que as pessoas são recebidas depois que morrem?*

Aurélia: Tinha uma ideia.

Armando: Sabia da existência de hospitais no outro mundo?

Aurélia: Sabia, sim. Já tinha ouvido falar em cidades inteiras, onde as almas vão trabalhar, pra poderem ficar preparadas pra voltarem à Terra.

Norival: Não foi você, Relinha, quem inventou tudo isso?

Aurélia: Sei lá. Pediram pra eu escrever o que viesse à minha cabeça. Foi isso aí que eu pensei.

Norival: Não está muito bem escrito, mas o imprevisto é perdoável.

Aurélia: Por que não escreveu você, que está sempre botando defeito em tudo?

Teresa: Esta não é a melhor hora pra esse tipo de apreciação.

Júlia: Norival, não tente a sua irmã. Você está sendo desrespeitoso com a memória de seu pai. Você não acha que ele merece repousar em paz, em qualquer lugar onde se encontre?

Armando: A sua mãe tem razão. O importante é saber que meu sogro era um homem de bem e que as pessoas de bem vão receber tratamento diferenciado. Eu acho que os maus são arremessados diretamente nas regiões de sofrimento, de expiação e dor.

Teresa: Muito bem! O meu cunhado está corretíssimo. Parece que o que Aurélia escreveu faz sentido. Se ela tivesse escrito que papai tivesse subido ao Céu e estivesse sentado ao lado direito de Jesus, só poderíamos desconfiar de que as coisas não se coadunavam com os princípios espíritas que venho tentando passar a vocês.

Armando: Posso prosseguir?

Aurélia: Falta só mais um pouquinho.

Armando [Lê.]: ... *segundo os meios disponíveis. Não vai demorar, contudo, para receber alta. Mais uma semana ou duas e ele estará em condições de vir conversar pessoalmente com todos. Estivemos em contato telepático com sua mentalidade desenvolvida e pudemos receber dele a recomendação para que disséssemos aos filhos, netos, genros e noras que não está sentido com ninguém. Pediu-nos, também, que confortássemos a esposa. Não quer que ela sofra com sua morte...*

Júlia: Pobrezinho.

Armando [Lê.]: ... *que deve viver o restante de sua vida de modo a engrandecer a recordação de todos do quanto de amor existia no coração de ambos.*

Aurélia: Eu acho que o espírito tinha outras coisas pra dizer, mas eu estava muito emocionada e não fui capaz de escrever mais. Peço desculpas...

Armando [Abraça Aurélia.]: Está excelente, querida! Vocês não acharam, com exceção de Norival?

Norival: Eu só estava testando a veracidade das informações.

Teresa: Amália está muito quieta. Que você achou do que sua mãe escreveu?

Amália: Sinceramente?

Teresa: Pode ser de outro modo?

Amália: Eu concordo um pouco com o tio. Eu acho que mamãe se deixou influenciar pelas coisas que ouviu Teresa dizer e montou, no inconsciente, esse texto, um tanto quanto desconexo.

Rodrigo: Espere aí! Dona Aurélia não é nenhuma literata...

Amália: Mas o espírito que veio escrever poderia demonstrar melhores condições...

Alfredo: Eu acho que as questões de estilo podem ser examinadas com mais cuidado, se dermos tempo ao tempo. Estamos sob a influência das impressões do momento. Minha querida, você está desejando muito de quem a gente não conhece. E se houve alguma dificuldade na transmissão das ideias? Sua mãe deve estar um tanto perturbada. É natural, portanto, que não tenha tido total segurança na recepção mediúnica.

Amália: Você fala como advogado que é ou quer ser. Por que não lê agora o que escreveu?

Teresa: Desculpe, Aurélia. Eu não sabia que Amália era tão crítica.

Aurélia: Eu não devia ter escrito nada.

Armando: Bobagem, querida. Eu acho que está muitíssimo bom. Está perfeito, pra situação em que estamos. Eu não acreditava que as informações que iriam ser passadas nesta simples reunião fossem tão complexas. Você esteve formidável. Pode acreditar.

Amália: Se eu soubesse que minha opinião fosse ser tomada como a mais pura expressão da verdade, eu não teria dito nada. Acho que todos aqui querem que a gente fale o que pensa.

Alfredo: Por isso mesmo, você há de convir que seu pai e sua mãe têm o mesmo direito de exporem seus sentimentos em relação ao que você disse. Afinal de contas, eles não ofenderam ninguém.

Amália: Nem eu.

Norival: Isso tudo é muito discutível.

Teresa: O que não é discutível pra você?

Júlia: Nós viemos realizar esta reunião por causa do luto dos nossos corações. Quanto a mim, estou muito triste com tudo o que aconteceu a seu pai. Mas as palavras que Aurélia escreveu me oferecem muito conforto e me fazem ver que meu marido me amava com muita sinceridade, da mesma forma que eu. *[Chora.]*

Amália: Desculpe, 'vó. Eu não queria magoar ninguém. *[Abraçam-se.]*

Júlia: Minha querida. Você não me magoou. Mas eu acho que o que sua mãe escreveu está muito bem.

Amália: Melhor assim.

Alfredo: Posso ler?

Teresa: Você acha que deve, depois do que ouvimos nesta sala?

Alfredo: Acho que sim. A mensagem que recebi tem outro teor.

Teresa: Então leia, se não houver ninguém contra.

Alfredo *[Lê.]*: *Nem sempre as respostas que se almejam são as que os espíritos fornecem. É que existe malícia na formulação das perguntas e, então, torna-se mais importante vigiar, para que os corações se tornem leais à própria vida, no desejo de alcançar a verdade. Há perguntas cujas respostas já se conhecem, o que vem comprovar que o indivíduo apenas requer do espírito que descubra, vasculhando os alfarrábios a seu dispor, o local onde se possam referendar as informações. Outras interrogações são mera pesquisa de opinião, para ver se se confirmam as do consulente, para o que se põem problemas de fácil elucidação, no intuito de se levar o pensamento a perلustrar caminhos conhecidos e trilhados. São pessoas que não desejam avançar no saber, contentando-se em ficar com o que possuem, para não se despojarem das regalias usufruídas. Como responder, então, a quem apenas insiste em saber se seus atos malévolos são do conhecimento do plano espiritual, para tomarem a decisão de ocultarem-nos o mais que possam dos companheiros?*

Norival: Posso interromper?

Alfredo: Claro!

Norival: Essas ideias Cleia já reproduziu, exprimindo o pensamento do benfeitor.

Alfredo: Perdão! Como eu fiquei alheado da dissertação, talvez não me tenham favorecido com discurso original. Em todo caso, vou prosseguir lendo, e todos se esforcem por cotejar o que escrevi com o que Cleia reproduziu. De acordo?

Teresa: Vocês estão impacientando-se. Será que os espíritos puseram o dedo em suas feridas?

Norival: Engana-se, minha cara, se você está pensando que estou agastado com algo. A minha observação foi no sentido de refrescar a memória de todos.

Armando: Eu também estou achando bem parecidas as manifestações. Alfredo, falta muito?

Alfredo: Estou apenas no começo. Tenho mais quatro páginas cheias. Se vocês quiserem, posso passar a limpo no computador e entregar, depois, uma cópia para cada um.

Norival: Eu concordaria, se não corrêssemos o risco de adulterações do texto.

Alfredo: Dessa forma, estou sendo ofendido.

Norival: Não é minha intenção. Às vezes...

Alfredo: É sua intenção, sim. E posso dizer mais. Eu acho que o senhor está desconfiado de que, tendo conhecimento de como se realizam estas sessões, eu produzi um texto em casa para apresentação nesta hora.

Norival: Não estou pensando nada disso. Além do mais, Teresa forneceu o papel em branco, como eu tive oportunidade de verificar.

Alfredo: Eu não estou falando de texto escrito, mas memorizado, decorado, uma vez que sua mentalidade é capaz de imaginar que exista...

Teresa: Vamos parar com isso, pelo amor de Deus!

Armando: Eu também acho que Norival não deveria colocar Alfredo em tão má situação.

Norival: Eu não fiz nada. Apenas deixei entrever que não estou de acordo com este tipo de reunião.

Teresa: Então, por que veio?

Norival: Vim na expectativa de que algo mais palpável pudesse ocorrer.

Teresa: Mais palpável? Mas você concordou em que pensava no cofre...

Norival: Concordei, porque era verdade. Mas também é verdade que as ideias trazidas são muito corriqueiras. Qualquer teólogo da Igreja Católica ou Metodista ou de outra seita protestante iria colocar as coisas no lugar. Onde se ouviu dizer, por exemplo, que os espíritos acompanham todas as ações humanas, sem possibilidade de oferecerem restrições contra a maldade? Afirmou-se que meu pai está bem. Não estaria muito melhor se estivesse conosco, vivo, em plena saúde? Por que esses anjos de guarda, esses anjos guardiões não interferiram no momento certo, impedindo o crime? Agora vêm com histórias de que ele está bem, de que está internado, de que virá em breve falar conosco. Desculpem o desabafo, mas eu não estou crente a ponto de aceitar tudo de modo tão cego.

Amália: Antes que me peçam pra dar o meu palpite, vou fazer a defesa de meu namorado. Alfredo comentou comigo que estava temeroso exatamente deste tipo de reação de meu tio. Ele achava que, se escrevesse, iria provocar uma espécie de ciúme nos que não tivessem a mesma desenvoltura. Nesse ponto, até que tinha razão. Mas eu acho que você, meu querido, poderia, no caso, ter ficado na sua, só ouvindo.

Alfredo: Mas eu fui compelido a escrever. As ideias borbotavam em minha cabeça. Foi incoercível. Se vocês me permitirem ler tudo, vão ver que há muita coisa interessante que, conforme afirmei antes, eu mesmo não tinha a mínima noção de que se poderiam estruturar dentro do meu cérebro, tão estranhas são de tudo quanto sempre pensei a respeito da vida e da existência. Agora, o senhor Norival que me perdoe, mas eu me sinto muito ofendido. Não estou estudando Direito para não me ver lesado em minha liberdade de expressar-me. Pretendo defender a minha honra, já que...

Norival: Posso pedir perdão pela irreverência?

Teresa: Que outra coisa mais nobre você poderia fazer?

Norival: Eu não quis despertar a ira furibunda de ninguém. Em todo o caso, a palavra mais importante que ouvi dos protetores foi que as pessoas devem perdoar, em nome do Senhor. Será que vocês, especialmente Alfredo, me perdoarão?

Aurélia: Quem te conhece que te compre. Agora está querendo tirar o corpo fora, como se tivesse preparado a reação da gente, pra nos impingir o ensinamento de Jesus. Mas eu perdoo você agora como já perdoei tantas vezes. A sua consciência...

Norival: Deixe em paz a minha consciência. Não foi essa a razão de Alfredo ter se ofendido? Então, os meus pensamentos são meus e as minhas intenções são minhas. Não é esse o espírito da noção de livre-arbítrio?

Armando: Eu acho, se me permitem, que Norival está pedindo perdão. Será perdoado por todos nós, evidentemente. Nem outra coisa poderíamos esperar de quem ouviu aqui palavras tão grandiosas, porque evangélicas, porque cristãs. Como amar os que mataram Edmundo, se não conseguirmos amar o nosso companheiro? Mas haverá sinceridade nesse pedido?

Norival: Foi isso que eu quis colocar quando falei em consciência.

Armando: Então, você desejou fazer uma simples brincadeira, embora tenha falado de maneira formal e séria?

Norival: Mais ou menos. É aí que fui mal interpretado.

Armando: Sugiro que a gente ponha uma pedra sobre tudo isso. E, como está ficando muito tarde e todos estão muito cansados, proponho que Alfredo proceda como disse, entregando-nos, posteriormente, as cópias da mensagem.

Teresa: Pois eu sugiro que outra pessoa fique com o texto, pra que ninguém mais duvide do que ele escreveu.

Norival: E eu acho que estão removendo a pedra...

Júlia: Por um momento, eu pensei que vocês fossem discutir pra valer. Graças a Deus, as coisas tomaram outro rumo.

Cleia: Dificilmente a gente encontra pessoas com tanta sinceridade quanto Norival. Lá no centro, as pessoas que não gostam das ideias que ouvem pela primeira vez calam-se e nunca mais voltam. Eu espero que ele não faça a mesma coisa, principalmente depois de ter sido aberto o cofre e avaliado o que jaz dentro dele.

Norival: Agradeço toda a ajuda dos que estão me entendendo. E digo mais: eu acho que meu pai não guardava muito dinheiro no cofre, porque tinha conta em dois bancos e mantinha uma boa poupança. Contudo, pra que os dois vigaristas ficassem satisfeitos, ele deveria dar-lhes algumas centenas de reais.

Armando: É isso que você acha que nós vamos encontrar no cofre?

Norival: Que mais poderia ser?

Armando: Vamos marcar pra amanhã cedo a abertura. Você sabe a combinação?

Norival: A chave desapareceu.

Júlia: Não desapareceu, não. Eu sei que Edmundo guardava atrás da gaveta da escrivaninha, dependurada num prego. A combinação, eu tenho escrita em casa. E tenho também uma cópia da chave.

Norival: A senhora vai estar presente?

Júlia: Não vou. O cenário do crime vai me deixar em pandarecos, de novo.

Norival: Então, eu vou levá-la pra casa e a senhora me dá a chave de reserva e os números da combinação.

Armando: Eu não concordo. E se você for lá esta noite, abrir o cofre e substituir os documentos por dinheiro?

Norival: Você acha que eu sou capaz de fazer uma coisa dessas?  
Armando: Não é você que gosta de brincar?  
Teresa: Essa foi muito bem aplicada.  
Júlia: Não vamos recomeçar.  
Armando: Eu estou apenas provocando, no mesmo sentido do cunhadão.  
Norival: Ainda bem, senão ia receber o troco.  
Alfredo: Vocês vão me permitir retirar-me. Amália, vem comigo?  
Amália: Eu acompanho você até a porta.  
Aurélia: Eu mandei preparar uma canja. Tem um caldeirão na cozinha.  
Alfredo: Obrigado, Dona Aurélia. Fica para outra ocasião.  
Rodrigo: Eu estava querendo levar Cleia embora. Hoje ela já brilhou...  
Cleia: Eu lhe pedi...  
Rodrigo: Está certo. Vamos andando.  
Cleia: Desculpem-me, se não era isso que vocês estavam esperando de mim.  
Teresa: Pelo amor de Deus, querida. Foi surpreendente.  
Aurélia: Estou arrepiada até agora. E vocês? Não vão comer?  
Rodrigo: Eu prefiro comer uma *pizza*...  
Cleia: Eu preferia um caldo de legumes. Mas vamos pra casa, porque estou muito cansada.  
Norival: Eu não vou elogiar a jovem. Se sua consciência estiver tão serena quanto a minha...  
Aurélia: Outra vez?  
Norival: Desculpem... Desculpem... Desculpem... Vamos, mamãe.  
Aurélia: O quê? Ninguém vai jantar?  
Júlia: A gente volta a semana que vem. Eu prometo que fico pra comer.  
Armando: Amanhã, às oito.  
Norival: Amanhã, às oito.  
Júlia: Tchau, querida! [*Abrça Aurélia.*] Depois a gente marca a missa de sétimo dia. [*Abrça os netos e respectivos namorados. Todos vão saindo pela porta da frente. Ficam Armando e Aurélia.*]  
Aurélia: Teresa, os livros...  
Teresa [*De fora.*]: Eles ficam...

#### Cena 4.

Armando.  
Aurélia.

Armando: Graças a Deus, foram embora! Eu estou muito cansado.  
Aurélia: O dia foi extenuante e a noite foi cheia.  
Armando: Foi cansativa e, ao mesmo tempo, estimulante.  
Aurélia: Eu também achei, embora não tenha conseguido entender muita coisa do que aconteceu aqui, especialmente com meu irmão.

Armando: Norival estava querendo desanuviar o próprio espírito. O coitado sofreu muita tensão, nestes últimos dias.

Aurélia: Afinal, o que fez que ele ficasse tão avesso?

Armando: Eu acho que tocaram nalgum ponto delicado.

Aurélia: Será que eram pra ele as referências contidas nas leituras?

Armando: Especificamente sobre?...

Aurélia: Quanto ao fato de que as pessoas vêm à Terra pra expiarem antigos erros. Será que Norival está pensando que é superior e não gostou de que tenham colocado ele como farinha do mesmo saco?

Armando: É muito possível. Contudo, eu acho que ele está muito mais preocupado em continuar sendo o que sempre foi. É um boa-vida, sempre gozando os outros. Não sei como foi que se submeteu à sabatinada dos espíritos e aceitou discutir com Teresa. Pelo que eu conheço de seu irmão, ele sempre se manteve distante de todos.

Aurélia: Isso é bem verdade. Por isso que eu estou achando que se disse alguma coisa que o abalou. Só que eu não sei exatamente o que foi.

Armando: Você ouviu a referência ao conteúdo do cofre?

Aurélia: Foi antes que eu começasse a escrever.

Armando: Eu acho que aí está a chave do mistério. O espírito revelou que ele estava pensando sobre o cofre, querendo que dissessem tudo que está lá dentro. Mas, como não se fez referência clara ao conteúdo, ele deve ter ficado com a pulga atrás da orelha. Foi por isso que fiz questão de levantar o problema, fazendo que a primeira preocupação amanhã seja resolver a dúvida.

Aurélia: Eu acho que você pode ter razão.

Armando: Que mais é que você ouviu o benfeitor falar?

Aurélia: Só aquele comecinho. Logo que eu comecei a escrever, tudo passou a girar em torno daquelas ideias que deixei no papel. Sabe que eu tive a sensação de ter sido conduzida até o hospital?

Armando: Como assim?

Aurélia: É que eu não só tive as ideias, mas cheguei a imaginar que estava vendo meu pai deitado num leito muito branco, acompanhado de diversas pessoas, como se estivesse rodeado de médicos e enfermeiros. Eu não estava enxergando com os olhos. Era como se estivesse vendo em sonhos, do mesmo jeito quando a gente dorme. A sensação era a mesma.

Armando: Mas isso é muito bonito. Por que você não perguntou pra Teresa se é possível essa espécie de viagem?

Aurélia: Tive medo. Achei que iam dizer que estava inventando. Que provas eu poderia trazer de que estive com meu pai? Deixei escrito o que me ditaram. Assim mesmo, desconfiaram que eu estava imaginando coisas.

Armando: Quer dizer que a palestra do orientador você perdeu?

Aurélia: Se tivessem gravado a sessão, eu ia poder ouvir tudo. Alguém se lembrou de solicitar que, na próxima reunião, a gente grave tudo?

Armando: Eu não ouvi ninguém expressar o pedido oralmente. Mas, como eles leem no coração e no cérebro das pessoas, quem sabe tenham deixado a resposta na mensagem de Alfredo. Cleia não disse nada nesse sentido.

Aurélia: Que papelão do Norival com relação aos dois jovens. E também de Amália. Que será que se passa com esses dois? Por que desconfiam tanto das pessoas? Eu não gostei...

Armando: Deixe pra lá, querida. Na próxima vez, você não escreve. Que outros assumam essa responsabilidade.

Aurélia: E você? Por que não escreveu?

Armando: Eu acho que os irmãos do etéreo desejavam que eu ouvisse o que tinham pra dizer.

Aurélia: E você aproveitou alguma coisa?

Armando: Eu acho que sim. Mas vou precisar deixar passar um tempo, pra refletir melhor a respeito de tudo. Essa turma vem decidida a puxar as orelhas dos pobres mortais. Será que eles mesmos também não merecem ter as orelhas puxadas?

Aurélia: Ninguém é perfeito. Eu acho que, se eles dissessem coisas muito elevadas, não só Cleia não iria saber traduzir em bom português, como também nós não íamos entender direito.

Armando: Pois eu acho que o que se disse foi muito bom. A gente não está acostumado a tratar desses assuntos e tudo se desencadeou de repente. Se a morte de seu pai vier a frutificar no conhecimento das diretrizes emanadas dos espíritos, com a boa vontade de acertarmos os rumos de nossas vidas, pelo menos o crime não foi em vão.

Aurélia: Você está me deixando muito espantada. Eu não sabia que você estava preparado pra receber este tipo de informações.

Armando: Tenho meditado muito sobre a minha vida... as nossas vidas. Será que tudo o que fizemos corresponde exatamente ao que deveríamos ter feito?

Aurélia: Por exemplo?

Armando: Um simples exemplo. No dia do assassinato, nós enrolamos aqui em casa, querendo comemorar a data do casamento. Tudo nós fizemos de acordo com a programação. O coração estava sangrando? Estava, é claro. Mas, de certo modo, não perdemos a oportunidade de festejar a passagem da data.

Aurélia: Diga francamente. Você está querendo dizer que fui eu...

Armando: Você forçou a barra, mas eu não perdi a chance...

Aurélia: Sabe que eu fiquei muito preocupada. Ainda bem que papai mandou dizer que não se magoou com ninguém. Será que ele teve notícia do que nós fizemos?

Armando: Esse é o ponto. É preciso que ele saiba? Não basta que a gente mesmo esteja ciente dos fatos morais envolvidos nos desejos materialistas de não perdermos o embalo?

Aurélia: Agora é tarde. O que foi feito, está feito. Não há como remediar.

Armando: Tudo pode ser remediado.

Aurélia: O passado não volta mais.

Armando: Mas o futuro repete, muitas vezes, as mesmas circunstâncias. Aprender, nesse caso, vai ser evitar que tenhamos atitudes que nos levem ao arrependimento... Eis que alguém está de volta.

## Cena 5.

Armando.

Aurélia.

Amália.

Armando: Oi, filha. Tudo bem? Passou a chave?

Amália: Passei. Esse Alfredo é um *saco*. Deu pra chamar a minha atenção na frente dos outros. Eu não suporto mais isso.

Armando: Pois eu acho o rapaz educadíssimo.

Amália: Só porque ele bajulou a família, com o pai delegado? Pois ele é um pernóstico, isso sim.

Aurélia: Pois eu pensei que vocês estivessem apaixonados. Era um grude até a semana passada...

Amália: Pois eu cansei. A gente não pode se amarrar numa pessoa só porque é inteligente. De que adianta a inteligência, se não permite que ninguém tenha ideias próprias?...

Armando: Pois eu até achei que ele fica o tempo todo quieto. Só fala quando a gente dá um cutucão.

Amália: Isso vale pra vocês. Quando está comigo, aí é que ele mostra bem o que é. Vocês tinham de ouvir o que ele me disse porque eu defendi o tio. E o que ele disse contra a atitude dele.

Aurélia: Norival não precisava ser tão grosso.

Amália: Mas pediu desculpas. Vocês pensam que Alfredo perdoou? Perdoou nada. Disse que os criminosos têm de ser punidos. Que a sociedade está perdida, porque não existe penalidade pros delitos. Que grassa a permissividade.

Armando: Mas isso é uma verdade.

Amália: Só porque o tio pôs em dúvida...

Aurélia: Pois eu fiquei também muito sentida... até com você.

Amália: Se é pra gente se desentender, é melhor que a tia Teresa não volte mais com essa ideia de sessão espírita. Parece que a reunião veio pra separar as pessoas.

Aurélia: Eu não acho.

Amália: Mas você não acaba de dizer que está brava comigo?

Aurélia: Fiquei nervosa, porque achei que não merecia ser repreendida por alguma coisa que não fiz. Contudo, pensando melhor, cheguei à conclusão que as pessoas não

são obrigadas a acreditar nos outros. [A Armando.] Você já pensou se eu contasse a respeito do que eu vi?

Amália: Querem saber duma coisa? O travesseiro vai ser o melhor conselheiro. Não é assim que se diz? Boa noite pra vocês que ficam.

Aurélia: Você não vai querer a sopa?

Amália: Do jeito que eu estou, não vai descer direito.

Aurélia: Nós também já vamos deitar, mas um prato de canja vai me assentar no estômago muito bem. Você sabe se Rodrigo vai demorar?

Amália: Aquele lá está lambendo a santinha da namorada...

Armando: Que é isso, filha? Que amargura é essa?

Amália: Deixa pra lá. Estou com o fígado estragado. Boa noite!

Aurélia: Durma bem.

Armando: Sonhe com os anjos. [Amália se retira.]

## Cena 6.

Armando.

Aurélia.

Armando: Eu acho que algum plano oculto dela foi revelado pelos espíritos, pra estar tão azeda.

Aurélia: Nesta altura, Alfredo acaba de *dançar*. Eu sempre achei que esse namoro não ia ter futuro.

Armando: Intuição feminina?

Aurélia: O cara é estudante de Direito. Ela pesquisa a História. Um vive o dia a dia. A outra quer reviver o passado.

Armando: Não tem nada que ver. Nenhum bom jurista deve desprezar as lições da História. Nem os historiadores podem desprezar o sentimento de Justiça dos povos.

Aurélia: Eu acho que foi mesmo intuição de mãe. Vamos comer?

Armando: Vá na frente que eu tenho de pôr em ordem uns papéis. Daqui a pouco eu como.

Aurélia: Então não demore. [*Sai.*]

## Cena 7.

Armando.

Armando [*Apanha a pasta e espalha uns papéis sobre a mesa. Disca o celular.*]: Alô! Alô!... Droga! Essa maldita secretária eletrônica! [*Desliga. Sai. Pano.*]

## TERCEIRO ATO

### Cena 1.

Armando.  
Aurélia.

[A mesma sala, com os adereços no lugar. Há uma pilha de livros sobre a mesa de centro. Aurélia está lendo.]

Armando [*Chegando da rua.*]: Que dia, meu Deus! Que dia!

Aurélia [*Larga o livro.*]: Que aconteceu, querido?

Armando: Vim ensaiando contar tudo a você, tantas foram as novidades.

Aurélia: Você está me pondo assustada.

Armando: Ao contrário. As novas são alvissareiras. Mas são complexas. Você não sabe o que achamos dentro do cofre de seu pai.

Aurélia: Muito dinheiro?

Armando: Nem um tostão. Mas a papelada toda da loja estava lá, com a escrituração em ordem.

Aurélia: O velho sempre foi muito organizado.

Armando: O que você não sabe é que havia uma lista enorme de pessoas com cifras ao lado. Seu pai emprestava ou doava dinheiro. Se a gente recuperar todas as quantias, vai dar pra comprar uma mansão.

Aurélia: Santo Deus! Que desperdício!

Armando: Norival ficou desesperado. Mas o verdadeiro *tesouro*, você nem imagina o que seja.

Aurélia: Diga logo.

Armando [*Abrindo sua pasta.*]: Olhe com seus próprios olhos. [*Retira dois livros com aspecto de muito usados.*] Sabe que livros são estes? **O Livro dos Espíritos** e **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Eu trouxe estes dois, mas os outros todos de Kardec estavam lá. Veja aqui. [*Folheia um deles.*] Tudo anotado, com comentários e observações. Norival caiu das nuvens. Desconhecia que o pai era dado ao misticismo.

Aurélia: Mamãe já tomou conhecimento de todas essas coisas?

Armando: Já. Norival me arrastou até a casa dela. Ele está muito bravo. Mas isso não é nada, tem muito mais.

Aurélia: O que foi que mamãe disse?

Armando: Ela achou que seu pai fez muito bem. Que, se ele dissesse pra ela o que vinha fazendo, ela não ia deixar que ele desse dinheiro a ninguém.

Aurélia: Mas não deixava mesmo.

Armando: Contudo, até ficou contente em saber que existem pessoas no mundo que devem estar rezando por seu pai.

Aurélia: Ela não vai querer o dinheiro de volta?

Armando: Querer é claro que vai. Mas, se as pessoas não devolverem, não há nenhum contrato ou nota promissória assinada. São só as anotações de seu pai contra a palavra dos devedores. Mas o pior eu ainda não disse. Os nomes dos assassinos estão assinalados várias vezes. Eles estavam se aproveitando da bondade de Edmundo.

Aurélia: Sem-vergonha!

Armando: Sem-vergonha, sim. Você tem de ver a fúria de seu irmão. Ele quer uma reunião imediata com toda a irmandade. Quer saber se devemos mover uma ação pra acusar os policiais e os repórteres de prevaricação com o nome da família. Acha que eles nos devem reparos morais. As anotações mostram que seu pai estava ajudando as pessoas.

Aurélia: Como comprovar?

Armando: Com tanta gente na lista, não vai ser difícil de conseguir testemunhas. Até as balconistas estão com os nomes lá. E algumas que já saíram. Norival constatou que houve duas que receberam ajuda até depois de terem saído do emprego.

Aurélia: Saíram pra ir pra onde? Que melhor emprego podiam arranjar?

Armando: Segundo suspeitamos, receberam auxílio pro casamento. Simplesmente. E não há ninguém que conste que tenha devolvido tostão. Mas nisso nós podemos estar errados, pois não fizemos o levantamento de toda a papelada.

Aurélia: E as declarações da firma pra Receita Federal? Não devem estar certas, uma vez que o movimento da loja era desviado.

Armando: Disso eu entendo. Pelo que pude constatar, não há um único senão. As faturas estão rigorosamente arquivadas. Você pensa que foi trabalho de amor? Seu pai contratou uma administradora contábil idônea. Norival fez questão de telefonar pra perguntar algumas coisas. As informações são de que houve completa honestidade. O dinheiro é que não escorria pras contas bancárias. A poupança que Norival supunha existir estava quase zerada. As contas correntes apenas asseguram os pagamentos dos funcionários e dos fornecedores. Se quisermos levar avante o projeto dum comércio lucrativo, vamos ter de suspender essa benevolência suicida. A sua mãe disse que, ultimamente, Edmundo não estava dando dinheiro pra nenhum supérfluo. Era ele mesmo quem pagava as duas empregadas e fim.

Aurélia: Quer dizer que estava à beira da falência?

Armando: Isso é o mais estranho. A loja está muito bem. Tem estoque abundante e freguesia avultada. Enquanto estivemos lá, as balconistas não pararam um só instante. Você se lembra que você mesma comentou que estavam muito sentidas no velório? Pois elas trabalham como se partilhassem dos lucros da empresa. E, na verdade, é isso mesmo, porque recebem salário e uma boa porcentagem sobre as vendas. Seu pai está nos dando uma lição de como levar o comércio numa boa. Só que o proveito maior não é pro dono.

Aurélia [*Indicando uma passagem num dos livros.*]: Veja esta observação: *A verdadeira caridade vem do coração amoroso de quem respeita nas criaturas a obra do Criador. Será que a ideia é dele mesmo?*

Armando: A letra é.

Aurélia: Ele pode ter copiado dalgum lugar.

Armando: Duvido. Era exatamente assim que ele devia pensar, pelo que pudemos concluir das atividades extracomerciais.

Aurélia: Agora, mais que nunca, eu vou querer que ele venha conversar com a gente, numa próxima sessão. As impressões da reunião de ontem ainda estão indeléveis. Não é à toa que me disseram que ele está bem, sendo tratado com o maior carinho.

Armando: Pelo que pude compreender das explicações de Teresa, se os filhos não acharem legal o que ele fez com o dinheiro, vão emitir fluidos negativos, vibrações terríveis contra o velho.

Aurélia: Foi assim que você achou que Norival reagiu?

Armando: Ele está mais zangado com os criminosos. Nós não chegamos a entender o motivo de terem matado o velho. O dinheiro que foi encontrado com eles era suficiente pra muitas rodadas de cocaína ou de outro vício qualquer. Por isso é que Norival quer agitar a família. Pra demonstrar pra Justiça que esses elementos são muito perigosos, que não podem sair livres, que devem ter cometido muitos outros crimes. Nesse sentido, ele acionou o Doutor Reinaldo...

Aurélia: Quem?

Armando: O advogado que ele contratou, pra elaborar uma petição de desagravo junto ao Fórum. Esse é o motivo principal da reunião marcada pra hoje à noite.

Aurélia: Eu também tenho que ir?

Armando: Eu acho de toda conveniência que nós dois vamos. Afinal, eu estou metido até o pescoço com a promessa que fiz de deixar as coisas em ordem na loja. Aliás, Norival está sugerindo que Rodrigo assuma a administração e ponha as coisas nos trilhos.

Aurélia: Vai sobrar pra ele.

Armando: Se todos concordarem, o patrimônio resultante após a liberação por parte de Dona Júlia vai ser muito bom. É plano que Rodrigo não pode desprezar. Mas isso envolve a opinião dos tios e dos primos. Vamos ver se ninguém coloca obstáculo.

Aurélia: Qual a alternativa?

Armando: Contratar um gerente. Se não for honesto, vai colocar sua mãe em dificuldades, porque ela não está disposta a acompanhar de perto a administração dos bens.

Aurélia: Foi o que ela disse?

Armando: Ela não quer nem chegar perto do local em que mataram seu pai.

Aurélia: E tem toda razão. Se a família não tomar conta dos negócios, é melhor vender.

Armando: Só depois de configurado rateio das propriedades entre os filhos e ela. Isso demanda tempo.

Aurélia: Até que as novidades não são tão estarrecedoras. Bem pensando, papai até que estava preparando um bom lugar no Céu.

Armando: Eu é que não vou estar internado em hospital nenhum quando morrer. Vou é ser mandado direto pras Trevas.

Aurélia: Não diga isso. Você tem feito o possível pra educar as crianças...

Armando: E quanto à caridade? A última vez que me lembro de ter dado uma contribuição pra uma associação beneficente foi há uns dois anos e, assim mesmo, exigi o recibo e descontei do imposto de renda. Isso é fazer caridade? Seu pai deu-me um exemplo danado de difícil de ser seguido.

Aurélia: Ainda está em tempo de mudarmos o procedimento.

Armando: Estamos apenas no começo. Pelo que entendi, Edmundo faz muito tempo que vem meditando sobre as informações catalogadas por Kardec. Sabe que havia livros de outros autores? E todos anotados?

Aurélia: Quando é que ele arranjava tempo?

Armando: Sei lá. Sua mãe disse que ele nunca saía à noite.

Aurélia: Então, não ia a centro espírita nenhum.

Armando: Eles só saíam uma vez ou outra, pra comer ou pegar um teatro ou cineminha.

Aurélia: E iam junto à academia de ginástica, duas vezes por semana.

Armando: E ficou calado o tempo todo. Nem Teresa sabia dessas leituras ou das contribuições anônimas.

Aurélia: Mais essa?

Armando: Na lista, estão várias instituições de ajuda a drogados, orfanatos, creches, asilos. Existem os recibos delas todas. Pelo menos, seu pai era rigoroso quanto à prestação dessas contas. Mas o dinheiro mais grosso era dado pras pessoas físicas, como nós dizemos na contabilidade.

Aurélia: Será que ser espírita exige tal sacrifício?

Armando: Pelo que entendi, não havia sacrifício algum. A renda só não estava sendo capitalizada monetariamente. A sua mãe não se privava de nada. Apenas as coisas do luxo ou do desperdício é que estavam vetadas. Se o seu pai fazia tudo com alegria e desprendimento —e parece que fazia—, então nada há pra lamentar.

Aurélia: Esse é pensamento seu ou Norival também está de acordo?

Armando: Eu vim refletindo sobre isso no caminho. Não conversamos a respeito. Mas eu acho que ele não vai entender do mesmo modo. Está furioso, furibundo, como disse outro dia. Pra ele, alguém vai ter de pagar caro a morte do pai. E as denúncias falsas contra ele e contra a família. Ele quer retratação pública de todos os canais de televisão e de todos os jornais. E quer crucificar os policiais, investigadores e detetives que levantaram o falso testemunho.

Aurélia: Quer dizer que não aprendeu nada com papai nem deu atenção às palavras dos orientadores espirituais que se manifestaram aqui em casa.

Armando: É isso aí.

## Cena 2.

Armando.

Aurélia.

Rodrigo.

Rodrigo [*Vindo da rua.*]: Pai, é verdade o que estão dizendo sobre os assassinos?

Armando: Estão dizendo o quê?

Rodrigo: Que eles recebiam dinheiro do 'vô?

Armando: Parece que sim, uma vez que os nomes deles estão na lista que encontramos no cofre. Mas quem foi que lhe contou?

Rodrigo: Está o maior bochincho. Duas pessoas diferentes ligaram pra mim na faculdade. O tio Norival, pedindo pra eu ir conversar com ele hoje à tarde e pra não marcar nenhum compromisso pra noite. E Alfredo, dizendo que o pai está muito preocupado com o que está correndo na delegacia que está apurando o crime.

Armando: O que está correndo?

Rodrigo: Estão dizendo que o 'vô mantinha relacionamentos espúrios com os bandidos, como se eles fossem justiceiros a serviço dos comerciantes.

Armando: Eu sabia que isso ainda ia dar pano pra manga. Mas Alfredo está sabendo da lista e das contribuições pra muitas pessoas e entidades de benemerência?

Rodrigo: Pelo que ele me disse, está sabendo de tudo. O tio Norival conversou com ele pra influenciar o pai nas investigações. Disse tudo, inclusive a respeito dos livros espíritas. Só que os policiais estão espremendo os detidos e estes abriram o bico, dizendo que vinham recebendo dinheiro pras drogas. Querem fazer crer que foram provocados, que o 'vô ia denunciar eles, porque não estavam querendo prestar serviços. Um rolo desgraçado!

Aurélia: Do jeito que as coisas vão, a imprensa vai explorar o assunto logo, logo.

Rodrigo: Havia vários repórteres buscando saber o que estava se passando com os marginais. Estão desconfiados que são de menor, que deveriam estar protegidos pelo Código de Menores e Adolescentes.

Armando: Só faltava essa.

Rodrigo: Você sabe o que o tio está querendo comigo?

Armando: Sei. Está querendo que você tome conta dos negócios do seu avô. Ele diz que você está estudando Administração de Empresa pra alguma coisa do tipo.

Rodrigo: Mas a herança não pertence à 'vó e aos tios e tias? Desse jeito, eu vou ficar apenas como gerente, com salário e tudo o mais. Não é o que estou querendo na vida.

Armando: Eu não sei se vai dar certo. A verdade é que sua avó não quer ficar à testa da loja. Sendo assim, alguém vai ter de assumir a responsabilidade dos negócios. A

ideia de seu tio —você vai ver hoje à tarde— é passar-lhe o controle de tudo e, depois, com a anuência de todos, a loja ficará somente pra você.

Aurélia: Isso é pra mais tarde, quando mamãe estiver muito velha ou depois que ela morrer.

Rodrigo: Até lá, fico marcando passo.

Armando: Eu é que não posso tocar mais esse comércio. Em todo caso, você vai ter de decidir depois que lhe forem mostrados os balancetes. Eu acho que vale como exercício...

Rodrigo: ... como estágio...

Armando: Você não é obrigado a observar como as empresas gerenciam os negócios? Pois, se os seus professores concordarem, sempre alguns créditos universitários serão logrados de maneira muito agradável, com remuneração bem superior à mesada.

Rodrigo: Mas eu perco totalmente a liberdade.

Aurélia: Você não precisa dar nenhuma resposta hoje. Converse com Cleia, veja o que papai realizou quanto à benemerência. Ela vai dizer pra você que ele está muito bem lá no hospital do etéreo. Você vai ver que ela vai apoiar você pra prosseguir o trabalho de seu avô, trabalho nobilitante...

Armando: Visto por esse lado, eu até que deixaria tudo pra ficar só com a loja. Pelo menos, as coisas estão bem encaminhadas. Mas suspeito que não vai ser o desejo de seu tio nem de sua avó. Vamos dar tempo ao tempo. Aurélia, não está na hora de almoçar?

Aurélia: Nós não vamos esperar Amália?

Armando: Está ficando um pouco tarde pra mim.

Rodrigo: Eu acho que ela vai demorar.

Aurélia: O que é que você está sabendo?

Rodrigo: Alfredo disse que ela queria conversar com ele. Ele me pareceu preocupado. Disse que ela estava com ideias.

Armando: Então vamos comer. A gente continua a falar durante o almoço.

Aurélia: Eu vou pedir pra arrumarem a mesa aqui na sala.

Armando: Isso vai demorar. Vamos comer na copa mesmo. Não está tudo arranjado como de costume?

Aurélia: É que eu não queria que as moças ouvissem as conversas.

Armando: Tomaremos cuidado. [*Soa o celular. Armando atende.*] Pronto! Ah! É você? [*Para Aurélia e Rodrigo.*] É Norival. Alguma novidade? Sim... Sim... Sei... Rodrigo estava contando... Na televisão?...

Aurélia: Que foi?

Armando [*A Aurélia.*]: Espere um pouco. [*Ao telefone.*] Está certo... Eu concordo... Uma coletiva pode surtir efeito, desde que a gente esteja bem preparado. O doutor Reinaldo vai estar presente?... Bom... Não seria o caso dele ser o porta-voz da família?... Certo... Está bem! Pode vir. Já almoçou?... Então, você come aqui... Em dez minutos... Eu aviso. Até já! [*Desliga.*] O seu irmão vem vindo aí.

Aurélia: Vem almoçar, pelo que entendi.

Armando: Com certeza.

Aurélia: Então o almoço vai ser aqui mesmo na sala.

Armando: Enquanto você providencia, eu vou avisar que vou chegar atrasado.

Rodrigo: E eu vou tomar uma chuveirada. *[Sai. Aurélia providencia a arrumação da mesa. Armando permanece na poltrona e faz uma ligação no celular.]*

### Cena 3.

Armando.

Aurélia.

Cidinha.

Armando: Alô! Diego?... Sim, eu mesmo. Escuta, vou chegar um pouco mais tarde. Você toma conta de tudo. O.K.?... Muito bem. Se for demorar muito, eu torno a ligar. Aconteceram umas coisas na loja do meu sogro... Confio em seu discernimento. Qualquer coisa, estou com o celular. Até mais tarde. *[Desliga. Efetua outra ligação. Fala mais baixo.]* Sim, sou eu... Tudo bem mas estou com problemas aqui em casa. Não me espere hoje... Até amanhã... Outro.

Aurélia: Esse Diego é pau pra toda obra.

Armando: É excelente.

Aurélia: Pra quem mais você ligou?

Armando: Pro escritório do contador. Está na hora de fechar a escrituração do semestre, só que hoje não vai dar. Marquei pra amanhã. *[Aurélia sai e volta com Cidinha, trazendo pratos, talheres e copos. Armando apanha um dos livros que trouxe. Lê. Aurélia e Cidinha saem.]*

### Cena 4.

Armando.

Amália.

Amália *[Entrando.]*: Esse Alfredo me paga. Me deixou feita um dois de paus, esperando na porta da faculdade. Precisei vir de táxi.

Armando: Quanto tempo você esperou?

Amália: Dez minutos.

Armando: Não dou cinco pra que ele chegue atrás de você.

Amália: Não ponha panos quentes.

Armando: Que panos quentes? Eu lá vou querer meter a minha colher de pau nessa panela de barro? Vocês são brancos, vocês se entendam.

Amália: Isso é racismo puro.  
Armando: É só uma expressão.  
Amália: ... que discrimina os negros.  
Armando: ... e os amarelos e os peles-vermelhas e os marcianos...  
Amália: Pai, vê se não enche.  
Armando: Já não está mais aqui quem falou. [*Entra Aurélia com Cidinha.*]

## Cena 5.

Armando.  
Amália.  
Aurélia.  
Cidinha.

Amália: Dona Aurélia, que novidade é essa de arrumar a mesa na sala?  
Aurélia: Norival vem vindo pra almoçar.  
Amália: Temos novidades?  
Aurélia: Algumas. [*Aponta discretamente para a empregada.*] Depois eu conto.  
Amália: Está certo. Rodrigo está lá dentro?  
Aurélia: Tomando banho.  
Amália: E eu vou me trocar. Tomei um suadouro. Esse Alfredo vai ver. [*Sai.*]

## Cena 6.

Armando.  
Aurélia.  
Cidinha.

Aurélia: Que deu nela?  
Armando: Está arrumando pretexto pra brigar com o namorado.  
Aurélia: É uma pena. Você estava se dando tão bem com ele.  
Armando: Quem tem de se dar bem é ela. [*Soa a campainha. A criada atende.*]

## Cena 7.

Armando.

Aurélia.

Alfredo.

Cidinha.

Armando: Vá entrando, meu jovem. Que bons ventos o trazem?

Alfredo: Maus ventos. Prenúncios de tempestade. Amália já chegou? Eu me atrasei para pegá-la.

Aurélia: Boa tarde, Alfredo!

Alfredo: Boa tarde, Dona Aurélia!

Aurélia: Vá se preparando. Trouxe capa e guarda-chuva?

Alfredo: Pelo visto, ela já demonstrou seu descontentamento para comigo.

Armando: Você vai ver. E não vai demorar. Ela acaba de entrar. Eu recomendo que você não se faça anunciar. Espere que ela apareça. Enquanto isso, me diga o que você está sabendo a respeito do andamento do caso.

Aurélia: Eu vou até parar o que estou fazendo, pra ouvir. Estou muito interessada em saber essa história de estarem acusando meu pai de novo.

Alfredo: Pois é, Dona Aurélia. Infelizmente, a gente não consegue fazer essas bocas calarem-se. Meu pai diz que a polícia deve seguir o rumo das investigações, respeitando as intuições, farejando, por assim dizer, o rastro deixado pelos bandidos. No entanto, o sistema acaba, muitas vezes, por prejudicar os suspeitos, porque as provas são circunstanciais e a polícia as considera definitivas.

Armando: Mas estão fundamentadas as hipóteses em quê?

Alfredo: Os assassinos querem fazer crer que seu sogro está envolvido com justiceiros e que não agia sozinho, mas como pau-mandado da Associação Comercial.

Armando: Isso mexe também comigo.

Alfredo: Exerce o senhor algum encargo na diretoria?

Armando: Compareço às reuniões na qualidade de conselheiro.

Alfredo: Alguma vez, discutiu-se a necessidade de se afastarem os meliantes menores, os pés-de-chinelo, os trombadinhas e trombadões?

Armando: Sempre. Esses indivíduos dão prejuízo aos comerciantes de duas maneiras: primeiro, porque roubam e, segundo, porque afastam a freguesia...

Alfredo: Além de porem os balconistas e vendedores em polvorosa.

Armando: É isso aí.

Alfredo: A partir desse fato verídico, que o policiamento conhece por dentro, tantas são as queixas formalizadas ou não e tantos são os menores e maiores apanhados, tira-se a conclusão de que o desaparecimento dos mesmos da região é forçada por

guarda particular, uma vez que os policiais sabem muito bem onde a corporação atua.

Armando: Em determinadas zonas, somos obrigados a manter seguranças em cada estabelecimento. Até os grevistas e os muambeiros do comércio paralelo, os contrabandistas que vão buscar mercadorias no Paraguai, se revoltam contra a lei e a determinação oficial de regulamentar os postos dos camelôs e invadem os locais dos que contribuem com taxas e impostos pro benefício social.

Alfredo: Agora, imagine o senhor que alguém venha dizer que está a soldo de um qualquer estabelecido no comércio regular.

Armando: Aí vai ter de dizer que eliminou este ou aquele. Vai ter de se implicar.

Alfredo: Não a esse ponto, mas é possível fazer crer que estavam somente recebendo dinheiro para assustarem os marginais. É crime menor. Se a polícia encontra o registro de verbas destinadas a eles...

Armando: Foi o Norival quem fez questão de mostrar aos investigadores, hoje de manhã...

Alfredo: A abertura do cofre não poderia ter sido feita sem a presença dos policiais. Eles não haviam interditado o escritório, palco da tragédia?

Armando: Não havia outra maneira.

Alfredo: Então, como ocultar deles a relação?

Armando: Eles até que foram condescendentes, autorizando que tirássemos uma cópia de cada folha.

Aurélia: Pois eu acho que as coisas, dessa maneira, podem complicar bem mais.

Armando: Como assim?

Alfredo: Já complicaram. Mas Dona Aurélia pode dizer o que está pensando.

Aurélia: Estou pensando que a relação contém muitos nomes de pessoas idôneas que podem testemunhar a favor de papai. E se houver alguma dona que deseje ser convencida a *desistir* de alguma acusação falsa e falar que recebia dinheiro, por ser amante dele ou coisa assim?

Alfredo: Essa linha de pesquisa está levando os detetives a procurarem mulheres com passagem pela Delegacia de Costumes. Certamente, vão encontrar alguma, já que *Seu* Edmundo ajudava a qualquer um. Basta que uma testemunhe a favor da conjectura sinistra da maldade e se desencadeará outro chorrilho de acusações descabidas.

Armando: Norival está a par dessa nova tendência?

Alfredo: Tanto está que colocou o causídico de sobreaviso, para rebater qualquer insinuação pela imprensa de que a família esteja patrocinando os crimes dos justiceiros.

Armando: E se a gente azeitasse a mão...

Alfredo: É a pior viagem. Eles estão com fome de culpados, talvez porque haja policiais envolvidos. Pelo que entendi, talvez tenham oferecido, sorrateiramente, os serviços espúrios, para ganharem algum por fora, porém, foram rejeitados pelo tesoureiro e pelos demais diretores da associação. Agora, querem vingança ou aparecer perante a opinião pública, engrandecendo-se para obterem lucros.

Aurélia: Eu acho essas suposições muito fora de propósito.

Armando: É porque você não conhece os meandros... [*Soa a campainha.*] É Norival.

Alfredo: Ele talvez traga novas.

Aurélia: Cidinha, eu atendo. Você pode ir cuidar das coisas lá dentro. [*Cidinha sai.*]

## Cena 8.

Armando.

Aurélia.

Alfredo.

Norival.

Aurélia: E aí mano, tudo bem?

Norival: Nem tudo, Relinha.

Armando: Quais são as novidades?

Norival: Podemos falar à vontade?

Aurélia: A mesa está posta. Quando a comida for servida, é melhor a gente não tratar desses temas íntimos. Vou pedir pra que a Cidinha venha só quando for chamada. A campainha serve pra isso.

Norival: Pois as coisas tomam rumo muito difícil. Uma vigarista foi achada que prometeu revelar a vida amorosa secreta de papai.

Aurélia: Não acredito.

Norival: Você, não. Mas a polícia, a imprensa e o povo vão achar tudo muito claro. O dinheiro corria solto. As quantias são altas. Os assassinos receberam dinheiro. Tudo se encaixa, pra quem quer encontrar chifres em cabeça de cavalo.

Aurélia: E quem é essa infeliz?

Norival: Uma antiga empregada. Foi mandada embora quando papai descobriu que furtava. Mas ele não apresentou queixa. Não formalizou a denúncia. E ainda deu mais algum. Nós vamos ter de arrolar a colega que confirmou os furtos, pra refutar as acusações. Enquanto isso, como é que vamos fazer a imprensa calar?

## Cena 9.

Armando.

Aurélia.

Alfredo.

Norival.

Amália.

Amália [*Entrando.*]: Ora, vejam quem chegou pra almoçar! Muito bem, querido amigo, que desculpa você tem pra me dar?

Alfredo: O seu tio aqui presente vai responder por mim.

Norival: Do que a mocinha está reclamando?

Amália: Esse palerma me deixou estaferma, na porta da faculdade.

Norival: Eu acho que fui o culpado. Ele ficou comigo até tarde. Bem que ele queria sair correndo. Mas eu impedi.

Amália: E não podia ter feito uma ligação?

Alfredo: Espera aí! A ligação eu fiz, exatamente ao meio dia e cinco. A pessoa que me atendeu não achou você. Quer dizer que você não me esperou nem cinco minutos. Assim mesmo, corri até lá inutilmente. Depois vim pra cá.

Amália: Se você pensa que vou acreditar nisso tudo...

Armando: Filha, nós estamos tratando de assunto muito mais importante.

Amália: Eu não acho.

Aurélia: Você nem sabe do que se trata.

Amália: Claro que eu sei. É o caso do 'vô. Mas essas são águas passadas. O importante são os vivos.

Aurélia: Se você ficar calada, vai ver que não é bem assim. As coisas vão apertar todos nós.

Amália: O que a polícia pode fazer? Levar o caso às barras do tribunal? E daí? Qualquer *advogadozinho* barato vai comprovar a inocência dele e nossa. A balbúrdia destes últimos dias vai ser esquecida. Basta que surja algum outro crime bárbaro, uma notícia de banco falido, algum...

Armando: Quer fazer o favor de parar?! Vamos ouvir o seu tio.

Amália: Eu estou com fome. Nós não vamos comer?

Aurélia: Vamos sentar. [*Sentam-se. Aurélia providencia o serviço do almoço.*] Vocês querem vinho, cerveja, refrigerante, água, suco?...

Norival: Só água ou um suco de laranja, se tiver.

Armando: Pra mim, refrigerante gelado.

Aurélia: *Diet*, naturalmente.

Armando: É isso aí.

Amália: Podem deixar que eu vou buscar na despensa o que eu quero. [*Sai. Aurélia também sai, gesticulando para Amália.*]

## Cena 10.

Armando.  
Alfredo.  
Norival.  
Rodrigo.

Rodrigo [*Entrando.*]: Vocês já estão sentados. Oi tio, como vai?  
Norival: Mal. Muito mal.  
Rodrigo: Que foi? A imprensa...  
Norival: Depois eu explico. Vamos comer.  
Rodrigo: E você, Alfredo, que conta?  
Alfredo: A sua irmã está me pondo numa gelada.  
Rodrigo: Não liga, não. Males de amor.  
Armando: Pois eu estou querendo crer que aí tem.  
Alfredo: O senhor está sabendo de algo que eu não saiba?  
Armando: Se eu fosse você, tomava cuidado.  
Alfredo: Pois eu estou muito preocupado. Rodrigo é que está menoscabando o caso.  
Rodrigo: Não está mais aqui quem...

## Cena 11.

Armando.  
Alfredo.  
Norival.  
Rodrigo.  
Amália.  
Aurélia.  
Cidinha.

Aurélia [*Acompanhada de Amália e Cidinha, traz a comida.*]: Vocês vão começar por um consomê de legumes: aspargos, cogumelos e creme de leite. [*Cidinha distribui as bebidas. Amália coloca sobre a mesa um balde de gelo com uma garrafa de champanha.*]  
Armando: Amália, querida, que é que você está aprontando?  
Aurélia: Depois ela explica. Vamos comer.

Amália: Explico agora mesmo.  
Aurélia [*Gesticula, indicando a presença de Cidinha.*]: Não vamos deixar esfriar a comida.  
Armando: Tudo bem. Depois você explica.  
Alfredo: Se tem alguma coisa que ver comigo...  
Aurélia [*A Alfredo.*]: Uma concha é suficiente?  
Alfredo: Tudo bem, Dona Aurélia.  
Armando [*Constatando que Cidinha saiu.*]: Que é que você está querendo comemorar?  
Amália: A minha liberdade.  
Alfredo: Vejo que estou demais...  
Amália: E está mesmo.  
Alfredo: Nós podemos conversar a sós?  
Amália: Quando você quiser.  
Armando: Que foi que ele lhe fez?  
Amália: Não fez nada e fez tudo.  
Aurélia: Não seja injusta, Amália. Alfredo tem se mostrado digno...  
Amália: É essa *dignidade* que está me abafando. Já não tenho liberdade pra falar um  
palavrão. Eu quero ser mais eu.  
Armando: Eu não vejo como...  
Rodrigo: Posso dar um palpite?  
Amália: Você, fique na sua!  
Rodrigo: Por quê? A senhora é dona da palavra?  
Amália: Eu é que não vou dar palpite na sua vida.  
Alfredo [*Levantando-se.*]: Com licença. [*Ameaça sair.*]  
Aurélia: Pelo amor de Deus, Alfredo! Vamos conversar.  
Alfredo: Vou esperar Amália no jardim. [*Sai.*]

## Cena 12.

Armando.  
Norival.  
Rodrigo.  
Amália.  
Aurélia.

Amália: Pois vai esperar eu terminar de comer e de beber.  
Armando: Faça como você quiser, mas estourar essa champanha...  
Amália: Que é que tem, pai? Vocês não comemoraram o aniversário de casamento justo no  
dia que o 'vô foi assassinado?  
Aurélia: Quem é que lhe dá o direito de julgar o seu pai?

Amália: Ele que não provoque. Se me proibir de alguma coisa, vai ter de ouvir algo que não vai gostar.

Aurélia: Que tom é esse, menina?

Amália: Não me chame de menina. Eu já tenho idade pra...

Aurélia: Pra mim, você vai ter sempre três anos...

Amália: Não seja cega, mãe. A senhora não está vendo nada.

Aurélia: Se você quer que eu veja alguma coisa, vamos lá dentro...

Amália: Sabe duma coisa? Eu já perdi a fome. Deixa eu despachar aquele tonto. [*Sai, enquanto Armando segura Aurélia pelo braço, impedindo-a de seguir Amália.*]

### Cena 13.

Armando.

Norival.

Rodrigo.

Aurélia.

Armando: Fique aqui, Aurélia. Deixe que ela faça o que bem entender. Se tiver de se arrepender...

Aurélia: Mas eu tenho certeza que ela vai sofrer.

Rodrigo: Não vai sofrer coisa nenhuma. Eu bem que estava desconfiado desse relacionamento. Esses dois são muito formais. Ele quer que ela fale direito. Ela exige que ele use gíria. São dois bicudos.

Norival [*Estendendo o prato para receber outra concha de sopa.*]: Pois eu quero mais um pouco, que isto está uma delícia. [*Aurélia serve.*]

Armando: Perdoe a menina, cunhado.

Norival: Eu não me abalo com essas chocarrices infantis. Dentro de dois dias, esses dois estão de volta numa boa e vocês vão ficar magoados porque se julgaram desrespeitados. Há coisas mais prementes pra serem resolvidas.

### Cena 14.

Armando.

Norival.

Rodrigo.

Aurélia.

Amália.

Cidinha.

Amália [*Entra e joga uns papéis em cima da mesa.*]: O carinha mandou entregar essas cópias do que ele chamou de *mensagem*. Eu não acredito...

Aurélia: O que foi que você fez?

Amália: Despachei o infeliz. Que vá plantar em outro terreno, porque aqui ele não vai colher mais nada.

Armando: Que foi que ele fez, definitivamente?

Rodrigo: Pois eu vou dizer o que acho. A mana está engraçada com outro.

Amália: E se estiver, que é que você tem com isso?

Rodrigo: Eu só acho que não precisava dramatizar tanto.

Amália: E você acha que ele ficou sentido? Simplesmente, foi embora, batendo o pé e fazendo o carro guinchar. Se eu bem conheço a peça, vai arrumar outra hoje mesmo.

Aurélia: Mas o namoro de vocês estava tão deteriorado?

Amália: Quer saber, mãe, o que aconteceu comigo?

Aurélia: Claro que eu quero. Não estou entendendo nada!

Amália: De verdade, mesmo?

Armando: Diga numa vez.

Amália: Pois foi a reunião espírita da tia Teresa.

Norival: Aí tem.

Amália: Eu não fui capaz de entender na hora que estavam falando de mim. Mas pude pensar bastante e cheguei à conclusão de que eu estava sendo falsa comigo mesma e com ele. Cleia disse que a traição é a coisa pior que existe.

Norival: Você também acha que foi Cleia quem disse tudo aquilo?

Amália: Eu preferia acreditar que não tivesse sido ela.

Rodrigo: Vê lá que não vai ofender a moça!

Amália: Não se preocupe. Qualquer coisa que eu diga não vai fazer diferença. O importante é demonstrar os sentimentos verdadeiros. Não foi isso o que ela disse?

Rodrigo: Foi o protetor, Enésio.

Amália: Disse ou não disse?

Norival: Eu estou de prova.

Amália: Então... [*Cidinha entra. Aurélia faz um gesto para a filha calar-se.*]

Aurélia: Cidinha, espere que eu chame, por favor. [*A criada sai.*]

Amália: Essas coisas me deixam furiosa.

Aurélia: Você quer que as empregadas saibam de tudo o que se passa aqui em casa?

Amália: Deixe pra lá. Se que o que eu penso não tem importância. Que importância vai ter a opinião das criadas?

Armando: Perdi a fome. Vou esfriar a cabeça no quarto. [*Sai.*]

## Cena 15.

Norival.  
Rodrigo.  
Aurélia.  
Amália.

Amália: Se toda gente aqui em casa tivesse a coragem que eu tenho, a nossa vida ia ficar mais verdadeira.

Norival: O que é a verdade?

Aurélia: Não vamos começar. Se existe alguma coisa que eu não estou sabendo, alguém tem de me contar.

Amália: Pois vai perguntar pro seu marido.

Rodrigo: Amália, você está cometendo um grande erro. Você está julgando o seu próprio pai.

Amália: E eu não posso?

Rodrigo: Você é cristã?

Amália: Não é porque eu sou cristã que não posso querer que as pessoas sejam sinceras.

Rodrigo: Se você está querendo se desfazer do namorado, tudo bem! Mas fique por aí.

Aurélia: Santo Deus, que é que vocês estão sabendo?

Rodrigo: Não é nada, não. A sua filha é que está com caraminhola na cabeça.

Norival: Querida sobrinha, posso...

Amália: Não pode não, tio. Agora que comecei, vou até o fim.

Aurélia: Eu exijo que você diga tudo o que sabe.

Rodrigo: Não faça nada de que possa arrepender-se.

Amália: Se eu não falar, aí é que vou ficar com a consciência pesada.

Aurélia: O que é que seu pai está aprontando?

Amália: Ele está saindo com uma dona... [Aurélia sai.]

## Cena 16.

Norival.  
Rodrigo.  
Amália.

Rodrigo: Você não tem consideração nem respeito pelo seu pai?

Amália: Estou cansada de ouvir histórias de minhas amigas. Onde se viu ele ficar saindo com uma de minhas colegas. Ela tem a minha idade!

Norival: Mas isso está provado?

Amália: Tio, a gente sabe quando essas coisas acontecem. Eu mesma vi os dois...

Rodrigo: Pois você vai ter de enfrentar...

Amália: Um dia eles vão me agradecer. E Alfredo também.

Rodrigo: Tio, me desculpe. [*Sai pela porta da rua.*]

## Cena 17.

Norival.

Amália.

Norival: Por que você armou essa pros seus pais?

Amália: Tio, estou cheia de ouvir que as coisas precisam ficar encobertas.

Norival: Mas isso não justifica descarregar tanto rancor sobre os coitados. Você não sabe o que significa uma descoberta dessas.

Amália: E eu não sofri com a minha descoberta de que Alfredo estava sendo apenas uma carga?

Norival: Mas é muito diferente. Os seus pais viveram uma vida inteira juntos. Criaram vocês. Amargaram desconfortos. Lutaram pela saúde e pela educação.

Amália: E daí? Só por causa disso meu pai pode ficar gozando a vida lá fora?

Norival: Se era desejo seu que sua mãe ficasse sabendo, poderia ter revelado de maneira mais sutil.

Amália: O que está feito, está feito.

Norival: Com certeza. Mas eu acho que seu pai vai ter do que reclamar.

Amália: Ele que não fizesse nada escondido.

Norival: Você não acha que a consciência era dele?

Amália: Consciência? Que consciência? Você não sabe o que ele está passando na mão da outra.

Norival: É mais uma experiência que ele vai ter de aprender.

Amália: Pois aprenda mais esta.

Norival: Eu acho que você está sendo muito cáustica. Escute o seu tio: não vai demorar pra você ter de pedir perdão ao seu pai. Agora, as coisas estão nas mãos de Aurélia. Se ela não tiver um pouco de equilíbrio...

Amália: Sabe duma coisa, tio: eu não estou aqui pra ouvir recriminações. Se eu quisesse ouvir conselho, tinha pedido.

Norival: E você acha que sua mãe estava querendo ouvir o que você disse?! E seu pai: merecia de sua parte?!...

Amália: Tchau, querido tiozinho. A gente continua este maravilhoso papo outro dia. [*Sai pela porta da rua.*]

## Cena 18.

Norival.

Norival [*Vai até o telefone. Hesita. Disca.*]: Teresa?... Sim. Norival. Estou na casa de Relinha. Aconteceu algo que pode vir a ser grave... Vou dizer em poucas palavras: Amália contou pra mãe que Armando tem um caso... Concordo, mas não pude impedir... Não sei. Eles estão lá dentro. Provavelmente, estejam discutindo... Talvez fosse o caso... Eu vou ficar até ter a certeza de como as coisas vão andar... Era bom... Venha, porque sempre haverá alguém a apoiar o bem contra o mal... Eu não estou fazendo nenhuma gozação... Está certo! Desculpe. Preciso desligar. Armando vem aí. [*Desliga.*]

## Cena 19.

Norival.

Armando.

Armando [*Entra esbaforido.*]: Onde está aquela cadelinha?

Norival: Calma, Armando.

Armando: Você viu o que ela me aprontou?

Norival: Quis fazer o bem...

Armando: Vai ver como é que está sua irmã. Desmaiou.

Norival: Você confirmou o que Amália disse?

Armando: Tentei mentir, mas até o nome ela soube dizer.

Norival: Amália não falou em nome nenhum.

Armando: Então, Aurélia adivinhou.

Norival: Ou já desconfiava. Você não *deu bandeira*?

Armando: Não estou ficando louco. Você acha que ia dar demonstração de que tinha outra?

Norival: É muito difícil esconder essas coisas. As mulheres desconfiam. Sempre os maridos deixam faltar carinho, atenção. Voltam fora de hora...

Armando: Sempre cumpri minhas obrigações conjugais, se é isso o que você quer dizer. O que é pior, sempre cumpri meus deveres de pai e a minha própria filha me apronta uma dessas!

Norival: Que vocês conversaram?

Armando: Muito pouco. Fiz que ela acordasse. E pedi que confiasse em mim. Vou pôr um ponto-final em tudo. Sabe qual a preocupação de Aurélia? Que eu despeje toda minha raiva naquela desgraçada.

Norival: O que você esperava que fosse acontecer? Mais dia, menos dia, essas coisas aparecem.

Armando: Mas aí a gente já está velho e o fogo apagou.

Norival: Que apagou nada. Veja meu pai.

Armando: Que tem seu pai?

Norival: E aqueles nomes todos na lista? Dinheiro pra esta e mais aquela.

Armando: Você não está acreditando que o velho mantinha amantes?!

Norival: Onde tem fumaça tem fogo.

Armando: De qualquer jeito, ele não vai sofrer nenhuma consequência. Já se foi mesmo. Era o que eu desejava: que só descobrissem depois, quando não tivesse mais importância nenhuma.

Norival: E a mocinha, não ia querer estabilidade financeira? Você acha que só os seus lindos olhos bastam pra ela? As mulheres querem segurança. E se ela ficar grávida? Como é que você pensou que ia se virar?

Armando: Que grávida, que nada! As mulheres hoje em dia sabem evitar.

Norival: E sabem engravidar, quando querem amarrar os trouxas.

Armando: A minha não é assim.

Norival: Não foi o que Amália disse.

Armando: O que é que ela disse?

Norival: Que as coleguinhas estão rindo dela e de você. Eu acho que ela se sentiu envergonhada.

Armando: Mas como é que elas estão sabendo? Eu sempre fui muito discreto.

Norival: Esse é o tipo de conquista que as mulheres gostam de divulgar. Confidenciam pra quem elas sabem que são futriqueiras. É a glória embolsar o dinheiro dos velhos ricos.

Armando: Eu já disse que ela não é assim.

Norival: Se você conseguir ficar calmo, converse com Amália. Eu acho que você ainda vai agradecer a atitude arriscada dela. Você pensa que foi fácil pra ela?

Armando: É uma incosequente.

Norival: Se você não estivesse tão nervoso, eu diria que ela teve a quem puxar. Mas não vou recriminar ninguém. Eu, que não estou acreditando em nada dessa baboseira de Espiritismo, me vejo na situação de apaziguador. Não foi nesta mesma sala que ouvimos que as pessoas devem perdoar, devem se reconciliar? Agora é que os ensinamentos devem valer. Mas eu não sou o melhor conselheiro. As minhas palavras se enchem de ironia. É que não estou preparado pra situações tão dramáticas. E veja que eu é que estou metido até o pescoço no caso de meu pai.

Armando: Eu vou sair.

Norival: É a melhor coisa pra você fazer. Vá conversar com a moça. Veja se vocês definem o relacionamento de vocês. Se for pra abandonar a esposa e criar laços com a outra, vocês é que vão ter de decidir. O coração deve falar mais alto. Se você está apaixonado...

Armando: Que apaixonado, que nada! Estava só tendo um caso.

Norival: E não é o primeiro.

Armando: Claro que não. O novo é essa denúncia maldita.

Norival: De qualquer modo, você deve fechar a conta. Resta saber em que restaurante...

Armando: Não é hora pra brincadeiras.

Norival: A vida é feita de contradições.

Armando: Dispensó a sua filosofia. Se alguém perguntar onde estou, diga que fui resolver os meus problemas. *[Sai.]*

## Cena 20.

Norival.

Cidinha.

Norival *[Apanha o telefone e disca. Aguarda. Repõe no gancho. Toca o sininho. Entra a criada.]*: Cidinha, me faz um favor. Recolha os pratos, tire essa sopa daqui e traga mais alguma coisa.

Cidinha: Ninguém mais vai comer?

Norival: Vá e volte e bico calado! As coisas não estão muito bem. Cuidado pra que não sobre pra você.

Cidinha: Deus me livre! *[Faz duas viagens, transportando os apetrechos. Norival folheia um dos livros que trouxe.]* A Dona Aurélia mandou preparar uma carne assada. Tem suflê de batatas e molho tártaro.

Norival: Está muito bem. *[Cidinha sai.]*

## Cena 21.

Norival.

Aurélia. *[Entra transtornada. A maquilagem manchada. A roupa em desalinho.]*

Norival: Relinha, que desespero é esse?

Aurélia: Não me diga que ele se mandou!

Norival: Componha-se, maninha. A vida deve ter curso, apesar de tudo.  
Aurélia: Eu ouvi vocês conversando.  
Norival: Eu chamei a Cidinha.  
Aurélia: Eu ouvi a campainha.  
Norival: Pedi pra ela me trazer o assado.  
Aurélia: Desculpe, Norival. Você tem de compreender.  
Norival: Não se preocupe. Só eu não creio que seu marido estivesse traindo você.  
Aurélia: Ele confirmou tudo.  
Norival: Uma aventura sem consequências. Está na idade do lobo. Se você não estivesse tão nervosa, eu podia dizer o que se passa com os homens entre os quarenta e cinquenta.  
Aurélia: Eu não tenho encantos pra competir...  
Norival: Os seus encantos são as louçanias da alma.  
Aurélia: Não sei como é que você tem coragem de brincar numa hora destas.  
Norival: Não estou brincando. É que esta é a oportunidade que eu tenho pra demonstrar que pra alguma coisa eu sirvo. O que eu quero dizer é que a mulher deve compreender a alma do marido fujão. Não é a hora das acusações. Você pensa que ele não está martirizado? Se fez alguma coisa errada, é porque pensava que ia ficar impune. A sociedade leva a gente a pensar que pode tudo. Se você gosta de verdade dele, é hora de demonstrar.  
Aurélia: E ele gosta de mim? É assim que ele demonstra?...

## Cena 22.

Norival.  
Aurélia.  
Cidinha.

Cidinha [*Entrando.*]: Com licença, Dona Aurélia. O *Seu* Norival me chamou e pediu...  
Aurélia: Deixe aí na mesa. Só volte, se ouvir a campainha.  
Norival: Obrigado, Cidinha!  
Cidinha: Não tem de quê! [*Sai.*]

## Cena 23

Norival.  
Aurélia.

Aurélia: Pelo que você está dizendo, eu devo ficar quieta, sem reclamar.  
Norival: Eu não disse isso. É como eu falei pro Armando. Agora chegou o momento de fazer valer as palavras que ouvimos nesta sala, outro dia. Chegou a hora de aplicar o evangelho de Jesus, perdando...  
Aurélia: Falar é fácil.  
Norival: Pra mim está sendo o mais difícil. Eu até liguei pra Teresa.  
Aurélia: Que vergonha, meu Deus! Agora todo mundo vai ficar sabendo.  
Norival: Eu acho que muita gente já sabia, porque a moça deve ter contado pra todo mundo.  
Aurélia: Sem-vergonha.  
Norival: Jesus pediu pra perdoar também os inimigos.  
Aurélia: Eu não sou santa.  
Norival: Se fosse, não estaria sofrendo desse jeito. No meu conceito, santo é o indivíduo que sofre as maiores torturas morais ou físicas e ainda agradece a Deus a oportunidade de resgatar os pecados desta ou doutras encarnações. [À parte.] Eu não acredito no que estou ouvindo eu mesmo dizer!  
Aurélia: Você não vai comer?  
Norival: Perdi o apetite.  
Aurélia: Mas foi você quem pediu.  
Norival: Pensei que fosse ficar aqui sozinho. [Soa a campainha.] Eu atendo.

## Cena 24.

Norival.  
Aurélia.  
Teresa.

Norival: Que bom que você veio. Vai me tirar duma verdadeira roda-viva.  
Teresa: Aurélia, que aconteceu?  
Aurélia: Norival não lhe contou?  
Teresa: Disse que Armando está sendo infiel.  
Aurélia: Pois ele tem outra. Você acredita nisso? Aquele sonso. Eu bem que andava desconfiada. Ele quase nunca se aproximava de mim. Até no dia da morte de papai, que Deus me perdoe, eu insisti em manter a comemoração do casamento, porque tinha arquitetado que nós íamos manter relações íntimas.  
Norival: Perdão, querida mana, vocês conseguiram? Eu pergunto porque, por mais estranho possa parecer, eu também, apesar de todas as tribulações e problemas, eu consegui.

Aurélia: O fantasma de papai não saiu de minha cabeça, mas eu precisava envolver o... —já nem sei como devo chamar ele—, pra fazer que ele me notasse de novo.

Teresa: E você não perguntou nada a respeito de alguma fugida?

Aurélia: Dei indiretas, mas o homem é esquivo, é malandro, é finório. Se eu continuar, vou xingar.

Norival: Eu disse à Relinha que essa aventura é sem importância e que Armando não vai se ligar com uma juvenzinha qualquer, imatura, que vai dar uma canseira nele e tirar um bom dinheiro.

Aurélia: Essa de tirar o dinheiro não me afeta, mas eu acho que estava dando uma canseira mesmo, porque ele já não era homem de se satisfazer com facilidade.

Teresa: Eu acho que você não deve ficar contando as intimidades. Amanhã ou depois, vocês voltam às boas e você vai olhar pra gente pensando que estamos com malícia. Você tem certeza de que o caso é sério, realmente?

Aurélia: Norival está contando que a piranha...

Teresa: Diga garota, mocinha, menina, juvenzinha...

Aurélia: Pra mim, ela não passa duma prostituta barata, marafona, cortesã, meretriz, piranhazinha despudorada, que só pretende abalar os lares bem formados. Aposto que já deu pra uma porção de velhos, de professores...

Teresa: Você só está chamando pra nossa conversa os piores espíritos. Acredite, querida, existem muitos que estão aqui em volta divertindo-se. Pra eles, esse tipo de frege é uma delícia.

Aurélia: Que é que você acha que eu devo fazer?

Teresa: Deve acreditar que está com um grave problema pra ser resolvido da melhor maneira. Não espere muito de Armando. Ele foi pego com a boca na botija. Vai descarregar toda a fúria na Amália.

Aurélia: Sabe o que ela disse? Que agiu impulsionada pelo que se disse na reunião mediúnica.

Teresa: É bem possível. Só que deve ter sofrido algum empurrão sobre si mesma. Sentiu-se insegura. Aposto que o relacionamento com Alfredo não vai das pernas.

Norival: Acertou na mosca. Desmancharam agorinha mesmo, com todos aqui presentes. O coitado não sabia onde pôr a cara. Saiu cabisbaixo, sem saber o que pensar.

Teresa: É típico. Eu devia ter prevenido vocês pros exageros das atitudes. Quando a gente ouve que tem de obedecer aos ensinamentos de Jesus, a gente fica logo entusiasmada, querendo dar fim a todos os problemas, querendo consertar o mundo.

Norival: Eu não senti nada disso.

Teresa: Você é um cético. As perguntas que você fez ao protetor eram simples teste, pra saber se ele —ou Cleia, no seu julgamento— seria capaz de revelar os segredos do cofre. Mas ele se antecipou e leu o seu pensamento. Agora você fica imaginando como é que isso poderia ter acontecido. Põe esperteza na mentalidade da pequena médium que nos atendeu com tanta gentileza e pratica uma indelicadeza moral, embora nada diga de viva voz. Conheço o seu jeito. Lá no centro, muitos dos companheiros, depois de algum tempo de convivência com os mais experientes, tomam coragem e confessam justamente esse tipo de reação.

Aurélia: Mas você não deu seu ponto de vista a respeito do meu problema. Você acha que eu devo aceitar tudo numa boa?

Teresa: De jeito algum. Você apenas tem de deixar de lado a vontade de brigar. É lógico que os seus sentimentos sejam de rancor, de ódio, de raiva, e o seu desejo é de represália. Aposto que lhe passou pela cabeça agarrar o primeiro homem que lhe aparecer, partindo pra desforra.

Aurélia: É verdade.

Teresa: É fruto da frustração.

Norival: Você estudou Psicologia?

Teresa: E precisa estudar Psicologia pra saber essas coisas? Eu só estou dizendo que o equilíbrio emocional é que manterá Relinha afastada dos problemas físicos. Se ela se entregar aos devaneios da traição contra seu amor-próprio, vai ficar estressada. Estas ideias a gente tem de cultivar, quando tem sob a responsabilidade atender a uma porção de gente, no centro espírita. Além de verdadeiro consultório sentimental, os entrevistadores têm de ouvir verdadeiras confissões. Sempre as pessoas querem conhecer a opinião dos mais experientes. Eu até que não sei nada, porque não passei por situação semelhante. Entretanto, devo avisar a minha irmã de que ela deve valer-se da situação desagradável pra arregimentar ensinamentos úteis, a fim de passar a outras pessoas, porque esse tipo de coisa não vai terminar com o seu próprio caso.

Norival: Eu sou de opinião que a gente deva deixar Relinha falar à vontade, pra que a gente possa saber até onde vai sua revolta.

Teresa: Pois eu acho que já percebi tudo. Ela está tremendamente decepcionada, não só porque está sendo traída, mas também porque ficou sabendo através de outra pessoa, ainda mais por se tratar da filha. Não estou certa?

Aurélia: E não era pra estar decepcionada?

Teresa: Era. Mas a vida não vai terminar aí. Ou você está pensando em dar um tiro nele, outro nela e depois suicidar-se, num verdadeiro drama mexicano?

Aurélia: Na pior hora, naquela em que as coisas se embaralharam na minha cabeça, eu acho que fui protegida, porque desmaiei. Se eu estivesse armada, atirava.

Teresa: Graças a Deus, passou. Os espíritos protetores estavam atentos.

Norival: Não poderia ter sido uma reação inconsciente do cérebro, que, sob a iminência do perigo, despachou uma informação orgânica, obrigando o corpo a desfalecer?

Teresa: Claro que pode, mas essa ideia não impede da gente compreender que tal possa ter sido o subterfúgio, o meio utilizado pelos protetores pra atingirem a mesma finalidade.

Norival: Esse tipo de raciocínio vai servir pra justificar todas as reações psicossomáticas.

Teresa: Se você quer falar difícil, então se prepare. Você acha que o Pai é tão despreparado que não pode empregar os sistemas mais sofisticados pra proteger as criaturas?

Aurélia: Como eu gostaria de participar dessa discussão, isenta de...

Teresa: Desculpe, querida, mas eu não posso deixar esse materialista prevalecer.

Aurélia: Se você tivesse ouvido o que ele me disse, ia dizer que é o mais fiel intérprete do evangelho.

Teresa: Que foi que você disse a ela?

Norival: Você não vai me obrigar a repetir tudo de novo. Pra falar a verdade mais comezinha... É melhor ficar quieto, senão eu vou provocar as suscetibilidades à flor da pele...

Teresa: Não pense que eu esteja fascinada pela doutrina dos espíritos. No ponto em que estou, os meus conhecimentos são muito parciais e incompletos. Seria bom que você falasse tudo, pra que eu mesma retemperasse a minha sabedoria incipiente.

Norival: Do jeito que você coloca os pensamentos, Aurélia jamais vai ficar sabendo o que você aconselha no caso dela.

Teresa: Eu penso ter sido muito clara. Vou repetir os conceitos. Só o amor constrói. Este axioma serve pra você?

Norival: Dizem que o ódio promove reações estupendas. São os estímulos de caráter negativo.

Teresa: É que o verbo *construir* não expressa com fidelidade o pensamento. Só o amor consegue fazer que as pessoas sejam felizes. Quem age impulsionado pelo rancor, pelo espírito de vingança, de revanche, pode até construir um edifício, mas quem é que vai poder morar nele?! Essas pessoas impregnam tudo com suas vibrações desagradáveis, tornam-se pessimistas, negativas, em tudo veem o pior...

Aurélia: Já entendi. Devo deixar que ele venha conversar comigo, dizendo o que pretende fazer da vida. Aí, eu aceito tudo pacificamente, mesmo se ele quiser o divórcio.

Teresa: Quando um não quer, dois não brigam. Esse anexim, esse ditado popular é verdadeiro, principalmente se considerarmos os aspectos emocionais envolvidos. Podem até acontecer uns sopapos, mas o que importa é o que vai no coração. Até hoje cedo você amava o seu marido?

Aurélia: Amava, claro.

Teresa: Amava ou pensava que amava? Ou nem pensava mas possuía o sentimento de que o mundo não se modifica? Você se lembra do que disse Enésio, o protetor que falou pela boca de Cleia? Ele disse que mudar é uma necessidade e que as pessoas rejeitam desfazer o equilíbrio que conseguiram nos relacionamentos sociais, especialmente quando são pessoas ricas, abonadas ou que acreditam que estejam dominando o ambiente em que vivem.

Norival: Não foi exatamente isso o que ouvi.

Teresa: Eu não sou obrigada a repetir com as mesmas palavras...

Norival: Alfredo diria *ipsis verbis*...

Teresa: Você não tem jeito mesmo. Sempre tentando desviar-se do tema. Eu acho que esse procedimento só atesta que você está perdendo nos argumentos.

Norival: Confesso que não estou adequadamente preparado pra enfrentar tamanho jorro de noções decoradas.

Teresa: Decoradas, claro, porque *saber de cor* significa *conhecer com o coração*; e isso quem me ensinou não foi nenhum espírita, foi um padre católico refutando, na televisão, exatamente as ideias que esposo. Pois é assim, com o coração, que pretendo vir a saber o evangelho, pra poder praticar intensamente.

Norival: Ainda bem, porque posso deduzir que você não esteja com raiva de mim. Ao contrário, tudo está fazendo pra me convencer de que, apesar de errado, estou sendo fraternalmente amado.

Teresa [*Abraça o irmão*]: Você talvez não saiba a extensão da verdade dessas palavras. [*Puxa Aurélia para si.*] Junte-se a nós, querida, e veja que a vida tem perspectivas pra além da morte, difíceis, sim, de considerar, nestes momentos de dor e de angústia, mas facilmente compreensíveis, nos momentos em que ponderarmos a respeito da Criação, do Universo e do Criador.

Aurélia: Posso manifestar um tremendo erro de interpretação da realidade, que minha consciência está me acusando?

Teresa: Diga, querida.

Aurélia: Pois eu não reagi com tamanha fúria contra os assassinos de papai como estou reagindo contra a traição do meu marido. Não deveria ser o contrário?

Teresa: Que quer que eu diga? São sentimentos íntimos. O exame de sua consciência, verdadeiramente, só você mesma pode realizar perante o Senhor. Faça suas preces, pedindo luz pro entendimento do que a aflige. Eu, da minha parte, tenho pedido muito aos benfeitores espirituais que me deem a compreensão do mundo e da alma dos malfeitores, pra não vibrar negativamente contra ninguém. Mas nem sempre o meu sentimento corresponde ao meu pensamento, àquilo que conheço intelectualmente das lições de Jesus. Aí, eu me fixo na cruz, naquele momento de máxima ternura pela humanidade, quando o Mestre pede ao Pai que perdoe, porque nós não sabemos o que fazemos.

Norival [*Beija ternamente as irmãs.*]: Graças a Deus, eu tenho o privilégio de ter nascido nesta família.

Teresa: Amém, Jesus!

Norival: Agora que Relinha está mais tranquila, mais serena, eu vou embora. Se Armando voltar ou ligar, digam que eu ainda preciso conversar com ele a respeito dos problemas do pai, da polícia e da imprensa, se ele tiver cabeça pra isso.

Teresa: Pode deixar que eu passo o recado.

Norival: Então, tchau! Juízo, Relinha! Pense na situação em que você se encontra como se já se tivessem passado vinte anos. Veja até que ponto vai sobrar, terrível, a mágoa do desprezo imaginário...

Teresa: Norival, você quer deixar sua irmã sossegada?

Norival: Claro!

Teresa: Cala a boca e vai embora!

Aurélia: Obrigado por tudo, querido. Desculpe o transtorno.

Teresa [*Empurra o irmão.*]: Vai embora! Vai!

Norival: Tchau! Veja se você consegue amenizar as coisas...

Teresa: Vai! Vai!

## Cena 25.

Aurélia.

Teresa.

Aurélia: Com toda essa atrapalhada, nem perguntei se você almoçou.  
Teresa: Agora não é hora de pensar nisso.  
Aurélia: Norival pediu a comida e nem provou. Ainda bem que ele comeu a sopa.  
Teresa: Tem sopa? Eu acho que vou aceitar um pouco. Você comeu?  
Aurélia: Duas colheradas. Nada mais. Eu acho que, se comer agora, ponho tudo pra fora.  
Teresa: Põe nada. Fique quietinha aqui, que eu vou lá dentro providenciar um prato pra mim. *[Sai.]*

## Cena 26.

Aurélia *[Chora. Vai até a mesa. Pega a travessa do assado. Faz menção de jogar. Recoloca no lugar. Vai até o sofá e se joga. Esconde a cabeça.]*: Perdão, papai. Perdão... Perdão...

## Cena 27.

Aurélia.  
Teresa.

Teresa *[Entra com uma terrina que põe sobre a mesa. Aproxima-se de Aurélia.]*: Santo Deus! Que está havendo agora? Que desespero é esse?  
Aurélia: Preciso pedir perdão ao nosso pai. Ele nem enterrado tinha sido e eu estava interessada em mim mesma. Egoísta. Puro egoísmo. E Armando gozando a minha desdita, sem envolvimento emocional nenhum. *Pro forma*. Queria fazer que eu acreditasse que meu pai estaria sentido comigo, se soubesse que estava comemorando o aniversário de casamento, ao invés de sair correndo pra, junto ao corpo, orar pela alma dele, infeliz e perturbada, pelo tremendo castigo sem causa que sofreu nas mãos dos malfeitores.  
Teresa: Não se esqueça de que o corpo não foi liberado naquela noite. Você não poderia ter feito nada.  
Aurélia: Pois saiba que acendi duas velas, pra fazer o clima íntimo com aquele desgraçado, e não me lembrei de acender nenhuma, pra iluminar o caminho de meu pai.  
Teresa: Tire uma lição permanente daí. Não fique apenas lamuriando. E se você não tivesse sabido da infidelidade de Armando, iria estar se?..  
Aurélia: Deixe eu sofrer um pouco por papai. É fora de tempo, eu sei, mas eu acho que ele vai se reconfortar com meu arrependimento.

Teresa: Com certeza, quando a notícia chegar até ele, vai sentir todo o seu amor transformado em vibrações suavíssimas de aconchego carinhoso no seio de seu espírito. Vai provar delicioso êxtase de felicidade, por perceber que alguém o leva dentro do coração, reconhecida pelo bem que ele lhe fez um dia. Agora, entretanto, ele não está em condições de avaliar o que se passa com os familiares. Nem os protetores irão levar-lhe as notícias. Quando ele se inteirar de tudo o que houve, terá a tranquilidade das almas nobres, dos espíritos sublimes, de quem confia no Pai e tem a esperança imorredoura de que tudo terminará no melhor dos mundos, mesmo que haja perspectiva de sofrimentos.

Aurélia [*Após uns instantes de silêncio.*]: Que terá levado Armando a proceder de forma tão traiçoeira e desleal?

Teresa: Se você não estivesse tão arrasada, eu poderia aventar algumas hipóteses, no campo material dos relacionamentos conjugais.

Aurélia: Você fala com tanta facilidade! Eu desconhecia essas suas qualidades.

Teresa: Não se iluda. Eu tenho vários discursos prontinhos. Norival tem razão quando diz que eu trago tudo decorado. São palavras que digo pra impressionar as pobres criaturas que me veem pedir socorro moral. Se você quiser, eu falo sem essa entonação de superioridade. Com você, eu não tenho de me impor. Se você concordar, muito bem. Se discordar, deve dizer franca e imediatamente.

Aurélia: Você acha que poderá me ajudar a descobrir onde errei?

Teresa: Ajudar, sem dúvida. Bater nas teclas certas, dificilmente. Só você poderá julgar onde foi que falharam os dois, porque nunca o defeito se encontra num só.

Aurélia: E eu que pensava que estava fazendo tudo do modo mais correto, sempre procurando cuidar da casa e das crianças, com o máximo de zelo e carinho.

Teresa: Esse é um preconceito social muitíssimo comum, pra não dizer o mais comum. As donas de casa típicas, como você, se julgam garantidas do homem que as levou ao altar, a partir do momento que oferecem a ele a virgindade. Casam imaculadas e julgam que o caráter das pessoas não se modifica. O homem pauta o procedimento pela manutenção do lar e pelo conforto cada vez mais crescente. Quando passa a ganhar pra sustentar mais de uma, corre pros braços de quem se satisfaz com o banco de reservas.

Aurélia: Será que Armando foi tão falso que não me conduziu o pensamento pra dentro de suas fantasias?

Teresa: Você acha que as pessoas são capazes de compreender tudo o que se passa nas próprias mentes? A maior parte das coisas são inculcadas na personalidade dos indivíduos pelos hábitos sociais. No começo do casamento, quando as coisas se definem pelo comum da sociedade, parece ficar tácito que ambos acatam as regras que não estão escritas. Se o costume é do homem ter duas ou três mulheres, como no Oriente, a primeira esposa não haverá de reclamar das outras. Aqui, o mundo é machista. Historicamente, os homens se deparam com a liberdade fora de casa. Quando querem a mesma independência dentro do lar, tornam-se tiranos, maltratando, emocional e mesmo fisicamente, a mulher e os filhos.

Aurélia: Mas o que veem eles nas outras mulheres que não conseguem com a esposa?

Teresa: Tanta coisa, minha cara. Vamos falar sem pudor. Você tem vergonha quando pratica o ato sexual?

Aurélia: Vergonha, depois de dois filhos?

Teresa: Ora, vamos, querida! Você me entendeu. As suas carícias são completas ou praticam só o chamado *papai e mamãe*?

Aurélia: Eu acho que temos um relacionamento equilibrado. Nada de *sem-vergonhices*, se é a isso que você está se referindo.

Teresa: Pois as esposas que não praticam o que você denomina de *sem-vergonhices* jogam os maridos diretamente pros braços das meretrizes. Você não sabe que a fantasia é elemento fundamental pra manutenção do bom relacionamento entre os cônjuges? Vinte, trinta anos, repetindo sempre a mesma coisa, cansam.

Aurélia: Eu andei lendo uns livros marotos, com figuras e tudo, mas não tive coragem...

Teresa: Como você conseguiu esses livros?

Aurélia: Foi Armando quem trouxe pro Rodrigo. Ele disse que as crianças precisavam saber como fazer, pra não terem problemas com gravidez indesejada, com doença venérea...

Teresa: E ele deu os livros nas suas mãos?

Aurélia: Ele fez questão de me mostrar.

Teresa: Quando foi isso?

Aurélia: Já faz tempo. Foi na época em que Rodrigo começou a namorar.

Teresa: Pois, então, você não pode reclamar de que Armando não tenha tentado advertir. Pode ter certeza de que ele comprou os livros pra ele e pra você.

Aurélia: Será que é alguma tara?

Teresa: Tara é a sua que não quis ver que seu marido estava precisando doutros carinhos.

Aurélia: Eu não concordo com você.

Teresa: Faz muito bem em discordar, mas diga o que está errado nos meus argumentos.

Aurélia: Não é o homem que deve trazer pro casamento a experiência que adquiriu junto às mulheres da vida?

Teresa: Essas ideias são do século passado. Vocês, alguma vez, foram a um motel?

Aurélia: Eu não, mas aposto que ele levou outras.

Teresa: Você já viu algum filme pornô?

Aurélia: Aquelas indecências?

Teresa: E se Armando estava indo ao motel com outras, estimulado pelo que via naqueles antros de perversão?

Aurélia: Você é que está dizendo que lá não presta.

Teresa: Você acha que eu estou defendendo o amor livre, a libidinagem desenfreada ou a permissividade erótica? Não estou, não. Mas é preciso que as mulheres, duma vez por todas, eduquem sexualmente os maridos no que respeita ao conhecimento anatômico de seus corpos. E aprendam com eles quais as carícias mais profundas, mais...

Aurélia: Aonde você está querendo chegar?

Teresa: Vocês já praticaram sexo oral, por exemplo?

Aurélia: Eu acho que não devo entrar nessas minúcias.

Teresa: Praticaram ou não praticaram? Sim ou não? Será que você está com vergonha de conversar comigo? Eu só estou tentando ajudar.

Aurélia: É sobre essas coisas que você conversa com as mulheres, lá no centro espírita?

Teresa: Quando elas dão oportunidade. Quando elas não se escandalizam. Quando elas estão a fim de resolver os seus problemas com seus homens. Ou você está pensando que pro Espiritismo a matéria não é importante? No fundo da teoria, está a proposta mais importante da filosofia, quer seja ocidental, quer seja oriental: é o conhecer-se a si mesmo, antes de mais nada, pra que a felicidade possa ser entendida a partir da natureza corpórea, pra definição da natureza espiritual. Se não fosse assim, por que Deus iria nos colocar no mundo? Pra que a gente passasse por aqui em brancas nuvens? Nada disso, querida. Deus quer que a gente analise, examine todos os aspectos da criação, o que nos fará cada vez mais sábios, pra que possamos evoluir. Será que alguém pode pensar que irá pro Paraíso, só porque fugiu de esquadrinhar a própria vivência? Kardec insistiu muito em que a carne não tivesse nenhum segredo, pra que a gente possa reencarnar em outros mundos, mais adiantados e mais felizes.

Aurélia: Nós nunca fizemos nada que não fosse a repetição da noite de núpcias.

Teresa: Você gozou na noite de núpcias?

Aurélia: Pelo amor de Deus, Teresa! Você precisa perguntar essas coisas?

Teresa: Perguntar eu preciso. Você, responda pra você. Não seja hipócrita consigo mesma. Você gozou plenamente na última vez que mantiveram relações ou fingiu, pra que Armando se sentisse o dono de seu corpo e de sua alma?

Aurélia: Teresa, por favor, continue perguntando mas permita que eu não responda. Você está me abrindo um mundo novo. Eu jamais havia pensado nesses termos.

Teresa: As perguntas principais eu já fiz. Você mesma pode estimular-se a formular outras questões pertinentes. O importante é saber se você não transformou o leito em local de ascendência sobre seu marido, como se tudo o que fizesse ali correspondesse às ações do trabalho diuturno que ele exerce fora de casa, pra que você possa reinar como rainha do lar.

Aurélia [*Após longo silêncio.*]: Se eu chegar à conclusão que você quer que eu chegue, como devo remediar os meus erros? Devo reconhecer perante Armando que eu fui culpada dele ter procurado outras?

Teresa: Você acha que isso vai resolver o problema?

Aurélia: Não estou encontrando outra saída, a não ser a de brigar e forçar a separação. Do jeito que estou decepcionada, não sei se vou ter ânimo de comprovar que eu amo o meu marido.

Teresa: E é importante manter um casamento sem amor, sem respeito, sem consideração?

Aurélia: Pensando friamente, não. Mas eu acho que a gente está tão acostumado um com o outro, que vai ser difícil construir uma nova vida. Eu, por exemplo, não me imagino ao lado doutro homem, fazendo com ele na cama o que só fiz com Armando.

Teresa: Isso é importante. É significativo. Você não quer abrir mão de Armando pra nenhuma outra. É isso?

Aurélia: A ideia dele ir embora me põe aflita.

Teresa: Então, esse é o sentimento que deve ficar muito claro na mente de seu companheiro.

Aurélia: Eu pensei que você iria me dar conselhos do outro mundo, por influência dos espíritos.

Teresa: E quem foi que disse que minhas palavras são deste mundo? É por pensar no que vai acontecer do outro lado que estou empenhada em lhe mostrar que as coisas devem ajustar-se o melhor possível aqui na Terra. Principalmente quando sabemos que Jesus não veio pra unir senão pra separar, mas não os cônjuges, como vimos na outra noite.

Aurélia: Você acha que nós programamos o matrimônio antes mesmo de nascer?

Teresa: Eu não vejo como essa hipótese seja comprovada. Há indícios de que sim, ou seja, a existência de dois filhos amorosos...

Aurélia: Amália...

Teresa: Vamos deixar Amália pra depois.

Aurélia: Por quê?

Teresa: A atitude dela deve ser analisada mais detidamente.

Aurélia: Dê uma pista do que você está pensando.

Teresa: A pobrezinha deve gostar muito do pai. Segundo dados da Psicanálise...

Aurélia: Você entende disso?

Teresa: Tenho lido nas revistas e tenho ouvido programas sérios de televisão, além das palestras com especialistas que são patrocinadas pelo centro. Em todo caso, não dê muita atenção pras minhas opiniões. Guarde na memória as palavras, medite sobre elas e depois tire as próprias conclusões.

Aurélia: Assim eu fico mais tranquila.

Teresa: A ciência do comportamento, a partir de Freud, disse que as meninas se relacionam sentimentalmente com os pais e os meninos, com as mães. Isso tudo corresponde a diversas teorias. Eu não sei muito a respeito. Mas o que me sobrou é que Amália já se sentia diminuída com o fato do pai ter uma amante oficial, ou seja, você.

Aurélia: Eu sou a esposa! A mãe!...

Teresa: Estou falando do ponto de vista dela. Perder o amor do pai pra uma sirigaita, coleguinha além do mais, fez que se frustrasse, a ponto de perturbar, inclusive, o namoro com Alfredo.

Aurélia: A sua dedução está muito inteligente, elaborada até demais. Não sei se as coisas se passaram exatamente desse jeito.

Teresa: Então, vou colocar doutro modo. Amália gosta do pai, como filha. Certo?

Aurélia: O que não leva a compreender que tenha feito o que fez, revelando a traição.

Teresa: Pois eu penso que aí é que se compreende a revelação. Ela se viu furiosa. Os espíritos maldosos se aperceberam dessa brecha, no desejo de prejudicar a amante do pai —aquela sirigaita e, talvez, a amante oficial, não sei— você é que pode dizer— e também ele mesmo, e influíram na decisão de acabar com a farsa psíquica, minando ainda mais o equilíbrio familiar. Não é verdade que Armando estava aprontando, inclusive, contra os protetores espirituais da família, a quem cabe zelar pela integridade de cada membro, com o fito de levar todos a crescer, no sentido de adquirirem os valores evangélicos?

Aurélia: Agora você complicou tudo. Era ela quem estava com problemas ou foram os espíritos que agiram maldosamente?

Teresa: Eu não lhe disse que o assunto era complexo e que merecia ser debatido com mais calma e ponderação? Pois só vou dizer mais uma coisa: todas essas... essas... — como é que posso dizer?— todos esses elementos psicológicos se entrelaçam com os fatores espirituais. Nesse sentido, exercer o livre-arbítrio é livrar-se dos pesos materiais e espirituais e realizar tudo segundo a vontade isenta dos assédios externos; é agir completamente consciente das causas e das porvindouras consequências, o que, já vou antecipando, não é possível alcançar plenamente nesta fase atrasada de nossa evolução, aqui neste mundo de expiação e de provas.

Aurélia: Você está indo longe demais pra mim.

Teresa: Pois o que estou dizendo pra você não estou inventando agora. É fruto de muito estudo, de muita meditação, de muita leitura e discussão com os amigos no centro espírita. Eu não espero que você interiorize nem um décimo do que lhe disse. Se você for capaz de perceber que, por trás de minhas palavras, existe um mundo novo pra ser absorvido, será suficiente pro meu *ego*.

Aurélia [*Abraça a irmã.*]: Muito obrigado, querida amiga. Eu acho que, em outras existências, nós tivemos excelentes momentos.

Teresa [*Enxugando as lágrimas.*]: Você não sabe a felicidade que me dá, falando desse jeito.

Aurélia: Se fosse outra, só me daria conselhos ruins, mostrando como os homens e os filhos desrespeitam a gente e precisam de lições. Você, não. Você está, muito mais do que pondo panos quentes: está fazendo que eu veja o caminho das estrelas, as soluções mais apropriadas, pra que eu possa me manter inteira, perante os dramas da existência.

Teresa: Lembre-se da leitura que Armando fez d'*O Evangelho*: nós somos colocados nesta vida pras experiências de que estamos necessitadas, você, eu, Armando, Amália, Norival, todos. Ponha-se na pele de mamãe e veja que a perda que ela sofreu é muito mais definitiva pra este vale de lágrimas. Você ainda tem os recursos todos de perdoar Armando, porque eu tenho certeza de que ele vai voltar rogando o seu perdão, porque ele ama você. E vai entender também a atitude de Amália. Escreva o que estou dizendo.

Aurélia: Como é que você pode ter tanta certeza?

Teresa: Os benfeitores espirituais já depositaram a sementinha evangélica cristã no coração de todas as pessoas desta casa. Como que antecipando os eventos desagradáveis, eles enviaram as suas mensagens, inclusive influenciando pra que fizéssemos a reunião mediúnica.

Aurélia: Graças a Deus!

Teresa: Vamos fazer uma prece de agradecimento, pra sermos abençoadas. [*Concentram-se, em silêncio. Pano.*]

## QUARTO ATO

### Cena 1.

Aurélia.  
Armando.  
Cidinha.

[A mesma sala. Aurélia, sentada no sofá, lê um livro. Armando está à mesa. Cidinha serve café.]

Cidinha: Dona Aurélia, a senhora deseja uma xícara de café?

Aurélia: Não, obrigada, Cidinha. Depois que vocês terminarem de arrumar a cozinha, podem ir. Se Rodrigo e Amália chegarem com fome, eu sirvo a janta. Boa noite!

Cidinha: Está bem. Boa noite! Boa noite, *Seu Armando!*

Armando: Até amanhã, Cidinha. Durma bem!

Cidinha: Obrigada! [*Sai levando os talheres. A mesa fica com a toalha da refeição.*]

### Cena 2.

Aurélia.  
Armando.

Armando [*Senta-se na poltrona. Deixa transcorrer alguns segundos.*]: Aurélia, precisamos conversar.

Aurélia: Precisamos, sim.

Armando: Eu quero dizer que terminei com minha aventura.

Aurélia: Por quê?

Armando: Como *por quê?*!

Aurélia: Eu quero saber por que você *terminou com sua aventura*. Eu não estou perguntando nada demais

Armando: Eu acho que deixei você muito sentida... magoada...

Aurélia: Agora é tarde pra lamuriar. O que passou, passou. Não tem outro jeito. Eu quero saber por que você desfez o seu caso. Foi porque tudo foi descoberto? Ou foi porque você não gostava dela?

Armando: Eu só buscava satisfação sexual...

Aurélia: Você não acha que está me ofendendo? Por que você não diz que estava apaixonado?

Armando: Você quer ouvir a verdade ou quer que eu minta?

Aurélia: A verdade.

Armando: Eu pensei muito e cheguei à conclusão de que a verdade é preferível, mesmo que você se sinta ofendida.

Aurélia: Então, você buscava fora de casa o que eu não lhe oferecia?

Armando: A minha cabeça estava transtornada.

Aurélia: Desde quando? Desde que nós casamos ou isso aconteceu em certa época? Não vá me dizer que essa foi sua primeira escapada! Não vá mentir, que agora não é hora!

Armando: A primeira vez, foi com uma prostituta, quando você estava grávida de Rodrigo. Você não podia e eu achei que seria melhor não...

Aurélia: Eu não acredito! Eu passando...

Armando: Desculpe-me.

Aurélia: Eu já desculpei tudo. Eu já perdoei tudo. Mas não vou tolerar que você continue comigo, pensando nas outras.

Armando: Você tem todo o direito de me recriminar.

Aurélia: Mas isso não quer dizer que eu vá xingá-lo nem me descabelar. O primeiro impacto foi doloroso. Perdi os sentidos. Mas eu pensei muito a tarde toda. Acho que o melhor é a gente dar um tempo. Depois...

Armando: Dar um tempo em quê?

Aurélia: No nosso casamento. Você dorme no quarto de hóspedes, se não quiser ir pra um hotel ou alugar um apartamento. Ficando longe...

Armando: Eu não quero ficar longe. Esse é motivo pra desquite, pra divórcio.

Aurélia: Que você está esperando de mim? Que eu caia de novo em seus braços, pedindo perdão por ter sido honesta com você? Por ter sido leal?

Armando: Quer dizer que você vai querer a separação?

Aurélia: Depois de certo tempo, você e eu vamos sentir se precisamos um do outro. Você acha que...

Armando: Eu não acho nada. Só quero saber se você vai ser capaz de esquecer o que eu lhe aprontei.

Aurélia: Esquecer? Você quer que eu esqueça? E se eu disser que tenho um amante? Que eu tive muitos amantes? Você vai esquecer? Esquece nada. Por que, então, eu é que tenho de esquecer? Você andou com quem quis. Se, pelo menos, tivesse tido a decência de me avisar do que se passava. Durante a gravidez... Você queria é se esfregar... É melhor eu ficar quieta.

Armando: Desculpe! Perdão. [*Ajoelha-se.*]

Aurélia: Componha-se, Armando! Nós não estamos mais vivendo na época romântica. Esse dramalhão está morto e enterrado. Hoje em dia, a gente, na nossa situação, faz o levantamento dos bens e divide tudo, segundo as leis.

Armando: Não me diga que você procurou advogado?!

Aurélia: Não procurei advogado nem estou dando uma dura em você. Só estou querendo que a gente restabeleça a época anterior à sua primeira traição e volte ao que era no tempo do namoro e do noivado. Você vai ter de me provar que gosta de mim. E eu vou querer saber até que ponto tenho o dom de perdoar. Veja que não estou me perturbando nem falando nada que possa ofender você, embora você me tenha feito de boba perante toda a família.

Armando: Fazendo o que você quer, eu é que vou ficar de escanteio.

Aurélia: Você não está entendendo nada. Houve um tempo que os homens faziam e desfaziam e as mulheres, tacitamente, aceitavam tudo. Algumas até incentivavam as sortidas dos maridos, pra aliviarem a tensão de se manterem sempre à disposição. Eu converso com as minhas amigas. Tem muitas que não gozam e que preferem o coito anal, pra darem satisfação aos maridos, enquanto se masturbam, durante o tempo que ficam sozinhas. E acham que desse jeito os homens continuam delas, porque as mantêm donas de suas casas, sem reclamações, com o único cuidado de darem aos filhos educação e comida a todos, na hora certa. [*Enxuga as lágrimas. Armando tenta aproximar-se. Aurélia se recompõe e o afasta com um gesto imperativo.*] Fique bem longe de mim!

Armando: Você está mangando comigo. Está querendo se impor por causa que confessei minha fraqueza.

Aurélia: Eu lhe peço que me perdoe as lágrimas. É que eu me vi na mesma condição daquelas infelizes. Mas eu não vou dar meu braço a torcer, se é a isso que você está se referindo. Eu vou querer ser cortejada de novo, desde o começo, com a garantia de que serei a única daqui pra frente. Veja que estou dando uma oportunidade. O mais certo seria pagar na mesma moeda, que é o que os casais mais modernos fazem e chamam de amor livre, de casamento aberto. Não há amor e muito menos casamento. Há *ajuntamento*. Há promiscuidade. Sem sentimentos de lealdade, os carinhos são apenas físicos e esses eu posso conseguir de qualquer homem.

Armando: Você pode dizer o que quiser. Eu fiz por merecer. Mas eu lhe suplico que me entenda.

Aurélia: Você não gozava comigo? Eu não estava sempre pronta pra receber você?

Armando: Você é um tesão.

Aurélia: Não se contradiga. Se eu sou um tesão, o que são as outras com quem você se diverte escondido? O que elas fazem que eu não faço?

Armando [*Após uns instantes de silêncio.*]: Não me leve a contar nada. Eu sei que vou envergonhar você.

Aurélia: Aposto que você faz tudo o que vê nos filmes pornô.

Armando: Você nunca me deixou fazer nada diferente.

Aurélia: Eu não deixei, porque você nunca me explicou o que representa pra você.

Armando: Vinte e tantos anos de casamento e ainda temos segredos de alcova!

Aurélia: São segredos que eu vou levar pro túmulo.

Armando: Sabe o que eu acho? Que você falou que suas amigas se masturbam, mas se esqueceu de dizer que você também...

Aurélia: Quantas vezes você me deixou na mão, indo atrás das prostitutas? Pois saiba que eu me dei ao prazer do sexo todas essas vezes. Pra isso, eu nunca precisei de você. E não estou dizendo pra que você fique furioso comigo, que não me interessa o seu desprezo. Estou dizendo pra que você saiba em que transformou o nosso casamento.

Armando: Quer dizer que você fingia, quando estava comigo?

Aurélia: Eu nunca fingi, mas nem sempre gozei, porque você logo achava que tinha acabado...

Armando: Por que você nunca disse nada?

Aurélia: E você ia me ouvir?

Armando: Claro!

Aurélia: Isso você diz agora, porque está em situação de inferioridade. Se você tivesse descoberto antes o que eu faço sozinha, ia me desancar, ia me xingar, ia fazer um drama. Era até capaz de me trocar por outra, acreditando que as mulheres são santas quando estão em seus braços.

Armando: Aqui tem! Você jamais ia pensar em tudo isso sozinha! Você deve ter conversado com alguém.

Aurélia: Conversei com Teresa.

Armando: Eu não disse?!

Aurélia: Mas você acha que eu contei todas essas coisas pra ela? Ela me explicou os conselhos que dá no centro espírita. Eu só ouvi. E falamos a respeito de Espiritismo e como é o relacionamento entre os seres depois da morte. E até antes da vida. Ela me abriu os olhos pro perdão. Mas eu estou pensando que só perdoa quem ama. Neste momento, eu me sinto aborrecida, desprezada, pisada, triste, ofendida... [*Armando tenta aproximar-se. Aurélia o afasta com um gesto.*] Fique longe de mim, por favor. E fique longe também de sua filha.

Armando: Minha atitude com ela vai ser muito diferente. Aquela...

Aurélia: Você acha que ela denunciou a sua traição por gosto? Ela já sabia disso desde o começo. Guardou até que não aguentou mais as gozações das colegas e as provocações da sua amante. As ideias do protetor durante a sessão espírita foram a gota d'água. Foi aí que resolveu que deveria sofrer com a desdita de ser acusada dum monte de coisas, pra colocar a verdade em pratos limpos.

Armando: Falasse comigo em particular. Falasse com nós dois juntos. Desse demonstração de amor e respeito. Do jeito que ela fez, foi mera vingança...

Aurélia: Pois ela suportou o quanto pôde. Não levante um dedo contra ela, não fale uma palavra fora do tom, senão você vai me conhecer bem diferente.

Armando: Não me ameace.

Aurélia: Você não conhece a mulher que você fez nascer em mim. Você não vai me reconhecer.

Armando: Pois quem vai se admirar vai ser você. [*Levanta-se. Apanha a xícara e ameaça jogar contra a parede.*]

Aurélia [*Levanta-se, gritando.*]: Jogue, vamos! Mostre que você é quem manda nesta casa. Seja inconsequente. Você está decepcionado com ela? E ela, não tem o direito de estar com você? [*Armando se recompõe. Aurélia abaixa o tom de voz.*] Você se considera cristão? Se achar que é, vai ter de aprender a perdoar, porque você está querendo ser perdoado. Ou estarei muito enganada?

Armando [*Senta-se na poltrona.*]: Como você acha que vai ser nossa vida daqui pra frente, eu dormindo no quarto de hóspedes?

Aurélia [*Senta-se no sofá.*]: As criadas vão estranhar.

Armando: Eu não estou falando das criadas. Estou falando de nós. Do Rodrigo. Da Amália.

Aurélia: Só o tempo dirá. Não foi tempo o que eu pedi a você? [*Armando sai, na direção dos quartos.*]

### Cena 3.

Aurélia [*Apanha o livro. Deixa-o sobre os joelhos. Abre mas não faz menção de ler. Leva o lenço aos olhos. Soa o telefone.*]: Pronto! Oi, filha! Por que você está demorando tanto?... Eu estou bem! Onde é que você está?... Certo... Certo... Eu compreendo... Ele está muito zangado com você... Onde?... Eu acho que, quanto antes você enfrentar esta barra, vai ser melhor... Terminou. Pelo menos ele disse que terminou... Venha mesmo. Não tenha medo... Escuta. E o Alfredo?... Sei... Sei... Não seria melhor?... Você é quem sabe... O que eu fiz? Eu pedi um tempo... Conversei com tia Teresa. Ela andou me dizendo umas coisas... Que Espiritismo, que nada! Coisas da vida... Ela sabe, sim. Você não sabe quanto!... No centro espírita... Onde você está?... Na casa da Ritinha. Eu tenho o número... Está certo! Eu ligo... Tchou, querida! As coisas se arranjam... É claro que eu perdoei... Perdoei...

### Cena 4.

Aurélia.

Armando.

Aurélia [*Armando aparece com uma mala.*]: Vou desligar. [*Desliga.*]

Armando: Era Amália?

Aurélia: Era.

Armando: Que foi que ela disse?

Aurélia: Está com medo de você. Vai passar a noite fora.  
Armando: Não vai ser preciso. Eu estou saindo. No quarto de hóspedes, não fico.  
Aurélia: Você é quem sabe.  
Armando: Vou procurar um hotel.  
Aurélia: Você conhece muitos.  
Armando: Quando estiver instalado, eu lhe passo o endereço.  
Aurélia: Pra quê?  
Armando: Pra você avisar...  
Aurélia: Avise você. Você tem todos os telefones. Eu não quero nem saber. [*Armando sai pela porta da rua.*]

## Cena 5.

Aurélia.  
Rodrigo.  
Cleia.

Aurélia [*Disca.*]: Alô! Ritinha?... Aurélia. Como vai?... Espero... Pronto! Filha? Você pode vir pra casa. Seu pai foi dormir num hotel... Até já... Não... Eu preciso de você. Rodrigo ainda não chegou. Você sabe que ele sempre chega muito tarde... São sete e pouco... Eu não quero ficar sozinha até à meia-noite... Elas já foram embora... Estou esperando. Até já. [*Desliga. Disca de novo.*] Teresa? Aurélia... Conversamos... Se você puder... Vai passar a noite fora... Se ela quiser vir... Espere um pouco: tem gente chegando. [*Entram Rodrigo e Cleia.*] Estou falando com sua tia. [*No telefone.*] Rodrigo com a namorada. Teresa, estou aguardando. Até mais.

Rodrigo: Vim mais cedo. Estou muito preocupado com tudo o que aconteceu. Espero que você não se importe que eu trouxe Cleia.

Aurélia: Ela é sempre bem-vinda nesta casa. Como está, filha?

Cleia: Estou bem. E a senhora? Melhorou?

Aurélia: Que foi que Rodrigo lhe contou?

Cleia: Disse que a senhora havia desmaiado, mas que se recuperara.

Rodrigo: Liguei pro pai, hoje à tarde. Ele estava passado. Precisei fazer mais de trinta ligações.

Aurélia: E você, onde é que passou a tarde toda?

Rodrigo: Fui ver como é que as coisas estavam na loja do 'vô. Uma desolação. Os empregados estão com muito medo. Precisei conversar com cada um em particular. Fiz o levantamento dos salários e comissões. Nunca vi um grupo tão coeso, tão unido, ganhando tanto dinheiro. Não sei como é que sobrava pro 'vô fazer caridade. E pra levar pra casa. E meu pai?

Aurélia: Pegou umas roupas e se mandou.

Rodrigo: Ele disse que vinha pedir perdão. Chorou no telefone. Quis saber o que eu achava de tudo.

Aurélia: Que foi que você disse?

Rodrigo: Eu penso que ele está muito errado, mas não disse nada disso. Pedi que ele perdoasse Amália, porque repetiu o nome dela um monte de vezes. Segui a lição do Cristo: não julguei o meu pai. Mas só da boca pra fora. Eu não entendo como é que as pessoas demonstram, na família, serem honestas e traem, lá na rua. Bem que o tio Norival...

Cleia: Rodrigo, você prometeu.

Rodrigo: Eu prometi, mas como é que minha mãe pode não ficar sabendo?

Cleia: Ela vai ficar sabendo, porque seu tio vai falar.

Aurélia: Vai falar o quê?

Rodrigo: Agora eu já dei com a língua nos dentes. O tio acha que o 'vô realmente pagava proteção ou pagava pra calar os marginais. E acha também que tem mulher ou mulheres na parada.

Aurélia: Norival está exagerando. Meu pai não faria uma coisa dessas. Não fui eu mesma que recebi a notícia de que ele está bem?

Rodrigo: Mas ele não acredita nisso.

Cleia: Tem muita gente que não acredita. É difícil encontrar quem aceite as informações do plano espiritual como verdadeiras. Quase sempre acham que o médium está inventando.

Rodrigo: É preciso ter muita fé.

Cleia: Precisa mais do que isso. Precisa que a pessoa estude os padrões das transmissões do etéreo, pra saber em que faixa de moralidade os espíritos atuam. Quem suspeita da honestidade dos trabalhadores quase sempre pratica algum vício, não age direito ou se presume muito mais capacitado do que os informantes, julgando muito simples o que os do etéreo dizem, muito chão, muito grosseiro. Existem pessoas que acham que todos os espíritos que se apresentam devem estar limbados de luz. Não admitem a fragilidade intelectual como norma das camadas menos evoluídas dos seres que circulam pelas esferas mais próximas da crosta.

Aurélia: Que você achou do que eu escrevi?

Cleia: Achei perfeitamente enquadrado nos dizeres espíritas; não nos textos de Kardec, mas condizentes com as informações de André Luís.

Aurélia: André Luís?

Cleia: Espírito sem muita luz, médico aqui na Terra, que sofreu muito como suicida inconsciente e que teve o privilégio de evoluir sob a orientação de mentores especializados em diversos ramos do saber etérico. Progrediu tanto que ditou muitos livros por intermédio de Chico Xavier e de Waldo Vieira.

Aurélia: E que fala ele que corresponde ao que eu escrevi?

Cleia: Fala que as colônias do plano espiritual cuidam da saúde do perispírito dos pacientes em hospitais, do mesmo jeito que a senhora escreveu.

Aurélia: Eu fico muito contente com isso.

Cleia: A colônia em que atua André Luís se chama *Nosso Lar*, que é também o título de sua primeira obra. [*Soa a campainha.*]

Rodrigo: Eu atendo. Você espera alguém?

Aurélia: Sua tia e sua avó. *[Para Cleia.]* Eu quero continuar esta conversa.

Cleia: Às suas ordens.

## Cena 6.

Aurélia.

Rodrigo.

Cleia.

Teresa.

Júlia.

Aurélia: Mamãe, perdão!

Júlia: Mas que é isso, querida?

Aurélia: Perdão por não ter compreendido o sentido de sua perda.

Júlia *[Abraça a filha.]*: As pessoas adquirem suas experiências com os acontecimentos. Você pensa que eu já entendi completamente a falta que seu pai vai me fazer?! Longe disso. As pessoas estão em volta de mim e me enchem os dias. Principalmente, Teresa. Mas Edmundo ainda é uma presença constante, porque eu o vejo em todo lugar, como se estivesse me protegendo. Não é uma figura espiritual. É apenas uma impressão, mas ele está lá, como estaria, se vivo fosse. Eu estou na cozinha; ele, no quarto. Eu, na sala; ele no banheiro. Eu dando um jeito nas roupas; ele na loja. Essa é a impressão que me resta.

Teresa: Deus queira que todos os sentimentos humanos se resolvessem tão bem!

Júlia: Os meus sentimentos não se resolveram, minha filha. Eu apenas estou me habituando à solidão. Um dia, vou despertar pra realidade da ausência dele e aí vou sentir a sua falta. Tem gente que não chega nunca a conscientizar a morte dos familiares, sempre pensando que, mais dia, menos dia, vão reencontrar-se. Não é bem isso o que se passa comigo. Eu estou somente inteirando-me devagar de que seu pai não está no trabalho, nem na sala, nem no quarto. Quando necessitar ir concretizar a morte dele junto ao túmulo, espero ter a noção correta de que ele está me aguardando do outro lado.

Aurélia: Mamãe, que bonito!

Teresa: Nós temos conversado tanto e você não me disse essas coisas.

Júlia: Você já adquiriu a certeza de que seu pai está bem, está assistido, está recuperando-se. Você reza como quem esteve com ele, como quem viu com os olhos e ouviu com os ouvidos. Aurélia, coitada, está recebendo o impacto da morte do pai pela ausência do marido. É um modo diferente de ver as coisas. Você não acha?

Teresa: Claro que é diferente! Nem eu ia exigir dela as reações que levei tantos anos pra cristalizar.

Júlia: Aurélia, você não precisa me contar nada, porque Teresa me pôs a par de tudo. Quer dizer que Armando vinha tendo outros casos, desde há muito tempo?

Aurélia: Que poderei dizer? É verdade. Eu até que desconfiava...

Júlia: Minha querida, você não desconfiava. Eu acho que você tinha certeza, apenas não desejava fazer escândalo, não desejava confrontar a suspeita com a realidade. Qual a mulher que não sabe que o marido está interessado em outras? É tão fácil.

Rodrigo: 'Vó, como é possível saber se a pessoa esconde suas aventuras?

Júlia: Uma questão de estatística, meu neto. Quantas vezes, por semana? Duas ou três. Aí o homem reduz pra cada quinze dias, cada mês, pra dar tempo pra outra menstruar ou ovular em paz.

Rodrigo: Simples assim?

Aurélia: A senhora está me acusando de hipocrisia?

Júlia: Eu estou revelando você pra você mesma. Em relação ao seu pai, as coisas sempre se passaram diferentemente. Estão dizendo que ele teve várias amantes. Existe até uma dona que está assumindo esse papel publicamente. Pois que assuma. O que se passava em minha cama, eu sei muito bem. Vejam como são as coisas. Ele vivo, eu guardava esses fatos como segredo. Morreu, estou revelando as intimidades mais...

Teresa: Não precisa, mãe.

Júlia: Preciso, sim. E vou dizer tudo isto ao Norival, porque é ele quem está pondo fé nas vilezas dos policiais e dos malfeitores. A honra de seu pai não está em jogo. Jamais estaria pra opinião pública. Mas os corações dos filhos e dos netos devem estar puros pra receberem a figura imaculada de quem deu origem a eles.

Aurélia: E se a senhora descobrir que ele tem culpa em cartório? Não vai ficar tremendamente decepcionada?

Júlia: Muito mais que você, que pôs uma venda nos olhos.

Teresa: Mamãe, Aurélia não quer ofender a senhora.

Aurélia: Não quero mesmo, principalmente à vista do hino de amor ao papai. Mas também quero dizer a Teresa que não me sinto tentada a acreditar no que estão falando dele, apesar das teorias que você me trouxe de que as filhas se interessam pelos pais...

Teresa: Eu disse que você não podia basear suas conclusões em minhas palavras. Sou apenas uma leiga, ou melhor, uma praticante do aconselhamento.

Aurélia: Calma, querida. Eu também não estou querendo provocar suas reações de defesa. Estão somente demonstrando que pensei sobre tudo o que você disse.

Júlia: O meu genro, onde está?

Aurélia: Não sei e não quero saber.

Júlia: Você perdeu seu amor...

Aurélia: Sinto-me abandonada. Na verdade, a minha vontade é de nunca mais ver a cara do patife.

Júlia: Se quiser desabafar, desabafe. Mas não leve as coisas tão na ponta da faca. Eu entrevejo o fantasma de seu pai e sei que ele não voltará mais a habitar nossa

casa. Você, ao contrário, poderá aceitar a presença de Armando, por força da necessidade de seus filhos.

Aurélia: Eu acho que eles se sentem tão traídos quanto eu.

Júlia: Eu também penso assim, mas dou a eles a oportunidade de refletir a respeito e de concluir se não é melhor ter o pai debaixo do mesmo teto. Eu sempre considerei Armando provido de inteligência, bom humor, equilíbrio nas ponderações sobre as coisas relativas à educação dos filhos...

Aurélia: Belo exemplo que ele está dando!

Teresa: O que eu tinha pra dizer, já disse. O meu ponto de vista continua o mesmo: perdoar sempre, pra que se definam os relacionamentos da melhor maneira no plano da espiritualidade, que é o que mais interessa a todas as criaturas.

Aurélia: Eu também entendo desse jeito. Mas vocês têm de concordar comigo que não depende só de mim.

Rodrigo: Pelo que eu ouvi do pai, ele está disposto a recomeçar tudo do nada. Está muito sentido. Será preciso que seu sentimento de culpa fique exacerbado a ponto de se julgar o mais reles dos mortais?

Teresa: Quer dizer que você quer que ele volte, numa boa?

Rodrigo: Eu já estou crescidinho pra necessitar da proteção paterna. Contudo, eu acho que as coisas vão piorar cada vez mais com ele longe daqui.

Aurélia: Financeiramente, não, que, se ele não me der a minha parte...

Júlia: Vejo que você está insistindo no mesmo ponto. Ele não lhe pediu perdão?

Aurélia: A bem da verdade, eu não deixei. Bem que se ajoelhou. Mas teve um fato que me deixou muito brava: ele não soltou uma única lágrima. Acho que ele não se sensibilizou com a minha situação perante todo o mundo.

Rodrigo: Mas eu sei por que ele não chorou.

Aurélia: O que entende você?

Rodrigo: Por que você está se pondo também contra mim. Eu não fiz nada. Pergunte pra Cleia o quanto me preocupei com você e com meu pai. Eu posso dizer o que penso a respeito da falta de lágrimas?

Júlia: Vamos ver se coincide com o que estou imaginando.

Rodrigo: O rancor contra a amante, que divulgou a relação, e a decepção por ter Amália denunciado o enrosco amoroso levou o velho a...

Cleia: ... a ajustar-se psiquicamente à frustração através de agressividade contra as duas moças. Agressivo contra os outros, não teve tempo de se sensibilizar a ponto das lágrimas, o que o levaria a outra espécie de ajustamento: o da autopunição.

Teresa: Vejo que vocês discutiram cientificamente o caso.

Rodrigo: E eu ia perder a oportunidade da lição grátis?!

Cleia: Analisamos superficialmente, uma vez que não temos todos os elos da corrente.

Júlia: Pois eu estava pensando que ele agia assim porque se julgava no direito de ter outras mulheres, por influência dos filhos. Calma que eu vou explicar. Quando os homens veem os filhos namorando, ou melhor, tendo relações sexuais —vamos falar bem claramente—, se sentem um pouco diminuídos em seu machismo, por mais esclarecidos sejam.

Aurélia: E papai? A senhora não acha que ele também passou por isso?

Júlia: Eu acho que ele passaria, não fosse uma circunstância terrível que nos ligou indissolúvelmente: a perda de seus irmãos. Sobreviveram cinco; morreram sete. Esse sofrimento... [*Chora.*]

Aurélia: Desculpe, mamãe. Eu não compreendi nada. A minha vida tem sido tão diferente!

Teresa: Mamãe, nunca se esqueça de que ele está bem. E, se não somos nós mesmos a reencarnação dos filhos que morreram, ele vai estar na companhia dos que se foram. Essa não é uma ideia confortadora?

Rodrigo: Pelo que eu sei, vocês duas não conheceram nenhum dos irmãos que morreram.

Teresa: Eu só conheci um. Morreu aos quatro anos. Eu tinha sete. Aurélia estava a caminho. Não me lembro de quase nada. São apenas sombras na minha memória.

Rodrigo: É uma pena...

Júlia: O preço de nossa harmonia foi muito alto. Podem crer.

Teresa: Vamos aproveitar este momento de compunção sentimental, pra agradecer ao Senhor as nossas vidas, porque, eu tenho a certeza de que estamos crescendo com o sofrimento. Cada qual faça uma prece à vontade. [*Faz-se longo silêncio.*]

## Cena 7.

Aurélia.

Rodrigo.

Cleia.

Teresa.

Júlia.

Amália.

Amália [*Entra em silêncio. Observa durante uns instantes.*]: Mas que ambiente de velório! Que está acontecendo?

Cleia: Sua tia nos pediu uma prece pela harmonia da família.

Amália: Então me desculpem a falta de modos. [*Senta-se do outro lado da sala.*]

Júlia [*Após alguns instantes.*]: Amália, disseram-me que você dispensou o seu namorado. É sério?

Amália: O que não era sério era o namoro.

Júlia: É uma pena, porque me parece um jovem muito ajuizado. Mas eu não quero sugerir nada. Nesses casos de amor, é o coração quem manda. Você acha que ele compreendeu sua atitude?

Amália: Não estou com vontade, vovó, de discutir esse assunto. Por favor!

Júlia: Tudo bem, querida. Você é quem sabe.

Aurélia: Mamãe, Amália ainda está sob as impressões dolorosas de hoje cedo, quando me revelou o que se passava com o pai. Ela deve ter sofrido muito, inclusive com a dispensa de Alfredo. [*Soa a campainha.*]

Rodrigo: Eu atendo.

## Cena 8.

Aurélia.  
Rodrigo.  
Cleia.  
Teresa.  
Júlia.  
Amália.  
Norival.  
Alfredo.

Amália [*Vendo Alfredo entrar com Norival.*]: Quem teve a infeliz ideia de armar pra mim?

Norival: Calma, sobrinha, fui eu que pedi pra ele vir. Eu precisava conversar a respeito das coisas de meu pai e Alfredo veio como meu assessor. Não tem nada com você. Aliás, ele me pediu, caso você estivesse, que eu o dispensasse. Mas eu não posso fazer isso. Se você não aguenta a presença dele, nós vamos conversar na sala da televisão.

Amália: Fiquem à vontade, tio. Mas não quero ver nenhum xereta botando o nariz onde não é chamado.

Norival: Eu pensava que você estava na casa de alguma amiga. Pelo menos foi o que seu pai me disse. Se ninguém tiver nada contra, eu fiquei de ligar pra ele, avisando que ele podia vir até aqui conversar a respeito dos assuntos da loja e dos procedimentos relativos à polícia.

Aurélia: Quanto a mim, Norival, ele pode vir a hora que quiser. Vai estar na casa dele.

Norival: Obrigado, Relinha. Eu sabia que você ia entender.

Aurélia: Só não vou admitir que ele venha brigar com Amália. Estou sendo clara? As cenas desagradáveis estão encerradas.

Norival: Eu acho que você está pensando direito. Em todo caso, quando ele chegar, quem não quiser ficar na sala pode sair. Não é justo que ninguém se sinta constrangido.

Júlia: Quanto antes enfrentarmos a situação, cara a cara, tanto melhor pra que se esqueçam os desentendimentos, as rugas, os ódios...

Teresa: Eu acho que os sentimentos não chegaram a tanto. Estou mais propensa a ver decepção, angústia, medo da perda, vazio espiritual.

Rodrigo: A 'vó tem razão. Vamos enfrentar evangelicamente os defeitos de cada um de nós. Será que alguém aqui se considera perfeito?

Teresa: *Atire a primeira pedra aquele que se julgar sem pecado.* Disse Jesus. Está na Bíblia.

Júlia: E bem a propósito do adultério.

Cleia: Por favor, Rodrigo, vamos deixar os mais velhos decidirem o que for melhor pra todos. Vamos ver televisão.

Rodrigo: O ambiente está ficando muito pesado. Eu concordo com Cleia. Vocês devem ter outras coisas pra discutir. Quando o assunto for a loja, me chamem.

Amália: Esperem, que eu vou com vocês... se Alfredo resolver ficar aqui.

Alfredo: Eu acho que seu tio vai precisar de mim.

Amália. Então, vamos nós três. [*Saem Amália, Cleia e Rodrigo.*]

## Cena 9.

Aurélia.

Teresa.

Júlia.

Norival.

Alfredo.

Júlia: Desculpe-me, Relinha, ter lembrado o pecado de seu marido. Não devia ter dito nada na frente das crianças.

Aurélia: Eu não tenho nada com isso, mãe. Foi ele quem programou o espetáculo e representou o seu papel.

Teresa: Aurélia, por favor, contenha-se perante Armando. E você, Norival, precisava trazer o cunhado?...

Norival: Eu ainda não fiz a ligação. Está em tempo...

Aurélia: É importante a presença dele?

Norival: Eu gostaria que todos estivessem aqui. Conversei com os outros dois e eles não se interessam por nada do que está acontecendo. Mas me autorizaram a agir através do advogado.

Júlia: Eles têm pensamento próprio. Depois, moram longe e não gostam de se meter com problemas. Têm razão, do ponto de vista deles.

Norival: Eu até acho melhor assim. São mais velhos e estão com a vida mansa. Os filhos todos colocados e ganhando bem, tanto que não puseram nenhum obstáculo a que Rodrigo administre a loja. O Doutor Reinaldo me recomendou discrição e pediu pra que eu afastasse até o pai de Alfredo das investigações. Parece que ele desconfia de novidades, embora... É melhor eu ligar pro Armando. Ele está na outra esquina. Vai atender no celular e em dois minutos vai estar com a gente.

Teresa: Eu devia saber que Norival estava aprontando.

Alfredo: Nós não viemos juntos. Quando chegamos, *Seu Armando* não tinha chegado ainda.

Teresa: Eu conheço o meu irmão.

Norival [*Disca.*]: Armando, sou eu. A barra está limpa. Pode vir. [*Desliga.*] Não vai demorar.

Aurélia: Sabem que eu me esqueci completamente de perguntar se vocês jantaram?

Júlia: Eu e Teresa já comemos.

Norival: Eu também.

Alfredo: Comigo, não precisa preocupar-se.

Aurélia: Eu vou perguntar aos outros. Com licença. [*Sai.*]

## Cena 10.

Teresa.

Júlia.

Norival.

Alfredo.

Teresa: Norival, que é que você está pretendendo?

Norival: Não acho justo que Armando passe uma única noite fora.

Júlia: Você não acha que eles é que devem se entender?

Norival: Mas se não tiverem oportunidade de se encontrar, nunca mais vão se aceitar.

Teresa: É muito arriscado. Eles estão ainda superagastados.

Norival: O ferro se malha ainda quente.

Alfredo: *Seu* Norival, quer dizer que a minha presença aqui faz parte desse seu plano? Quer dizer que o senhor estava arquitetando a minha volta para Amália?

Norival: Exatamente, meu filho. Armei a situação, mas a danada matou a charada na hora.

Alfredo: Eu desconfiei e até gostei, porque não tive chance de saber as razões dela. Eu juro que não fiz nada parecido com o que fez o seu cunhado.

Júlia: Nós sabemos, caro. Fique calmo. Você não vai ser testado sentimentalmente.

Norival: Em outras palavras, aguente o tranco, a menos que seu amor tenha se extinguido com o repúdio inesperado.

Alfredo: Não posso dizer que tenha gostado do pontapé... Perdão, senhoras, mas não de compreender que estou esquerdo nesta casa.

Teresa: Fique frio! Aguarde os acontecimentos. Se Amália estiver decidida a anular os sentimentos que você despertou nela, vai ficar sabendo definitivamente ainda hoje. O clima está pras definições.

Júlia: Não seja petulante, Teresa. Você tem essas ideias espíritas na cabeça e acha que consegue sentir a influência dos protetores.

Teresa: Mãe, como são protetores, vão proteger...

Júlia: Proteger, sim, mas ajudar a unir o que não está pra ser unido...

Norival: Vamos colocar as coisas no lugar. Vocês estão falando de Aurélia e Armando ou de Alfredo e Amália? São relacionamentos diferentes.

Teresa: Não são não.

Norival: Como não? Armando e Aurélia têm dois filhos e um passado em comum. Essa união precisa ser preservada.

Teresa: A separação advém quando necessária. Veja mamãe e papai. Não estão mais juntos e ninguém poderia dizer que se separariam.

Norival: Você está fazendo a maior confusão.

Teresa: Você que não está entendendo. Este mundo é conflituoso por sua própria natureza. As reuniões de pessoas são perecíveis, como tudo o mais.

Júlia: Posso interferir?

Norival: Por favor.

Teresa: Deixe só eu concluir.

Júlia: Não deixo, não. Eu quero dizer que o efêmero desta vida desaparece quando partimos pra outra realidade. Aí percebemos que a existência é una.

Teresa: Mas era o que eu ia dizer. No plano espiritual, os seres tendem a se juntar pelas vibrações de mesmo diapasão. Quando duas pessoas se amam aqui na Terra mas são de categorias diferentes, a mais adiantada, depois da morte, vai buscar a outra onde estiver, lutando pela melhoria moral do sujeito do seu amor.

Norival: Belas palavras, mas isso não justifica o fato de que agora não devamos providenciar a união de quem, um dia, disse *sim* perante o juiz e o sacerdote.

Teresa: O meu medo é que estejamos trocando os pés pelas mãos, provocando reações de ódio, de rancor...

Norival: Mas não foi você quem disse que não via tais sentimentos nos corações desta casa? Está mudando de opinião?

Teresa: Você gosta de me provocar, mas nessa eu não caio. Eu disse, e você sabe muito bem, que não há tais sentimentos. Agora estou dizendo que, se não tomarmos cuidado, eles aparecerão. Não confunda as coisas. Eis Armando que chega.

## Cena 11.

Teresa.

Júlia.

Norival.

Alfredo.

Armando.

Norival [*Levanta-se e vai até Armando, que permanece parado junto à porta. Carrega a mala.*]: Armando, Armando, não se deixe abater. Ninguém veio pra acusar você de nada. Este é o seu lar. Será sempre. Não se sinta culpado.

Armando: Não sei se fiz bem em atender o seu pedido.

Norival: Venha. Mamãe e Teresa querem se solidarizar com o seu sofrimento, com o seu desconforto. Alfredo veio pra ver se se entende com Amália.

Armando: Ela está?

Norival: Está, sim! Veja se você se controla. Ela está em atitude defensiva. Você tem de compreender que ela vai se sentir acuada na sua presença. A consciência a acusa.

Armando: Eu acho que volto daqui.

Norival: O primeiro passo vai ser o mais difícil. Venha.

Teresa: Que confidências são essas aí na porta? Quem cochicha o rabo espicha.

Júlia: Venha, Armando. Vamos conversar sobre Edmundo.

Armando: Que você disse a sua mãe sobre ele?

Norival: Só levantei minhas suspeitas.

Armando: Com as quais eu não concordo.

Norival: Tudo bem. Vamos senão elas virão até aqui. [*Avançam, Armando com relutância. Norival toma a mala da mão de Armando e coloca junto à parede.*]

Teresa: Cunhado, conversei demoradamente com Aurélia. Tentei fazer que veja a realidade dos matrimônios, segundo o prisma espiritual. Parece que ela entendeu que vocês combinaram a união antes do nascimento. Esse é um bom princípio pra...

Norival: Armando, não preste muita atenção no que ela diz. Vocês construíram toda uma vida juntos. Não podem perder o patrimônio sentimental, familiar e material, juntado com tantos sacrifícios.

Júlia: Meu genro, sente-se ao meu lado. Teresa, dê seu lugar a ele. Pronto! Eu quero que você entenda que todos estamos empenhados em recuperar a paz e a harmonia de seu lar. Não combinamos nada nem seria honesto planejar pra que prevaleça o nosso ponto de vista. Em havendo amor, todos os fatos adquirirão perspectiva de menores dimensões. Da minha parte, eu não pretendo intervir, a não ser se for solicitada. Devo dizer que Relinha nada me pediu. Foi Norival quem nos atraiu até aqui. Se você não estiver gostando de nossa presença, é só dizer e nos retiramos.

Armando: Eu agradeço muito o interesse de todos. Vejo que estão tomando atitude muito favorável à minha família. Deus vai abençoar vocês todos por isso. Desculpem se eu também não preparei nenhum discurso. O que posso dizer é que estou envergonhado. Mas não quero ser hipócrita. Se Amália não tivesse aberto o bico, eu ia ficar calado. Do ponto de vista de Teresa, as coisas iam desandar ainda mais, se tudo só se descobrisse depois de minha morte. Eu pensava ao contrário, ou seja, se mantivesse tudo secreto, nenhuma consequência adviria no outro plano da existência.

Teresa: Admiro que você esteja colocando o tema sob o ponto de vista espírita.

Armando: Nestes dias, tenho tido tempo pra digerir as noções aprendidas na reunião e devo confessar que folheei os livros que você trouxe.

Teresa: Não é verdade que existe muita coerência nessa doutrina?

Armando: Não posso afirmar que exista coerência, pois eu sei muito pouco a respeito, mas a verdade é que as minhas antigas ideias cristãs do tempo do catecismo se revigoraram, num sentido muito mais adulto.

Norival: Qual é sua intenção com relação ao casamento?

Armando: Antes de responder, preciso pedir perdão a todos vocês...

Júlia: Não faça isso. Talvez, em outras épocas, eu lhe desse uns conselhos amargos. É que houve um tempo em que eu não entenderia as ofensas e não perdoaria. Hoje, mesmo aqueles vagabundos —que Deus me perdoe os termos!— que

assassinaram Edmundo merecem de mim a consideração da prece. Não vou dizer que abraçaria os malfeitores. Eu não teria essa coragem. Mas penso que, mais dia, menos dia, irão ter de refletir sobre o que fizeram e irão tomar consciência de quanto mal praticaram. Deus tenha pena de suas almas!

Teresa: Mamãe está entregando a vingança nas mãos de Deus. Não há atitude mais serena, desde que não se pretenda que o Pai castigue os pecadores, mas que os perdoe e encaminhe pra verdade cósmica.

Norival: Eu, ao contrário, aceito de boa mente o seu pedido de perdão e lhe dou o meu abraço mais comovido. [*Norival puxa Armando para si. Abraçam-se.*] Há muitos santos canonizados que foram reconhecidos beneméritos da humanidade após vida desregrada, após crimes imensos.

Teresa: Santo Agostinho...

Norival: São Paulo, principalmente. São criaturas que devem servir de exemplo pra todos nós.

Alfredo: Vocês me permitem?...

Norival: Sem dúvida.

Alfredo: Os meus princípios são outros, porque estou na Faculdade de Direito, imerso nas leis que buscam fundamentar a Justiça no País. Pois vários dos lentes que me orientam têm exatamente esse ponto de vista, concluindo que o sistema penal não resolve a criminalidade; apenas se constitui em vindita gregária. Se os malfeitores, os marginais, os contraventores fossem convencidos de que o mal reverte contra eles mesmos, porque a sociedade se degenera, produzindo, bola de neve, outros criminosos, iriam reformular... [*Aurélia, abraçada a Rodrigo e a Amália, seguidos de Cleia, assoma à porta.*]

## Cena 12.

Todos, menos Cidinha.

Norival: Vamos ver como se comportam os nossos irmãos.

Teresa: Fique quieto! Não vê que o momento tem sua solenidade?

Norival: Que solenidade?! Até ontem as coisas iam em harmonia e paz. Agora estão todos pisando em ovos. O que mudou? Nada! Cada alma, cada pessoa mantém as mesmas propriedades. Só mudou o conhecimento de alguns fatos, oficialmente antes postos de lado.

Teresa: Você faria bem mais, se ficasse calado.

Norival: Vá, Armando. Abrace a sua família.

Aurélia: Armando, fique onde está!

Norival: Que será que temos agora?

Aurélia: Norival, por favor, não atrapalhe. Eu quero que Armando peça perdão aos filhos, já que ele os ofendeu por atos e por palavras.

Norival: Você quer que ele rasteje? Não acha que já está humilhado o suficiente?

Aurélia: Eu quero ouvir dele que está arrependido, que não sabia o que estava fazendo...

Norival: Você me obriga a interferir. Eu não acho que Armando seja um criminoso. Aliás, Alfredo está aqui e pode dizer que esse fato já não consta na lei como razão pra divórcio ou...

Teresa: Quer calar a boca?! Por favor!

Armando: Aurélia, nós já conversamos e você não aceitou o meu pedido de perdão. Me mandou embora, praticamente.

Aurélia: Eu quero que você se desculpe a seus filhos.

Rodrigo: Mãe, eu não preciso de palavras. *[Desprende-se dos braços da mãe e se dirige ao pai.]* Pai, eu é que devo pedir perdão, porque eu julguei os seus atos. Não disse nada, mas meu coração...

Armando *[Abraça o filho.]*: Perdão, Rodrigo. Desculpe o seu pai. Eu não sabia que era tão importante pra todos manter a moralidade de minhas ações.

Aurélia: Bobagem! Você queria é viver na gandaia, em suja libertinagem. Vai me dizer que não sentiu prazer com nenhuma daquelas vadias...

Amália *[Desprende-se dos braços da mãe e se dirige ao pai.]*: Pai, eu também quero pedir perdão. Se não fosse por mim, ninguém estava passando por esta crise.

Armando *[Abraça a filha.]*: Eu não tinha compreendido que você podia sofrer com a minha irreflexão. Perdão, Amália! Desculpe o seu pai, por amor de Deus!

Norival: Que mais se pode pedir ao pecador? Desculpe-me, Armando, mas eu acho que estou demais aqui. Se Relinha não lhe perdoar, é porque o coração dela é de pedra. Tchau a todos! Fiquem com Deus!

Alfredo: Por favor, *Seu* Norival, espere um pouco. Eu acho que sua presença vai ser muito útil, quando eu disser o que tenho vontade...

Amália: Alfredo, não vá cometer nenhuma imprudência! Nós já terminamos e fim.

Alfredo: Terminamos, mas eu não tive oportunidade de ouvir você dizer a razão de me deixar de repente. Pelo menos, me dê um pouco de atenção, por favor!

Amália: Você tem razão. Mas eu não quero falar na presença da família. Vamos lá fora.

Alfredo: Não vamos, não! Eu quero revelar a todos o que sei, da mesma forma que você fez a seu pai.

Teresa: Alfredo, por favor, considere que um erro não justifica outro.

Alfredo: Pensei maduramente sobre o que tenho para dizer. E quero que todos nesta casa sejam minhas testemunhas.

Aurélia: Vê, pirralho, que não ofenda a minha filha...

Alfredo: Pelo amor de Deus, Dona Aurélia, será que a senhora não percebeu ainda?

Aurélia: Tem alguma coisa pra perceber?

Alfredo: Amália, estou solenemente pedindo sua mão em casamento, a você, a seus pais, à sua família, perante os protetores espirituais presentes.

Armando: Alfredo, você está fora da realidade!

Alfredo: Perdão, *Seu* Armando! Talvez a hora não seja a mais oportuna, mas esta é a minha maneira de defender a instituição do casamento. Eu amo a sua filha e ela sabe

disso. Sabe também que nunca olhei para mais ninguém. E, embora não tenha tido o consentimento prévio dela...

Amália: Você está se arrastando por mim?

Alfredo: Pretendi fazer tudo com a máxima dignidade.

Amália: Posso dar minha resposta mais tarde?

Alfredo: Não pode, não. Quero ouvir o que você tem a dizer agora, perante toda a família. Como eu disse, faço a todos de testemunhas.

Amália: Eu não sou obrigada...

Armando: Filha, será que Alfredo não é digno duma resposta franca? Diga *sim* ou diga *não*, mas diga alguma coisa que faça sentido. Deixar pra depois não me parece sensato. Ele está dando a você a melhor oportunidade.

Amália: Ele está se aproveitando das emoções à flor da pele e está tentando dissuadir-me do intento de procurar o meu destino por mim mesma.

Alfredo: Quer dizer que a resposta é não?

Amália: A resposta é não.

Alfredo: Desculpem-me todos. Eu me retiro. Vamos, *Seu Norival*?

Norival: Quem está apalermado sou eu! Que coisa mais esquisita! Que deu em você, mocinho? Juro que não entendi nada.

Alfredo: Eu amo sua sobrinha. Não vai ser fácil esquecê-la. Mas também não quero ficar rastejando a vida toda. A melhor coisa é a definição de todos os sentimentos. Veja o *Seu Armando*. Ele arrumou outra, quando percebeu que estava necessitado de outros carinhos. Eu estou propondo casamento no momento em que, para mim, Amália é tudo. Estou dizendo com clareza e com o coração na mão. Humilhei-me à vista de todos. Não tenho a intenção de voltar a rogar-lhe que me aceite. Não estou pedindo um tempo. Não vou arrumar outra, só porque fui preterido. Mas também não quero construir o meu lar sobre bases inseguras. Se Amália não me quer, se ela não me ama, se ela perdeu o meu tempo e o dela, tudo são experiências, inclusive sexuais. Se ela está querendo outras sensações, na companhia de outros homens, não serei eu quem vai dizer-lhe que tudo isso são ilusões. Satisfaço-me com a verdade deste momento. E constato que ela permanece fiel ao seu propósito de desfazer o namoro. Se quiserem, esta será a minha contribuição para decisão ainda não tomada pelo casal em litígio. Dona Aurélia, não imponha condições a seu marido. Se ele quiser retornar, acredite na fidelidade de suas novas promessas. Se a senhora é quem está desprezando-o, avise-o definitivamente.

Teresa: Espere aí, meu jovem. Que entende você?...

Alfredo: Muito pouca coisa, Dona Teresa, mas o suficiente para saber que a vida é uma dádiva de Deus e que a gente tem de vivê-la para tornar felizes os seres com quem a gente se relaciona. Se Dona Aurélia julgar que vai ser feliz, sozinha, não hesite em despachar o marido. O esforço de seu irmão em unir o casal novamente deve ter o respaldo dos melhores sentimentos. Vocês leram a mensagem que recebi e cujas cópias dei a Amália para distribuir? Está claro que não leram, mas lá o protetor havia afiançado... [*Não consegue prosseguir. Emociona-se. Apanha o lenço do bolso. Esconde o rosto.*]

Norival: Estava muito bom pra ser verdade.

Amália [*Aproxima-se de Alfredo e o conduz.*]: Vamos conversar lá dentro. Por favor, Alfredo, acredite em mim que vai ser melhor a separação já. Você não está percebendo...

### Cena 13.

Armando.

Aurélia.

Norival.

Teresa.

Júlia.

Rodrigo.

Cleia.

Rodrigo: As coisas estão fugindo do controle. Cleia, vamos tomar um ar lá fora.

Cleia: Vamos.

Aurélia: Meu filho...

Norival: Deixe ele, Relinha. Parece que já se entendeu com o pai.

Teresa: Cleia, querida, reze por todos nós.

Cleia: Continuarei orando, Teresa. [*Saem pela porta da rua.*]

### Cena 14.

Armando.

Aurélia.

Norival.

Teresa.

Júlia.

Norival: Alfredo não precisava me segurar aqui. Vou embora. Não há condições da gente comentar o que temos de fazer em relação às acusações contra meu pai. Mais tarde, eu ligo pra saber o que ficou decidido. [*Aproxima-se de Armando.*] Aceite o meu abraço, amigo.

Armando: Deus te pague!

Norival: Com certeza. [*Vai até Aurélia.*] Tchau, maninha! [*Beija-a.*] Juízo!

Aurélia: Obrigado, Norival. Com você a gente pode contar. Deus te abençoe!

Norival: Sinto-me um grande homem...

Teresa: Espere aí, Norival. Eu também estou indo, caso mamãe não queira ficar.

Júlia: Pra dizer a verdade, já não sei mais o que vim fazer aqui. Armando, eu só lhe peço que considere o amor que um dia uniu vocês. Aurélia, minha filha, não tome nenhuma decisão da qual você possa se arrepender. Deus ajude vocês dois! *[Sai.]*

Teresa: Vou rezar pra que tudo dê certo. *[Sai abraçada a Norival.]*

## Cena 15.

Armando.

Aurélia.

Armando *[Depois de longo silêncio em que marido e mulher se encaram a distância.]*: Mudou alguma coisa desde a última vez que conversamos?

Aurélia: A sua atitude com relação a Amália.

Armando: Isso lhe comprova que estou à altura de seu amor?

Aurélia: Armando, eu não sei mais se amo você. Estas últimas horas têm sido de puro tormento moral.

Armando: Você mantém o que me disse, que quer um tempo pra pensar?

Aurélia: Mais que nunca.

Armando: Norival disse que eu não devia passar nenhuma noite fora. Eu acho que ele está certo. Se as coisas podem se arranjar um dia, ficar longe de casa só vai postergar ainda mais tal decisão

Aurélia: Foi você quem arrumou a mala e partiu.

Armando: Eu não me conformo com a ideia de dormir no quarto de hóspedes.

Aurélia: Se você preferir, eu durmo lá.

Armando: Não é justo.

Aurélia: O que é que você propõe?

Armando: Eu acho que nós deveríamos dormir na nossa cama.

Aurélia: Com todas as mordomias, eu suponho.

Armando: Quando um não quer, dois não brigam.

Aurélia: Não seja grosseiro!

Armando: Perdão! Mas, a respeito dessa *grosseria*, eu devo dizer que a gente tem necessidades fisiológicas. Quanto tempo você acha que vamos aguentar, sem nos tocar?

Aurélia: Você que se vire sozinho! Faça como sempre fiz.

Armando: Essa ideia me deixou muito triste e frustrado.

Aurélia: Sem comparação com o que você fez...

Armando: Você considerou a minha idade?

Aurélia: O que tem que considerar?

Armando: Você era uma criança, quando nos casamos. Dezessete anos. Eu tinha vinte e sete, quase vinte e oito. Você era totalmente inexperiente. Eu frequentava os bordéis.

Aurélia: E daí? Eu me apaixonei. Não liguei pras suas experiências. Minha mãe sempre dizia que homem experiente é bem melhor. Ela não disse claramente, mas queria dizer que você me daria prazer na cama, muito mais que um jovenzinho que desejasse aprender com o casamento.

Armando: O que me encantava em você era, exatamente, o fato de eu ter de ensinar tudo.

Aurélia: Não ensinou nada.

Armando: Você não pode reclamar de brutalidade, de falta de carinho, de falta das carícias preliminares.

Aurélia: Você quer saber a verdade?

Armando: Diga.

Aurélia: Você nem sempre acertava o lugar e eu, imbecil, tinha vergonha de conduzir a sua mão.

Armando: Só agora você me confia algo tão importante?

Aurélia: Mais uma verdade: eu até preferia chegar ao prazer por mim mesma. Sempre foi muito mais fácil.

Armando: Enquanto isso, me deixava ir com as outras.

Aurélia: Estou confessando as minhas intimidades. Diga que você sempre achou muito demorado ficar comigo. Até na última vez...

Armando: No dia do assassinato...

Aurélia: Se arrependimento matasse, eu estava morta. Mas, naquela noite, você teve muita paciência e eu sei agora por quê. Posso dizer?

Armando: Diga.

Aurélia: Você tinha passado a tarde com a outra e estava morrendo de cansado.

Armando: Já que é pra falar a verdade, eu me esqueci completamente da festinha que você havia programado. Quando ouvi que seu pai tinha morrido, quase dei graças a Deus!

Aurélia: Você vê como é que são as coisas?! Se fosse um filme do Woody Allen, nós estávamos morrendo de rir.

Armando: Parece que estamos nos entendendo na dor.

Aurélia: Se nossos anos de convívio não serviram pra nada, então é melhor a gente se separar agora.

Armando: Devo entender que você me aceita ao seu lado, na cama?

Aurélia: Se é esse o preço que eu tenho de pagar...

Armando [*Aproxima-se de Aurélia. Ajoelha-se. Beija-lhe a mão.*]: Querida, será que posso ter esperanças?

Aurélia: Você daria pra representar um lindo papel melodramático. Levante-se, por favor. Volto a insistir que só o tempo vai determinar a reconciliação.

Armando: Pelo que entendi das explicações espíritas, essa reconciliação vai ocorrer numa existência ou noutra. Haverá sofrimento, se deixarmos pra depois. Não foi o Cristo quem pediu que, antes de morrer, as pessoas refizessem suas amizades?

Aurélia: Eu já lhe disse que perdoo você, de coração. Já demonstrei que assumo a parte menos importante das culpas. Não quero me constituir em verdugo, em carrasco da pessoa que aprendi a amar, desde muito cedo, a quem me dei e a quem dei dois filhos. Tudo isso pesa muito sobre os meus sentimentos feridos. Mas fui vilmente traída e isso você não irá apagar jamais.

Armando: Eu sei que estou em falta e me responsabilizo perante todos os benfeitores espirituais. Entretanto, se eu me perder nas Trevas, você vai precisar ir atrás de mim. Não será bem melhor me perdoar duma vez por todas e pôr uma pedra sobre tudo isto? Eu estou ficando cansado deste drama.

Aurélia: Você me prometeu não voltar a procurar aquela sirigaita nem nenhuma outra?

Armando: Aurélia, por favor, não me obrigue a falar o óbvio. Não desejo ser pego pelas palavras. Prefiro que, no dia a dia da vida, você vá constatando a minha reforma, o meu desafogo, da mesma forma que entendi e perdoei a delação de Amália.

Aurélia: Falou no diabo...

## Cena 16.

Armando.

Aurélia.

Amália.

Alfredo.

Amália [*Entra, trazendo Alfredo pela mão.*]: Resolvi aceitar o pedido de Alfredo.

Armando: Muito bem, minha filha!

Aurélia [*Abraça demoradamente a filha.*]: Querida, eu acho que você está certa. Alfredo é um jovem muito sensato, que confiou em seu amor, acima de tudo.

Alfredo: Eu quero declarar aos meus futuros sogros que Amália reconsiderou, a partir de certas razões lógicas que lhe apresentei. Eu acho que os seus sentimentos estão emperrados em relação a mim. O sim que ela deu não é definitivo, muito embora eu vá fazer de tudo para que seja.

Amália: Belo discurso, Alfredo. Não foi sobre isso que conversamos longamente: que eu não queria ver você formalizar todas as coisas?

Alfredo: Como os senhores podem atestar, o que lhes disse corresponde à evidência da verdade, conquanto, neste instante, eu possa estar, simplesmente, fazendo blague, para mexer-lhe com os pruridos de modernidade de seu vernáculo...

Amália: Você prometeu não...

Alfredo: Promessa é dívida. Se os senhores me permitirem, eu vou levar sua pimpolha para comemorarmos numa boate.

Armando: Que novidade é essa? Vocês nunca precisaram de autorização pra nada!

Alfredo: Os compromissos vão tornando-se cada vez mais sérios com a assunção da responsabilidade.

Aurélia: Filha, vamos lá dentro. Você tem de se arrumar. Enquanto isso, você me conta como é que mudou de ideia. E eu lhe conto as minhas novidades. Vocês, fiquem aí confraternizando com um licorzinho. [Saem.]

## Cena 17.

Armando.

Alfredo.

Armando: Com que, então, voltamos às boas?

Alfredo: Eu posso dizer que sua filha, *Seu Armando*, estava apenas desorientada.

Armando: Talvez o meu perdão a ela tenha feito a menina pensar sobre a bobagem que estava cometendo.

Alfredo: Sem dúvida, esse fato deve ter influenciado nesse sentido, contudo, devo afiançar-lhe que contribuiu muito mais para o efeito ter-lhe eu permitido espécie de armistício nesta nossa guerrilha pessoal, prometendo que não mais, pelo menos em presença dela, urda as frases de forma arcaizante ou pelo tônus característico dos tribunais, como tenho por hábito, desde que me empenhei em formar-me advogado de causas criminais. Considero que o júri há de ser sempre muito persuasível pela elaboração não corriqueira dos torneios frásicos e expressões...

Armando: Por mim, me considero plenamente convencido.

Alfredo: Mas a jovem exigiu-me algo muito maior, talvez até contrário aos santos costumes deste lar, se me perdoar a colocação sem qualquer resquício de desrespeito ou de lembrança dos derradeiros acontecimentos...

Armando: Ou seja...

Alfredo: Ou seja, que vivamos maritalmente durante dois anos, no mínimo, a fim de fixarmos a personalidade em ambiente de verdadeira família. Disse-me ela, em sonoro português, que, se um de nós, unilateralmente, julgar inconveniente o casamento, o outro deverá acatar a decisão sem lamúrias, discussões ou sofrimentos, embora lhe seja devida explicação condizente com a importância do evento.

Armando: E você concordou, naturalmente...

Alfredo: Era bem menos do que eu desejava, todavia, muito mais do que meus bloqueios emocionais me permitiam aspirar.

Armando: Pelo que entendi, você está tão somente comunicando-me o que, de livre e espontânea vontade, acordaram?!

Alfredo: Estou, na verdade, procedendo a uma desculpável... como direi?...

Armando: Não acredito que esteja sem palavras.

Alfredo: Diria indiscrição ou...

Armando: ... infidelidade...

Alfredo: Menos que isso. Talvez o termo mais conveniente seja *inconfidência*, houvesse ela solicitado o meu silêncio.

Armando: Você, portanto, não considera a possibilidade de eu ou Aurélia nos negarmos a aceitar essa... *insólita* situação?

Alfredo: Penso, ao contrário, que, como tivemos a sua bênção para o matrimônio, angariaremos incondicional aprovação e, até mesmo, incentivo, para que o nosso enlace se dê após o período de incubação sentimental. Nesta altura dos acontecimentos, não vemos como os aspectos frívolos dos relacionamentos sexuais possam intervir nos conceitos de moralidade que teriam sido acimados de prudentes nas circunstâncias de pureza, conforme se me configuravam antes. Em suma, tornando o pensamento absolutamente claro, porque o senhor não deve atormentar-se com os mesmos motivos que quase fizeram desandar o meu noivado, pelo repúdio de Amália à minha maneira de expor os raciocínios, devo dizer-lhe que, a partir desta noite, levarei sua filha comigo, para vivermos na alegria e na dor, segundo as prescrições cristãs.

Armando: Tomara Deus que a alegria seja o apanágio de suas vidas. Vejo que você está transbordante de felicidade, porque está com a corda toda.

Alfredo: Exultante, exuberante, inebriado...

Armando: E como vocês vão sustentar-se?

Alfredo: O senhor não ignora que estou praticamente formado, aplicando-me em estágio na empresa que me acolheu na qualidade de ajudante júnior. Tenho a minha retirada mensal, pequena, é certo, porque não posso dedicar-me em tempo de dedicação exclusiva. Obviamente, estipulamos, Amália e eu, que não teremos nenhum rebento, nesta fase experimental. Assim sendo, é justo concluir-se que as nossas necessidades serão facilmente...

Armando: Amália concordou com esse ajuste?

Alfredo: Para ser integralmente sincero, falou-me ela na manutenção de sua parte da mesada, aquela a que teria direito se se mantivesse residente sob o seu teto.

Armando: Alfredo, pelo amor de Deus, você está me dando engulhos. Queira controlar-se, por favor.

Alfredo: Eu tenho capacidade de *manejar*, entretanto, pesa-me a expectativa de que vá encetar uma nova fase de vida, fase essa que vai exigir de mim contenção do linguajar, enquanto...

Armando: Pois contenha-se também *enquanto* estiver comigo.

Alfredo: Farei o que me for possível, dando o meu melhor contributo para a paz de espírito...

Armando: Chega! Vamos brindar, como sugeriu Aurélia. Que vamos beber?

Alfredo: Para mim, água mineral com gás, se não for incômodo. O senhor deve compreender que hoje terei a minha noite de núpcias.

Armando: E eu me vejo conversando com meus sogros, antes do casamento, falando de meus planos na área do comércio, revelando meu amor e o desejo de fazer minha esposa feliz, de organizar o meu lar de acordo com as sólidas bases do

cristianismo, revelando-me, por incrível possa parecer, o mais honesto dos mortais e o mais fiel dos maridos.

Alfredo: Os tempos mudam, *Seu* Armando, embora, nesse setor dos relacionamentos sociais, a maioria continue insistindo nesse seu antigo discurso, retórica do amor que se subentende eterno. Eu mesmo lhe repetiria tudo isso, se não tivesse sido outra a reivindicação de sua própria filha.

Armando: Gato escaldado, tem medo de água fria. Viu o que eu aprontei pra mãe...

Alfredo: O que o senhor vai tomar?

Armando: Vamos vasculhar a minha *modesta* adega e o *sortimento* da geladeira. E vamos trazer algo também pras mulheres.

Alfredo: Bem lembrado, queridíssimo sogro. [*Saem, Alfredo com o braço sobre os ombros de Armando. Pano.*]

## QUINTO ATO

### Cena 1.

Aurélia.

Armando.

*[Tarde da noite, Aurélia adentra a sala em trajes de dormir. Armando a segue de pijama. A sala permanece obscura, iluminada apenas pela luz que vem de dentro.]*

Aurélia: Pelo amor de Deus, homem, as coisas não se fazem desse jeito!

Armando: Que é isso, Aurélia? Você acha que devo abster-me de minha vida sexual, perpetuamente?

Aurélia: Não se passaram ainda nem vinte e quatro horas da descoberta de seus casos, de sua podridão moral, e você já quer invocar direitos matrimoniais? Se você está achando que as coisas vão ser muito fáceis, é porque não entendeu nada do que eu disse.

Armando: Pois você não aceitou que eu partilhasse de nossa cama?

Aurélia: Vamos dispor o seguinte: ou você me traz o resultado de exames clínicos completos de seu estado de saúde, ou não terá nenhum privilégio que sua condição de marido lhe faculta.

Armando: Não seja intransigente. Por que deveria eu fazer tais exames?

Aurélia: Daqui pra frente, só a camisinha não vai me tranquilizar. Não se esqueça de que a menopausa está aí e eu não vou precisar evitar mais uma indesejável gravidez. Desse modo, como é que vou saber se você não está me transmitindo o vírus da AIDS? Somente com exame de sangue, de esperma, de urina, de fezes e tudo o mais que me irá comprovar que você não é portador de nenhuma doença venérea.

Armando: Exames pré-nupciais?

Aurélia: Chame do jeito que quiser. Sem eles, eu não vou admitir nenhuma intimidade.  
[*Ouvem barulho de carro entrando na garagem.*] Rodrigo está chegando, e eu não quero que ele nos encontre discutindo. [*Sai.*]

## Cena 2.

Armando.

Rodrigo.

Armando: Não se assuste. Sou eu.

Rodrigo [*Acende uma luz.*]: Que faz nesta escuridão, pai?

Armando: Medito sobre as nossas vidas.

Rodrigo: Mas você não foi dormir?

Armando: Fui mas não consegui cerrar os olhos.

Rodrigo: E mamãe?

Armando: Deve estar acordada também. O dia foi sobremodo penoso. De onde você está chegando?

Rodrigo: Acompanhei os *nubentes*...

Armando: Não comece você também. Chega o Alfredo complicar.

Rodrigo: Pois ele passou o tempo todo bem comportado. Usou várias expressões de gíria. Sabe que a festinha até que esteve legal? Arrumamos um restaurante muito discreto, uma sala reservada... Até o *delega* esteve por lá.

Armando: O pai de Alfredo?

Rodrigo: Foi a maior gozação. Os colegas que ele convidou disseram que o casamento estava sendo realizado na delegacia.

Armando: Sinto não ter estado lá.

Rodrigo: Não tinha cabimento — não é verdade? —, depois de tudo o que aconteceu.

Armando: Em todo caso, se o casamento se der, vou proporcionar uma boa festa aqui em casa ou onde Amália julgar mais conveniente.

Rodrigo: Eu acho que o matrimônio está selado, mas não vou meter a minha mão no fogo, porque esses assuntos são...

Armando: Pode dizer, meu filho. Eu sei que estou forçando vocês todos a se constrangerem por minha causa. Sabe que sua mãe saiu com mais uma?

Rodrigo: Que foi? Não estava tudo acertado?

Armando: Ela quer que eu passe por exames clínicos. Acha que eu posso estar com AIDS.

Rodrigo: Por que só agora? Você não via o perigo antes?

Armando: Sempre tomei o máximo cuidado.

Rodrigo: Com camisinha?

Armando: Todas as vezes.

Rodrigo: E com as outras?

Armando: Nem sempre.  
Rodrigo: Então, ela está com a razão. Não custa...  
Armando: Mas nenhuma das três últimas... Falei bobagem.  
Rodrigo: Mas que garanhão, pai!  
Armando: Garanhão... talvez. Eu estou falando dos últimos dez anos, quando essa doença se evidenciou.  
Rodrigo: Que sabe você sobre ela?  
Armando: Só o que vejo na televisão.  
Rodrigo: É pouco. O pessoal, na faculdade, tem levado gente especializada pra fazer palestras.  
Armando: Então, você deve estar por dentro do assunto.  
Rodrigo: Mais ou menos.  
Armando: Você e Cleia se previnem?  
Rodrigo: Não temos necessidade. Eu só tenho a ela e ela, só a mim. Sexo seguro. Não injetamos drogas...  
Armando: Nem eu.  
Rodrigo: Nem precisava dizer. Só faltava alguma das amantes induzir você a consumir...  
Armando: Na verdade, duas delas eram viciadas. Mas não estavam doentes.  
Rodrigo: Tinham ou tiveram outros homens?  
Armando: Com certeza.  
Rodrigo: Então, podem ter transmitido a você, por via sexual, sem que elas mesmas tivessem desenvolvido a doença. Você pode ser soropositivo, como se diz, sem mesmo saber.  
Armando: Só faltava essa.  
Rodrigo: A mãe tem toda razão em lhe solicitar...  
Armando: É condição...  
Rodrigo: Não se arrisque a transmitir a ela. Tenha, antes, certeza de que está são.  
Armando: Mais um motivo pra ficar acordado.  
Rodrigo: As preocupações deveriam ter chegado em sua mente antes.  
Armando: E ainda tenho de ouvir sermão do próprio filho.  
Rodrigo: Pai, desculpe-me, mas não posso deixar de pensar no pior. Em todo caso, ficar desesperado não vai resolver, nem se os resultados forem positivos. Vamos deixar as preocupações pra depois. Eu vou dormir.  
Armando: Você tomou umas e outras?  
Rodrigo: Você está certo: eu não devia dirigir embriagado. Contudo, Cleia não bebeu nada e foi ela quem me trouxe.  
Armando: Mas eu ouvi o carro sendo colocado na garagem.  
Rodrigo: Ela voltou com uma amiga que nos acompanhou e eu guardei o carro. Está tudo bem explicado?  
Armando: Você não vai me deixar nenhuma brecha pra eu dar uma bronca?  
Rodrigo: Boa noite, pai! Vá dormir, que amanhã é dia de trabalho. [Sai.]

### Cena 3.

Armando.

Aurélia.

Aurélia [*Entrando.*]: Não pude deixar de ouvir o que vocês conversaram. Devo dizer que muito me surpreende a sua calma em relação às atividades sexuais de seus filhos. Parece até que você não dá a mínima ao fato deles viverem em concubinato...

Armando: Eles são maiores.

Aurélia: Rodrigo tem vinte e dois e Amália vinte. Ele é maior; ela, não.

Armando: No meu entendimento, só deveriam ser considerados maiores os que são economicamente independentes. Nesse caso, nem Alfredo...

Aurélia: Veja como fala. Se você desenvolver essa sua ideia às últimas consequências, vai dizer que eu não devo ser considerada responsável socialmente.

Armando: Você bem que me entendeu. Nós dividimos os serviços conjugais, se assim posso dizer. Temos um contrato firmado em cartório. Os livros foram assinados, com testemunhas. Eles não têm nada firme, somente a vontade de ficar juntos. Amália, assumindo a união socialmente; Rodrigo, levando o namoro numa boa.

Aurélia: Pois eu devo dizer que me preocupo com os dois.

Armando: Por quê?

Aurélia: Simples. Do jeito que você está conduzindo a sua vida, inevitavelmente, iremos separar-nos. Aí virá a divisão dos bens...

Armando: Por que você insiste nesse aspecto? Não fui eu quem quis me aproximar de você?

Aurélia: Irresponsavelmente, contrariando o que tínhamos combinado.

Armando: Você está querendo saber se vou ou não realizar os exames médicos, por isso está se mostrando preocupada. Tem medo de que eu fuja numa vez, pela intolerância...

Aurélia: É essa sua postura imoral que me afasta de você.

Armando: Imoral? Como?

Aurélia: Lógico. Onde se viu ficar transando com as meninas aí fora e voltar pra casa, impondo-se como patrão e dono.

Armando: Vim a pedido de Norival. Se fiquei, foi porque você admitiu a minha presença.

Aurélia: Sob certas condições, o que você está esquecendo.

Armando: Pois, fique certa numa coisa, Aurélia: você jamais vai obter o divórcio de mim. Só se quiser brigar na Justiça. Mas aí vai ter de ser litigioso.

Aurélia: É isso que você está querendo?

Armando: Não quero nada disso, porque eu é que irei perder quase tudo, além de ter de dar a você uma pensão mensal, pensão quase sempre arbitrada a maior pelos juízes.

Aurélia: Vejo que foi se informar; e que está com medo.

Armando: Houve um tempo em que pensei seriamente em abandonar a família. Aqueles dois estavam insuportáveis, fazendo exigências descabidas. Agora eles estão mais sociáveis. Mas quando estavam na adolescência...

Aurélia: Concordo que passaram por fase muito difícil. Mas que superaram, não há dúvida. Você queria desistir? Pois não sabia que esse é o papel de todos os pais? Educar os filhos não é apenas mandar pra escola. Exige que a gente aguente uns trancos, caras feias, palavras desabridas. E dizer que você nem permanecia em casa! Agora, me sai com essa.

Armando: Eu também superei a crise. Não foi?

Aurélia: Mas quem disse que a crise terminou? Ainda teremos muito que sofrer, quando começarem as rugas mais sérias entre eles. Se Amália rejeitar Alfredo, vai voltar pra casa, *correndinho*. E se nos derem netos? Será que a alegria de ter os pirralhos com a gente nos vai dar força pra...

Armando: Você está indo longe demais.

Aurélia: Não estou indo longe, não. Aliás, estou duvidando que você tenha posto um ponto-final em seu relacionamento extraconjugal.

Armando: Não é verdade que falei que praticaria o evangelho? Falei ou não falei?

Aurélia: Falou.

Armando: Então, eu não posso ser fingido: falar uma coisa e fazer outra. Pelo que pude entender, o Espiritismo, ou melhor, o Cristianismo determina aos seus seguidores que ajam, pelo menos, honestamente. De que me adianta admitir publicamente que os conceitos cristãos se encontram fixados em meu coração e realizar os atos impuros, sub-repticiamente? A se acreditar em que os espíritos são as almas dos que viveram na face da Terra, nós todos iremos ter de enfrentar existência de purgação de todos os males que houvermos praticado. Você não está levando em consideração os meus propósitos de começar vida nova.

Aurélia: É que você me parece tão frio, tão calculista.

Armando: Se você está querendo me ver rastejando, o máximo que vai conseguir é me ver ajoelhado a seus pés, o que você mesmo não admitiu, quando as minhas emoções estavam mais à flor da pele. Por outro lado, devo dizer que não me sinto muito culpado pelo que fiz. No fundo do coração, algo me diz que eu tinha pleno direito de agir como macho, talvez pela minha formação libertária, neste mundo dominado pelos valores masculinos.

Aurélia: Eu não estou querendo ir muito longe nessa linha de pensamentos. Pra mim, as coisas são muito mais práticas e positivas. Você tinha compromissos matrimoniais e não cumpriu os seus deveres. Não queira ficar filosofando, porque eu não vou aceitar esses seus sofismas. Se nós tivermos de realizar ponderações a respeito do nosso casamento em pandarecos, espere até que os sentimentos se cristalizem, de acordo com os fatos mais recentes.

Armando: Admiro-me de que você esteja tão segura de si, quando, ainda há pouco, espumava bÍlis, expulsando-me do leito.

Aurélia: Eu vou dormir. Espero que você tenha suficiente juízo pra me respeitar. Qualquer nova tentativa, eu vou interpretar como abuso, como estupro.

Armando: Não me faça rir, por favor.

Aurélia: É essa sua reação que me faz ficar na defensiva. Você está achando graça justamente naquilo que está me atormentando mais.

Armando: Não é a minha intenção.

Aurélia: Sugiro que você fique pensando a respeito de tudo o que eu lhe disse, sem tentar justificar-se pelo que você leu nos livros espíritas.

Armando: Agora, já não estou entendendo mais nada. Não é lá que se encontra a verdade?

Aurélia: Segundo Teresa, sim. Mas eu acho que a moralidade é algo que se encontra na consciência e que se vive com o coração. Não dá pra discutir sobre o óbvio. Boa noite! [Sai.]

#### Cena 4.

Armando [*Vasculha os livros à procura das cópias da mensagem de Alfredo. Abre a gaveta da cômoda. Encontra. Lê em silêncio. Transtorna-se. Joga as folhas sobre o sofá. Disca o celular. Aguarda.*]: Alô! Sou eu. Não desligue, por favor... Posso falar à vontade, não se preocupe. Tenho algo muito importante pra dizer... Amanhã, não. Agora mesmo. Droga! [*Liga de novo.*] Eu não falei pra não desligar?!... Eu sei que a hora não é própria, mas é importante que você me ouça... Está certo! É que amanhã eu vou realizar exames de sangue... Não estou doente, não. Aurélia quer saber se não estou com AIDS... Santo Deus!, não é nada disso... Escute, eu não estou acusando ninguém... Quer fazer o favor de me escutar!... Eu queria que você fosse comigo... Já fez? Onde?... E os exames na Faculdade são garantidos?... Hospital Universitário... Negativo? Menos mal... Mas eu vou fazer assim mesmo. Preciso do resultado por escrito... Ela não deixou nem chegar perto... Por que você insiste nesse ponto? Eu não quero me amasiar com você nem vou pedir o divórcio a minha mulher. Valéria... [*Faz menção de atirar o telefone. Arrepende-se.*]

#### Cena 5.

Armando.

Aurélia.

Aurélia [*Entra.*]: Eu não consigo dormir. Estou com dor de cabeça. Você estava telefonando?

Armando: Como se você não tivesse ouvido.

Aurélia: Que é isso? Deu pra desconfiar de mim? Quem usa cuida.

Armando: Liguei pra Valéria.

Aurélia: Vocês não tinham desmanchado tudo?  
Armando: Desmanchamos, mas eu queria que ela fizesse o mesmo exame que eu.  
Aurélia: Queria? Não quer mais?  
Armando: Ela já fez. Deu negativo.  
Aurélia: Se eu fosse você, não confiava nela.  
Armando: Não vou confiar. Amanhã mesmo... hoje mesmo, vou providenciar.  
Aurélia: Você está convencido de que o melhor vai ser voltar pra casa?  
Armando: Aurélia, até parece que você prefere que eu me mande.  
Aurélia: Estou me acostumando com a ideia da separação.  
Armando: Pois eu vou repetir que não dou o divórcio...  
Aurélia: Armando, você não reparou que nós não estamos falando em amor, em paixão ou coisa semelhante? Só estamos preocupados em nos justificarmos perante os filhos e os parentes. Eu quero que você se mostre arrependido. Você quer que eu seja compreensiva. Até tentou me forçar...  
Armando: Eu sei que você não está sendo compreensiva. Mas eu não quis forçar você a nada.  
Aurélia: Foi maneira de dizer. Você queria ver se mantinha sua ascendência de macho. Bem que você disse que, no fundo, não se sentia culpado. Eu acho que nós já fizemos o que tínhamos de fazer juntos. Outros filhos, eu não vou querer. Acho que nem você. Nem com a outra. Você não quer dividir os bens e, por isso, fica dizendo que não vai me dar o divórcio. Não sei se vou sofrer com isso, mas a verdade é que já estamos separados. Aquela sua ideia de que, do outro lado, eu ia ter de procurar você nas Trevas, não me entra na cabeça. Eu perdoo você agora.  
Armando: Perdoa nada!  
Aurélia: Perdoo, sim. Se você quiser ir morar com a tal, vá, sem remorsos. A sociedade vai compreender. A família não vai se importar. Eu vou ficar muito bem sozinha. Já pensei em pedir pra minha mãe que me permita ajudar Rodrigo na loja.  
Armando: Pra quê?  
Aurélia: Pra me tornar independente.  
Armando: Você não tem nenhuma experiência. Que é que vão dizer as suas amigas? Teresa? Amália?  
Aurélia: Digam o que quiserem. Acho que está em tempo...  
Armando: Aos quarenta e dois?...  
Aurélia: Tivesse sessenta. Eu sempre me senti uma inútil cuidando da casa e das crianças. Tinha a ilusão de que cuidava de você também. Ilusão!  
Armando: E não cuidava?  
Aurélia: Faz tempo que as empregadas é que fazem tudo. Nós não temos tido tempo pra nada nosso. Quantas vezes fomos ao cinema, ao restaurante, fomos viajar?  
Armando: Mas você sempre preferiu ver os filmes no videocassete. Até a festa de aniversário, você quis que fosse em casa. Quantas vezes você me propôs viajar?  
Aurélia: Pois é isso aí. Você está descrevendo direitinho o que está de errado em minha vida. Eu quero sair com Teresa. Ir ao centro espírita. Ajudar nas atividades de benemerência. Não foi você que reclamou de não ter jamais dado esmola pra ninguém, esmola mesmo, de coração?

Armando: Por que você está me excluindo dessas suas novas atividades?

Aurélia: Você está disposto a me acompanhar?

Armando: Não vou dizer que esteja entusiasmado com a ideia, mas, se você me permitir, eu acompanho aonde você for.

Aurélia: O que lhe dá tanta certeza?

Armando: A idade está chegando.

Aurélia: Essa razão não é boa. Estou cansada de ver homens muito mais velhos iniciando relacionamentos...

Armando: Você leu a mensagem que Alfredo escreveu?

Aurélia: Não.

Armando: Pois, se tivesse lido, ia entender a minha mudança nesta altura da vida. Se me tivesse falado essas coisas há cinco anos, eu ia rir ou fingir que acreditava. Agora, estou amadurecido.

Aurélia: Pois o que eu escrevi sobre o estado de papai no etéreo me fez pensar seriamente em que as pessoas, quanto aos relacionamentos sentimentais, devem ser o mais autônomas possível. Você já pensou se meu pai fosse obcecado por minha mãe?

Armando: Que é que tem?

Aurélia: Ia ficar transtornado, querendo proteger a esposa, mesmo estando do outro lado.

Armando: Mas ele amava Dona Júlia, com muito carinho, com muita solicitude...

Aurélia: Mas o amor dele é sereno, sem paixão. Acima de tudo, confia em que o Pai vai providenciar que tudo dê certo pra eles, no futuro. Põe fé...

Armando: Você não pode falar com tanta certeza dos sentimentos de seu pai.

Aurélia: Claro que posso! Basta pensar um pouquinho no assunto. Ele era um homem bom. Sempre ajudou as pessoas. Tanto ajudou, que jamais pensou em não ter os filhos que programou. Enfrentou a perda de sete. Jamais olhou pra outra mulher. Lia os livros espíritas com tanta atenção, que deixou os volumes com centenas de anotações.

Armando: Não consta que tenha ido a nenhum centro espírita.

Aurélia: Onde está escrito que a pessoa, pra ser espírita, precisa frequentar as casas fundadas pra estudo da doutrina? Teresa vai poder explicar melhor essas coisas, mas eu acho que Deus não salva os homens porque eles vão à igreja, ao templo, à sinagoga, à mesquita, ao culto...

Armando: Eu concordo com isso, mas daí a concluir que seu pai esteja absolutamente tranquilo com o destino da família vai uma distância enorme.

Aurélia: Não vai, mesmo. Veja bem. Se eu só pratico o bem na vida, posso esperar o pior? Compare o destino dele com o destino que espera pelos assassinos, pelos bandidos, pelos assaltantes, pelos malfeitores. É justo supor que Deus não esteja vendo o que se passa no Mundo? Pense pra responder, porque, se você não concordar comigo, é porque não acredita em Deus nem é cristão.

Armando: O que é ser cristão?

Aurélia: Ser cristão é cumprir os mandamentos que Jesus nos outorgou.

Armando: Amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo?

Aurélia: Sim. E também aos inimigos.

Armando: Você ama Valéria?

Aurélia: Não queira me colocar em cheque.

Armando: Se não amar, não é cristã, pela própria definição.

Aurélia: Pelos princípios espíritas, se eu não for capaz de entender os meus sentimentos em relação a ela, vou ter de passar por momentos de reflexão e de reformulação espiritual.

Armando: Estou vendo que as lições de Teresa estão frutificando.

Aurélia: Você acha que a sua amante entendeu a minha situação e deseja o melhor pra mim?

Armando: A verdade é que ela quer que eu me divorcie de você e me case com ela. Não sei se isso responde à sua questão.

Aurélia: Ela é espírita? É católica? É materialista?

Armando: Ela, como Amália, é estudante de História. É jovem e não se preocupa com a vida depois da morte. Pelo menos, não conversamos nunca sobre isso.

Aurélia: Não tiveram tempo.

Armando: Esse é outro aspecto que me obriga a ficar com você. Eu acho que, com ela, nunca vou conseguir levar um papo neste nível.

Aurélia: Se for esperta — e eu acho que é até demais —, vai levar, sim. Mas não sei qual será o nível de sinceridade dela quanto ao envolvimento com os temas. Ou se vai conversar com o intuito de prender você... e seu dinheiro...

Armando: Posso dizer que essa referência ao caráter dela é pura maldade?

Aurélia: Maldade é ela querer o meu marido.

Armando: Quer que eu pegue um comprimido pra sua dor de cabeça?

Aurélia: Não está querendo ir em frente neste caminho?

Armando: Hoje, não. Pelo que li na mensagem de Alfredo, haverá uma hora certa em que tudo se esclarecerá.

Aurélia: Espero que durante esta encarnação. [*Sai.*]

## Cena 6.

Armando [*Aproxima-se da porta por onde saiu Aurélia. Grita.*]: Por que você mentiu pra mim? Você bem que ouviu o meu telefonema! [*Aguarda. Não há resposta. Disca.*] Atenda, vamos! [*Tamborila os dedos.*] Valéria, eu sei que você está aí. Não me deixe... Pronto! Por quê você demorou?... Eu não suporto a secretária eletrônica.... Eu estou indo *praí*, agora... Não se atreva!

## Cena 7.

Armando.

Aurélia.

Armando [*Enquanto está no telefone, Aurélia surge e se posta junto à porta.*]: Ela desligou. Disse que avisou o porteiro pra não me deixar entrar.

Aurélia: Você está mesmo decidido a me abandonar?

Armando: Você não está querendo saber mais de mim. Nem se dignou responder, quando afirmei que estava mentindo.

Aurélia: Você tem tanta certeza das coisas. Agora eu vim e deixei que visse que estava escutando a conversa. Não era isso que você queria?

Armando: Pelo amor de Deus, Aurélia, você tem de se definir!

Aurélia: De que é que você tem medo? Não estava resolvido, agorinha mesmo, a ir embora? Por que não vai duma vez por todas?

Armando: Você está dizendo essas coisas com o coração na mão ou está apenas fingindo, pra me comover?

Aurélia: Você tem de entender que me ofendeu. Eu estou sendo muito clara. Dê o fora, antes que a nossa desavença...

Armando: Me perdoe, querida. [*Ajoelha-se.*]

Aurélia: Você é incorrigível.

Armando: Estou confuso.

Aurélia: Duvido. Assim que eu permitir qualquer intimidade, você vai voltar correndo pra outra. O que você quer é garantir as duas.

Armando: Eu quero garantir você.

Aurélia: Correndo pros braços da outra?

Armando: Estou perdido.

Aurélia: Aposto que amanhã você vai trabalhar numa boa, assobiando. Que foi que você bebeu?

Armando: Bebi uns aperitivos...

Aurélia: Quer dizer que está bêbedo?

Armando: Só um pouco tonto.

Aurélia: Mentiroso.

Armando: Estou sem saber o que dizer ou o que fazer.

Aurélia: Finja que está tendo um desmaio... um ataque do coração... Tudo porque eu peguei você *armando* mais uma.

Armando: Não brinque comigo.

Aurélia: Você não pode ser levado a sério.

Armando: E aquelas coisas que eu falei a respeito de religião?

Aurélia: Seus sentimentos não correspondem à teoria. Você está envergonhado, mas não por ter feito o que fez: porque foi surpreendido, foi descoberto, foi posto a nu perante a família.

Armando: Que é que você quer que eu faça?

Aurélia: Você tem de se decidir. O que quer que eu diga não vai influenciar em nada. Todas as lições que tivemos nos últimos tempos, inclusive a morte de meu pai e as explicações de Teresa, as manifestações dos espíritos, as mensagens mediúnicas, a atitude de sua filha, nada disso está tendo a mínima importância pra você. Continua desejando mandar, ser obedecido, até quando se trata das sugestões que você mesmo está pedindo.

## Cena 8.

Armando.

Aurélia.

Rodrigo.

Rodrigo [*Entra de pijama.*]: Que está acontecendo aqui? Que gritaria é esta?

Aurélia: É seu pai que está com a intenção de abandonar a família.

Rodrigo: Mas não estava tudo acertado?

Aurélia: Por mim estava. Ele é que está sem saber o que fazer.

Rodrigo: É verdade, pai? Você não tinha concordado em fazer os exames pra AIDS?

Armando: A sua mãe está insistindo em que eu não gosto dela. Toda vez que peço perdão, desvia o assunto. Quer me ver rastejando.

Rodrigo: Se você gosta dela, rasteje. E se você, mãe, gosta dele, perdoe uma vez, sem condições.

Armando: Você está vendo, Aurélia? Até Rodrigo está contra você.

Rodrigo: Eu não estou contra ninguém. Ao contrário, se eu pudesse, punha um fim em tudo isso e voltava à harmonia numa semana atrás.

Aurélia: Harmonia, com o seu pai visitando a outra...

Armando: Não há mais harmonia. Não nas bases anteriores. Agora, eu vou ter de beber até as fezes, como o Cristo.

Aurélia: Não exagere. Quer saber alguma coisa? Fique com Rodrigo, porque eu não estou pra ouvir outras idiotices. [*Sai.*]

## Cena 9.

Armando.

Rodrigo.

Armando: Você viu como ela está me tratando? Depois não quer que eu fique irritado. Me chamou de machão, de insensível...

Rodrigo: Pai, deixe as lamúrias pra Amália. Comigo, você pode se abrir. Não é verdade que você gosta da mocinha? A mãe está ficando velha...

Armando: Fale baixo, porque ela tem o hábito de ficar escutando atrás das portas.

Rodrigo: Não estou falando nenhuma bobagem. Os fatos estão aí. Pra que alguém deseje ficar com a própria esposa, depois de aprontar umas boas como as suas, é preciso fazer um exame de consciência muito sério, porque, sem amor, vai ser difícil.

Armando: Eu tenho medo de perder todo o patrimônio que construí.

Rodrigo: É só nisso que está pensando? E os problemas que vão surgir...

Armando: Já pensei em tudo. Por isso é que estou querendo ficar aqui em casa.

Rodrigo: Visitando ou sem visitar a outra? Ou melhor, as outras?

Armando: Não existem outras. É só uma. Juro. É claro que vou precisar dum tempo pra saber pra quem meu coração vai pender. Mas sua mãe não quer saber...

Rodrigo: Não foi isso o que ouvi.

Armando: Deixar que eu fique, ela deixa. O problema é que não está me querendo como marido e dono da casa. Quer que eu permaneça como hóspede. Falou até em ir ajudar você na loja.

Rodrigo: Sabe que ia ser muito bom?! O que estou achando estranho é que a discussão entre vocês começou tão filosófica e está descambando pro pessoal, pros sentimentos de vingança, de ódio, de raiva, de ciúme, de prepotência. Eu achava melhor vocês conversarem com tia Teresa, pra alguma orientação específica no campo espiritual.

Armando: Você leu a mensagem que Alfredo transcreveu?

Rodrigo: Não.

Armando [*Pega uma cópia e passa para Rodrigo.*]: Eu achei interessantíssima. Mas me deixou muito confuso, bravo, com raiva de mim e dos outros.

Rodrigo: Amanhã eu leio com calma.

Armando: Leia agora.

Rodrigo: Não. Eu vou dormir. Fique aí ruminando o que vai ser melhor pra você, pra mãe, pra todo mundo. Boa noite!

Armando [*Tenta segurar Rodrigo pelo braço. Rodrigo se desvencilha.*]: Por que você não quer ler agora?

Rodrigo: Eu não estou precisando de teorias. Estou muito bem de cabeça e sei o que quero da vida. Você é que está com problemas. Por outro lado, eu não acho que seja a

peessoa mais indicada pra decifrar os mistérios do além. Mas vou ler amanhã cedo. Prometo. E a gente vai poder conversar, se, até lá, você ainda estiver querendo falar comigo sobre estas coisas. Boa noite! *[Sai.]*

## Cena 10.

Armando.

Aurélia.

*[Armando anda pela sala. Apanha uma cópia da mensagem de Alfredo. Balança a cabeça. Joga a folha sobre a mesa. Apanha um livro. Abre ao acaso. Lê uns segundos. Joga o livro sobre a mesa. Acomoda-se no sofá como quem vai dormir. Entra Aurélia.]*

Aurélia: Não consigo dormir.

Armando: Como está a cabeça?

Aurélia: Melhor. Quase não estou sentindo nada.

Armando: Tomou o comprimido?

Aurélia: Tomei. E você, ainda está tonto?

Armando: Estou mas não tem nada a ver com a bebida. São quase duas da manhã. Como é que vamos acordar? Você pode ficar na cama até mais tarde. Eu preciso trabalhar.

Aurélia: Se você não estiver bem, basta telefonar que o Diego resolve tudo. Existe alguma coisa muito importante pra você fazer?

Armando: Só o exame de sangue.

Aurélia: Mas não é urgente. Por que você não liga agora pra clínica? Eles marcam os exames a qualquer momento.

Armando: E se eu não acordar disposto?

Aurélia: Marque pro período da tarde.

Armando *[Apanha a agenda eletrônica. Gasta uns instantes acionando as teclas.]*: Achei o número. *[Disca.]* É da Clínica Santa Teresa?... Posso marcar um exame de sangue?... Não. Eu é que estou querendo... Só com recomendação médica?... Posso marcar a consulta agora?... O meu número do plano, deixe ver. Um momento. *[Procura na agenda.]* Três, meia, nove, dois, cinco, barra, nove, zero.. *[Tampa o fone. Fala com Aurélia.]* Está procurando no computador.

Aurélia: Ainda bem que temos um plano excelente. Caro mas excelente.

Armando: Pronto!... Sim... Pode ser às duas?... Ótimo. Obrigado! *[Desliga.]* A atendente marcou a consulta com um clínico geral.

Aurélia: Uma preocupação a menos.

Armando: Querida, por que é que não podemos continuar juntos? Esta...

Aurélia: Não insista nesse rumo. É isso que está me pondo nervosa.

Armando: Você não quer discutir os pontos dos ensinamentos do Cristo que nos levarão a superar a crise?

Aurélia: Você estava lendo os livros espíritas?

Armando: Muito pouco. Só que, toda vez que abro o livro, levo um choque. Sempre existe uma palavra que me desnuda a alma, como se eu fosse culpado de todos os crimes do mundo.

Aurélia: Eu também tenho essa impressão.

Armando: Será que nós somos tão inferiores?

Aurélia: Vamos pensar nas coisas boas que fizemos. Quem sabe isso nos anime. O sentimento da culpa só pode ser útil quando leva as pessoas a se regenerarem.

Armando: Mas eu não me sinto tão pervertido...

Aurélia: Vamos lá saber qual é a história das nossas outras vidas.

Armando: Isso é importante?

Aurélia: Talvez explique como é que você me trata e eu a você.

Armando: Pois eu tenho a impressão de que tudo desandou depois que cismamos de efetuar a tal reunião mediúnica.

Aurélia: Você sabe o que decidiu Amália a mandar Alfredo embora?

Armando: Não me diga que foram os conselhos dos espíritos...

Aurélia: Ela não suportou estar sendo vigiada tão de perto.

Armando: Suportando ou não suportando, a verdade é que não vão de sempre estar vigiando a gente. Isso não depende de nossa vontade.

Aurélia: Eu sei. Acontece que a menina se revoltou, principalmente quando viu o namorado tão empenhado em escrever. Sabe que ela não quis ler a mensagem?

Armando: Você leu?

Aurélia: Não tive ânimo. Eu acho que, se for ler alguma coisa, as letras vão ficar embaralhadas.

Armando: Se você quiser, eu leio pra você. Só que você tem de me prometer ouvir em silêncio.

Aurélia: Primeiro, deixe terminar de explicar o caso daqueles dois.

Armando: Vamos lá.

Aurélia: Só voltaram às boas, quando Alfredo prometeu que não se interessaria mais por Espiritismo, por mediunidade nem por qualquer atividade no centro espírita.

Armando: Não deveria ser o contrário? As palavras são muito boas. Os conselhos não desdizem o evangelho de Jesus. Nenhuma palavra que se disse foi agressiva. Falou-se em traição e quem falou não sabia nada a respeito de meu caso.

Aurélia: Sabia muito bem.

Armando: Será que Amália comentou com Cleia?

Aurélia: Estou me referindo ao protetor, quem verdadeiramente se manifestou. A médium, pode ter certeza, não sabia de nada. Nem Rodrigo sabia. Amália estava guardando tudo pra si mesma. Até que estourou.

Armando: Alfredo concordou em deixar tudo de lado?

Aurélia: Pôs o amor em primeiro lugar. Você não percebeu como estava feliz?

Armando: E Amália? Vocês conversaram lá dentro.

Aurélia: Ela também ficou entusiasmada com a solução, embora eu tenha prevenido pro pior. Sei de muitas moças que se juntaram e depois se separaram e ficaram avulsas. Aí passaram de uma relação a outra, sempre lastimando a decisão...

Armando: Ela é tão jovem.

Aurélia: Mas não é tão bobinha assim. Tenho certeza de que as coisas estão nas mãos de Alfredo. Se ele não desistir, Amália fica pra sempre.

Armando: Tão diferente de nosso casamento!

Aurélia: Os tempos são outros.

Armando: Nem tanto. Conheci vários casais que só se apresentaram ao juiz depois de alguns anos de concubinato.

Aurélia: Quase sempre, nesse caso, dão boas cabeçadas antes. Somente os filhos têm o condão de ajudar a se unirem.

Armando: Quer saber duma coisa? Não vamos ler nada. Estou cansado de levar porrada. O essencial é a gente manter este clima, conversando todo dia alguns minutos.

Aurélia: Eu vim ver se você ia se acomodar aqui mesmo na sala. Eu não acho conveniente que as empregadas encontrem você deitado aqui. Vamos pra cama.

Armando: Tem certeza de que é isso mesmo que você quer?

Aurélia: Permanece a condição.

Armando: Então, prefiro ir deitar no quarto de hóspedes ou no quarto de Amália. Que se dane a opinião das criadas!

Aurélia: Você é que sabe. Se não consegue se controlar, o melhor é fazermos como propôs.

Armando: Um dia, você irá me procurar...

Aurélia: Não vamos recomeçar. Venha, que eu vou verificar se está tudo em ordem pra você dormir. *[Armando apaga a luz da sala. Saem. A luz de dentro se apaga.]*

## Cena 11.

Aurélia.  
Rodrigo.

*[Dia claro. Entra Aurélia com roupas comuns. Põe ordem nos livros e nas folhas das mensagens de Alfredo. Separa uma folha que lê. Senta-se. Enquanto lê, surge Rodrigo.]*

Aurélia: Bom dia, filho! Você leu esta mensagem?

Rodrigo: Prometi ao pai que ia ler agora de manhã.

Aurélia: Está impressionante. Pegue uma cópia e leia. Eu gostaria de conversar a respeito.

*[Rodrigo lê. Senta-se. Ri. Sacode a cabeça.]* Eu não falei? Essas coisas são terríveis.

Rodrigo: São de arrepiar. Bem que o pai queria que eu lesse de noite.

Aurélia: Veja este trecho. [Lê.] *As pessoas tendem a disfarçar o que fazem, mesmo à custa das acusações da consciência. Um dia, são descobertas e buscam todos os argumentos para justificarem as ações que condenariam em outros, embora, muitas vezes, com inveja ou ciúmes, desejando obter os mesmos direitos injustificáveis perante a moral vigente. Na verdade, as acusações do coração existem. As pessoas é que impedem sua livre manifestação, por orgulho, por amor-próprio, para não se sentirem diminuídas.* [Suspende a leitura.] Não dá a impressão de que ele escrevia pro seu pai?

Rodrigo: Eu não acho que o pai tenha agido exatamente assim, mas está muito próximo da atitude que ele tomou depois da denúncia.

Aurélia: E este outro trecho. [Lê.] *Não se deve condenar o procedimento dos que foram acusados publicamente. Ninguém está isento de cometer os mesmos vilipêndios, os mesmos erros, porquanto ninguém é perfeito. Entretanto, justificam-se os atos de denúncia, quando as falhas de um atingem a integridade moral ou física de outrem.* [Suspende a leitura.] Não foi o que aconteceu com Amália, que não suportou mais esconder a traição do pai? Eu não sei se Alfredo deu pra ela ler, mas, se ler, vai se convencer de que não deve obrigar o moço a repudiar a mediunidade.

Rodrigo: Ela fez isso?

Aurélia: Fez que ele jurasse que não ia mais a nenhuma sessão espírita.

Rodrigo: Ela que me desculpe, mas não pode ter razão nenhuma, depois de tudo o que ela mesma viu acontecer nesta sala. O caso do cofre do tio Norival foi exemplar.

Aurélia: Tem mais. [Lê.] *Quando as pessoas descobrem que foram enganadas, não podem prevalecer sobre o ofensor, mas perdoá-lo, conforme recomendação expressa nos **Evangelhos**, que reproduzem a lição maior de Jesus, ele mesmo interessado em que seus algozes se sentissem perdoados, tanto que bradou ao Pai no momento mesmo em que se despedia da vida.* [Suspende a leitura.] Essas palavras estão endereçadas pra mim, não apenas no que respeita a seu pai mas também à própria amante. E, se eu disser que esse sentimento cristão é o mais difícil de se obter, eis como o benfeitor espiritual se expressa a respeito. [Lê.] *Se o meu querido leitor estiver perguntando-se se seria capaz de realizar o ideal do Cristo, deverá compreender que não passará à esfera seguinte da existência sem essa virtude. Atente, amigo, para suas próprias necessidades morais, antes de recriminar a quem quer que seja.*

Rodrigo: O que eu não entendo é como o mensageiro teve a intuição de que Amália iria revelar tudo, criando a necessidade da orientação dos procedimentos evangélicos. Será que essas recomendações tinham o caráter geral dos textos moralistas ou o protetor conhecia o futuro?

Aurélia: Eu não saberia responder...

## Cena 12.

Aurélia.

Rodrigo.

Armando.

Armando [*Entra e observa a cena.*]: Bom dia, Aurélia!

Aurélia: Boa dia!

Armando: Boa dia, filho!

Rodrigo: Bom dia, pai!

Armando: Vejo que se interessaram pela mensagem de Alfredo. Já leram?

Aurélia: Eu estou impressionada. Parece que todas as informações se encaixam com o que nos aconteceu.

Rodrigo: Pai, será que o espírito sabia de antemão que os fatos iriam se desenrolar exatamente dessa maneira?

Armando: Quer saber se eu acredito em premonição?

Rodrigo: Não foi premonição. Pelo menos, Alfredo diz que recebeu a mensagem dum espírito. Aliás, o nome que ele colocou no fim não me lembra ninguém: Solemano. Alguém conheceu algum Solemano?

Aurélia: Eu não me lembro de ninguém com esse nome.

Armando: Nem eu. Mas o caso seria de premonição do espírito. Por quê? Você tem outra sugestão?

Rodrigo: Se Amália tivesse lido o texto, eu poderia dizer que ela foi sugestionada.

Armando: Mas o que sua namorada disse sobre ofender e perdoar bem poderia ter provocado a mesma reação.

Rodrigo: Quer dizer que foram os protetores que incentivaram o deslindamento da realidade?

Armando: Podem ter sido também espíritos zombeteiros, obsessores. Amália deixou de prestar atenção nos conselhos dos bons espíritos e caiu na malha dos perversos.

Rodrigo: Nesse caso, estes últimos estariam a serviço dos outros, porque, segundo o que me consta, o melhor é sempre que as pessoas ajam dentro dos princípios da verdade, embora ela tenha sido muito rude, muito agressiva.

Aurélia: Rodrigo, não vá ofender seu pai.

Rodrigo: Desculpe, pai, se eu estou melindrando você. Ocorre que eu acho que esse episódio está inteiramente superado. Entre pessoas cristãs, como diz a mensagem, o perdão é a chave do Paraíso.

Armando: Foi melhor assim. Já estava na hora de me decidir a dar um rumo mais positivo pra minha vida.

Aurélia: Agradeça a Deus não ter tropeçado na doença nem ter dado origem a nenhum bastardo. Ou será que deu?

Rodrigo: Pelo amor de Deus, mãe. Se isso tivesse acontecido, o pai já nos tinha contado e assumido a paternidade.

Armando: Meu filho, eu amo você. Mas não sei se teria tido esse discernimento moral. O mais certo, dependendo da época, seria eu dar dinheiro pro aborto.

Aurélia: Já é tarde. A mesa está arrumada e o café está servido. *[Aurélia pega Rodrigo pelo braço e o conduz para dentro.]*

Armando: Vocês vão indo que eu vou avisar que vou chegar tarde.

Aurélia: Veja se não demora. Eu gostaria que estivéssemos todos junto à mesa. Agora somos só nós três. *[Aurélia e Rodrigo saem.]*

### Cena 13.

Armando *[Disca o celular. Aguarda.]*: Pronto! É você, meu bem?... Como está o seu humor, hoje?... Não seja impaciente. Por que você não quis me abrir a porta esta noite?... Eu não queria perder você pra sempre. Eu preciso de você. Maldição! *[Disca de novo. Aguarda.]* Por que você desligou?... Eu só posso, nesta hora, falar por telefone. Você estará aí lá pelas dez, dez e meia?... Então me espere, 'tá?!... Não estou podendo falar muito. Tchau!... Outro. *[Disca de novo.]* Diego? Não me espere antes das dez, dez e pouco. Decida a respeito das compras. Qualquer dúvida, estou no celular. Até mais. *[Soa a campainha.]*

### Cena 14.

Armando.

Aurélia.

Teresa.

Júlia.

Aurélia *[Entrando.]*: Não se preocupe, Armando. Eu atendo.

Armando: Quem pode ser tão cedo?

Aurélia: Eu acho que é mamãe. *[Abre a porta.]* É ela mesma. Teresa também. Vão entrando. Que surpresa! Aconteceu alguma coisa?

Teresa: Norival nos informou que Amália e Alfredo foram viver suas vidas juntos. Isso nos deu uma ideia. Você aceita ficar com mamãe?

Aurélia: Graças a Deus! Estava rezando pra que alguma coisa sucedesse nesse sentido.

Júlia *[Beija a filha.]*: Não vamos nos esquecer dos bons modos. Boa dia, Armando! Dormiu bem?

Armando: Perfeitamente, Dona Júlia. O quarto de hóspedes é aconchegante. Mas a senhora vai poder ficar com o quarto de Amália.

Teresa: Norival disse que Alfredo e o pai deram uma festa ontem à noite. Por que vocês não foram?

Aurélia: Não teria sentido, depois de tudo o que nos aconteceu.

Teresa: E a reconciliação?

Aurélia: Vai demorar um pouco. Eu quero que Armando...

Armando: Ela quer que eu faça exames de sangue. Quer saber se estou com AIDS. E, depois, quer que eu comprove meus sentimentos. Não bastam a ela as minhas palavras...

Aurélia: Você já me disse muitas. Esta noite mesmo, ligou...

Armando: Vamos deixar os nossos problemas pra nós mesmos resolvermos?

Aurélia: Quem pôde o mais vai poder o menos.

Armando: O seu sentimento é de vingança, de ódio. Você quer que eu fique em casa pra me espezinhar.

Aurélia: Não foi o que você mesmo disse há umas poucas horas atrás.

Armando: Que foi que eu disse?

Aurélia: Que nós precisávamos conversar mais tempo, de maneira cordata, amistosamente.

Armando: E, depois disso, você me despediu do quarto e me mandou dormir sozinho.

Aurélia: Você está se aproveitando da presença delas, pra tentar me comover, pra se mostrar melhor que eu. Nessa eu não caio, meu caro.

Júlia: Aurélia, deixe que Armando diga tudo o que pensa e sente. Vai ser melhor pra ele e pra você. Mas não se ofendam, por favor. Muitas vezes, as expressões não condizem com os pensamentos nem com os sentimentos. A raiva é momentânea. É preciso dar tempo ao tempo.

## Cena 15.

Armando.  
Aurélia.  
Teresa.  
Júlia.  
Rodrigo.

Rodrigo [*Entrando.*]: Que folia é esta aqui na sala? A gente está ouvindo lá de dentro.

Aurélia: É seu pai que está querendo prevalecer, porque eu o pus pra fora da cama. Pois saibam que ele tentou avançar o sinal. Se eu não fosse forte, ele me estuprava.

Armando: Vocês não vão acreditar no que ela está dizendo...

Teresa: Aurélia, Aurélia, pelo amor de Deus, contenha-se!

Aurélia: Eu sei o que ele está pretendendo. Está querendo achar motivo pra me abandonar. Quer ir viver com a outra. Esta noite levou um bom pontapé. Mas deve ter se entendido com ela. Esse maldito celular pode ser levado pra qualquer lugar. Ele se fecha no banheiro e fala à vontade. Quem me diz que não se entendeu com a amante?

Armando: Se for assim como você diz, os atos vão valer muito mais do que as palavras. Vocês me desculpem, mas, desse jeito, aqui eu não fico.

Rodrigo: Pai, ainda há pouco nós estávamos conversando numa boa. Que foi que aconteceu?

Armando: Eu espero, meu filho, que você seja muito feliz com Cleia. Você merece. Eu é que sou um traidor miserável.

Rodrigo: Mas você não tinha superado...

Armando: Adeus! [*Sai.*]

## Cena 16.

Aurélia.

Teresa.

Júlia.

Rodrigo.

Teresa: Mas que coisa mais desagradável! Ele passou a noite aqui e só agora é que teve esse chilique?! Por que não tomou a iniciativa antes?

Júlia: Eu saí ontem com a certeza de que vocês iam se dar bem.

Rodrigo: Um pouco antes de vocês chegarem, nós três batemos um papo numa boa. Falamos de Espiritismo, da influência dos protetores, da mensagem ditada ao Alfredo. Ele estava bem. Não deu nenhuma demonstração de nervosismo. É incompreensível.

Aurélia: Eu acho que ele se arrumou com a outra.

Teresa: Posso dar uma ideia?

Rodrigo: Por favor, tia. Qualquer coisa que possa pôr uma luz nesse comportamento.

Teresa: O seu pai está sob o domínio de algum espírito obsessivo. Essa mudança de humor é própria de quem não quer dar o braço a torcer e acaba sendo dominado. Ele não compreende contra quem deve lutar. Como vê quem está acusando ele...

Aurélia: Eu juro que não disse nada que pudesse ofender.

Teresa: Mas fez a restrição quanto ao leito conjugal.

Aurélia: E não era pra fazer?! Ou ele pode fazer o que bem entende e eu tenho de ficar como uma escrava, aceitando tudo?!

Júlia: Filha, Relinha, ouça a sua irmã.

Teresa: Vocês se lembraram de fazer uma oração juntos?

Aurélia: Eu andei rezando. Ele, eu não sei. Pelo menos não disse nada. Queria, isso sim, que eu lesse a mensagem do Alfredo. Insistiu muito. Agora de manhã, eu li. Rodrigo também. Mas os dizeres são no sentido de fazer pensar em deixar tudo em pratos limpos. Vocês leram?

Teresa: Eu não li. Mamãe, não sei se leu.

Júlia: Não.

Rodrigo: O que lá está registrado não dá pra magoar nem ofender ninguém, conquanto as informações batam direitinho com a situação aqui em casa.

Teresa: Não foi muito bom quando nós oramos juntos, Aurélia?

Aurélia: Me deu muita paz de espírito. Mas agora não fui eu quem provoquei. É Armando que está transtornado, inventando coisas.

Rodrigo: Mãe, você foi um tanto quanto rude. Essa de violência sexual...

Aurélia: Eu exagerei. Mas, no fundo, vocês acham certo que ele se encontre de tarde com uma e de noite com outra? Ele vai ter de decidir, mesmo que seja pela vadia... Desculpem!

Teresa: Vamos orar. Cada um peça a seu protetor que dê luz e compreensão pro gesto do meu cunhado. *[Fazem silêncio.]* Pronto!

Júlia: Eu esperava vir morar com vocês, mas acho que as coisas não estão no lugar. Vai ser muito desagradável...

Aurélia: Pois a senhora vai ser muito útil. Eu ia mesmo me propor pra trabalhar na loja de papai, na condição de ajudante de Rodrigo. Se a senhora vier morar aqui, vai tomar o meu lugar na organização da casa e vai me dar liberdade pra ficar fora umas horas todo dia.

Rodrigo: Eu achei a ideia ótima.

Aurélia: O seu pai, pelo visto, deu com a língua nos dentes.

Rodrigo: Ele me falou sobre sua intenção. Pra mim vai ser uma mão na roda, porque eu não posso ficar o tempo todo tomando conta dos negócios. Ia ter de nomear algum funcionário como gerente. Com a mãe lá, as coisas se acomodam.

Teresa: Eu considero esta atitude muito saudável. Vai fazer um bem danado pra você, Relinha. E vai tirar a sobrecarga do Rodrigo.

Júlia: Eu só não sei se as retiradas vão compensar...

Aurélia: Não se preocupe com dinheiro. Rodrigo vai ficar encarregado dos lucros e eu não quero ganhar nada demais. Só o suficiente pra me sentir mais eu mesma.

Júlia: Façam como parecer melhor a vocês. Mas eu acho que Armando devia ser ouvido.

Aurélia: Pois eu acho que ele não vai aparecer mais, infelizmente, porque eu queria restaurar os laços que nos uniam.

Teresa: Você observou como você é outra pessoa quando ele está fora?

Aurélia: Parece que recebo outra energia do ambiente. O pensamento fica mais claro. As pessoas e as coisas ficam em seus devidos lugares. Eu não me perturbo. Com ele presente, é como se eu diminuísse, encolhesse. E ele se aproveita dessa minha condição de subserviência pra se impor.

Rodrigo: Pois eu acho que você está inventando coisas, do mesmo jeito que ele fez. Eu vi como é que vocês conversaram de igual pra igual, esta noite e agora de manhã.

Aurélia: Eu faço das tripas coração.

Rodrigo: Parece que estão os dois juntando a fome com a vontade de comer.

Teresa: Você acha que os seus pais estão querendo se separar?

Rodrigo: Tudo indica. Nenhum dos dois está, de fato, desolado.

Aurélia: Eu estou me contendo diante de vocês.

Rodrigo: Pode até ser que esteja sentida, humilhada, com o coração partido. Mas não é nada muito agudo, trágico. Até parece que estão discutindo por discutir, como obrigação. A 'vó tem razão: só o tempo é que vai dizer...

Teresa: O tempo indefinido do etéreo, muito mais do que os próximos anos aqui na Terra.

Aurélia: Foi o que eu disse a ele, que eu não queria ir procurar ninguém nas Trevas.

Teresa: Você, como todos nós, vai ser forçada a fazer o que determinar a sua consciência, após muita reflexão sobre os próprios defeitos, os vícios, a maldade. E essa meditação é obrigatória, pra que os espíritos de luz possam nos ajudar a vencer as nossas limitações. Por isso é que os espíritos ensinam que uma só encarnação não é suficiente pra que o indivíduo se aperfeiçoe, a ponto de merecer subir pras esferas seguintes.

Rodrigo: Pensando assim, eu fico ainda mais confuso com as atitudes dos dois. Até parece que desejam desafiar as leis cármicas.

Júlia: Ainda bem que Edmundo está se recuperando do trauma que sofreu, assistido por espíritos de luz. Quando eu partir pra lá, ele vai estar me esperando. Então, eu peço a vocês que não me deem trabalho, porque vão me fazer sofrer muito se caírem em desgraça, se forem arremessados na escuridão do Umbral.

Teresa: Ninguém está imune dessa desdita, se não fizer o que for possível pra respeitar a lei do amor. Jesus, respondendo à questão essencial sobre a salvação, disse: *Meus caros, vocês devem se amar uns aos outros do mesmo modo que eu amei a todos vocês*. E Kardec acrescenta: *Fora da caridade não existe salvação*. Meditem sobre essas palavras. [*Faz-se silêncio por alguns instantes.*]

Rodrigo: Tia, eu agradeço o estímulo que você está dando pra minha mãe. Do jeito que meu pai agiu, vai depender dela a recuperação do amor do casal.

Aurélia: Eu também achei que você esteve inspirada. Todavia, se Armando montar um novo lar, eu não vou poder fazer mais nada.

Júlia: Vai poder, sim, pelo que eu entendi das recomendações evangélicas citadas pela Tê. Vai poder abraçar Armando no etéreo, trazendo-o de novo pra harmonia espiritual. E vai ter de agasalhar também a outra, que, do lado de lá, vai deixar de ser uma mocinha pra se tornar tão somente um espírito igual a todos os outros.

Teresa: Resta saber com que luz.

Rodrigo: Eu não posso esperar mais. O dever me chama. Vocês, combinem tudo e depois a gente se acerta a respeito das funções e das responsabilidades de cada um. Hoje é quinta. Será que, na segunda, você vai estar animada a me ajudar?

Aurélia: Amanhã mesmo, se mamãe se mudar hoje.

Rodrigo [*Beijando cada uma das mulheres.*] 'Vó, muito obrigado por tudo.

Júlia: Deus te abençoe, meu filho!

Rodrigo: Tia, você é grande!

Teresa: Pense bastante nas coisas que eu disse. Aliás, a recomendação é tola, porque Cleia deve levar você pela coleira.

Rodrigo: E isso é muito bom. Tchau, mãe! Juízo!

Aurélia: Vá em paz, meu filho! Você vai ver que tudo vai dar certo.

Rodrigo: Como nos filmes americanos. [Sai.]

## Cena 17.

Aurélia.

Teresa.

Júlia.

Teresa: Eis-nos de novo diante do mesmo problema. Vamos dizer que os dois não estão encontrando um ponto comum que faça vocês concordarem com os projetos de vida que imaginaram estar construindo, ao longo de mais de vinte anos de vida juntos.

Aurélia: Teresa, querida, você já se esfalfou, já se cansou de explicar a mim e à mamãe como é que as relações se dão neste mundo, a partir da ciência espiritual. Pelo que entendi, não tenho muito pra fazer no sentido de restaurar o casamento. As coisas estão mudadas e não apenas aqui em casa, mas na sociedade. O que existe de mais corriqueiro, hoje em dia, é as pessoas desmancharem casamentos de poucos e de muitos anos. Tocou a nós agora e devia ter acontecido muito antes, se eu me tivesse decidido, como diz mamãe, a decifrar o mistério das ausências conjugais de Armando.

Júlia: Eu ainda acho que cabe muito mais à mulher a defesa do lar. Mas eu penso à moda antiga, o que pra mim e pro seu pai deu certo.

Teresa: E eu posso dizer que, mesmo que papai tivesse dado as suas escapadelas —é só uma hipótese—, vocês teriam superado os problemas e não passariam por crise tão aguda.

Júlia: Deus me livre, se pegasse seu pai com outra, era rompimento definitivo.

Aurélia: Eu duvido. Se papai inventasse de pular a cerca, você ia fazer de conta que não viu. E, se alguém, como Amália, revelasse publicamente a transgressão, você ia sofrer muito e nem ia reclamar com ele. Ia esfriar mas não ia condenar. Pra isso é que servem os padres. Você pensa que eu me esqueci de que você se confessava toda semana?

Júlia: Isso já faz um bom tempo que não acontece. Mas eu não gostaria de lançar a dúvida de que os padres não agem direito. O que me aconteceu, aconteceu com diversas companheiras minhas, porque o padre trocou os pés pelas mãos, querendo que a gente contasse as intimidades da cama. Era um sem-vergonha. E seu pai ficou sabendo. Vocês eram pequenas quando ele me obrigou a mudar de paróquia. Ele não foi nunca mais, só quando eu pedia ou quando havia uma necessidade social, como casamento, missa de sétimo dia... Por falar nisso, eu já marquei a missa.

Segunda feira, às dez, na paróquia de São Menelau. Espero todo mundo lá, inclusive você, Teresa, apesar de não acreditar em nada daquilo.

Teresa: Os bons espíritos atendem a todas as pessoas. Kardec, no início, queria reunir todo o mundo sob o Espiritismo. Mas a filosofia das religiões sempre foi de manter os fiéis, através dos princípios que foram inculcados em suas mentes quando crianças e repetidos pela vida toda, ao infinito. Não iam mudar. Ao contrário, os padres condenaram as ideias que os espíritos passaram n’*O Livro dos Espíritos*, principalmente a da reencarnação, o que desmentia o princípio de que os padres tinham o condão de, em nome de Deus, perdoar os pecados e de enviar os cidadãos diretamente pro Paraíso.

Júlia: É verdade. Pra mim o mais difícil está sendo admitir que deverei voltar à Terra pra sofrer tudo de novo.

Teresa: Só voltam os que não cumpriram as obrigações evangélicas. Todos os que progridem, segundo o conhecimento da existência que vão assimilando, vão deixando pra trás os mundos de expiação e de provas. Merecem frequentar ambientes mais depurados, mais harmoniosos, segundo as leis de Deus. Quem só faz o bem não vai receber do Pai o mal em troca.

Júlia: E quem me garante que aprendi a fazer o bem? A minha consciência me pesa, muitas vezes, quando vejo tanta maldade, sofrimento e miséria no mundo. Quando a gente é jovem, acha que o trabalho e a honestidade são suficientes pra garantir o bem-estar, o sossego das pessoas. Aí, a idade vai chegando e a gente vai vendo que muitos trabalham de sol a sol e têm graves problemas com os filhos, com os irmãos, com as mulheres. E quando falta emprego pra todo mundo? Há tantos ladrões que brotam do esgoto!

Aurélia: E tantos safardanas de colarinho branco!

Teresa: Por isso é que eu acho que o Espiritismo é a doutrina mais correta. Segundo os ensinamentos dos espíritos, a vida vai melhorar pra todos, quando cada pessoa sentir que precisa melhorar a si mesmo, quanto à maneira de pensar sobre as conquistas materiais e de agir em relação aos outros. E digo mais, se não tivesse havido tanta interferência nos ensinamentos de Jesus, nem precisava que os espíritos viessem restaurar as verdades fundamentais. Vocês conhecem a passagem de João, o Evangelista, em que Jesus promete que vai mandar um mensageiro, que ele chamou de Espírito de Verdade? Pois, pra Kardec e pra maioria dos espíritas de nomeada, inclusive pra muitos mensageiros do outro plano, o Espiritismo representa o cumprimento dessa promessa, porque Jesus sabia que os homens não iam compreender o que ele ensinava. É a chamada Terceira Revelação.

Aurélia: E que tem tudo isso a ver com a minha situação atual? Você está divagando e eu não estou interessada nessas teses acadêmicas. Parece Alfredo falando!

Júlia: Eu também confesso que não estou entendendo aonde você pretende chegar.

Teresa: Kardec disse que a fé é inabalável apenas quando é capaz de enfrentar a razão face a face em todos os tempos da humanidade. Com isso estava querendo dizer que a fé tem de ser raciocinada. De que adianta ir rezar aos santos, pedindo uma porção de graças e benefícios, se a pessoa não sabe através de que meios esses benefícios vão se dar, inclusive podendo ser exatamente o contrário do que pediu?!

Aurélia: Quer dizer que, se eu não raciocinar a respeito das emoções e dos sentimentos, não adianta pedir nada que, mesmo que eu consiga, não vou fazer jus à ajuda?

Teresa: É isso mesmo. Você entendeu perfeitamente.

Aurélia: E não é o que venho fazendo em relação a Armando? Se eu estou querendo que ele refaça todos os compromissos é porque não adianta vir com pedidos de perdão. Precisa que restabeleça as promessas de viver na alegria e na dor, amando não só a mim mas também aos filhos e a todos os parentes. Esse negócio de fazer prevalecer o contrato antigo não vale mais. Vai ter de começar tudo de novo, em novas bases, de acordo com o abalo que ele proporcionou no nosso relacionamento.

Teresa: Você está dizendo que seu amor evoluiu e que precisa ser mais realista, melhor fundamentado nos parâmetros da razão?

Aurélia: Eu não sei dizer com essas palavras. O que eu quero é que ele entenda que eu não sou mais a moça bobinha que ele desvirginou.

Teresa: Quer dizer, então, que o Espiritismo não está servindo pra muita coisa?

Júlia: Eu acho que o Espiritismo está sendo fundamental.

Aurélia: Eu também.

Teresa: Deixem ver se entendi. Sem as ideias que vocês receberam antes do rompimento, a crise teria tido outra natureza? É isso que vocês estão querendo dizer?

Aurélia: Pelo menos, o clima de assistência espiritual fez amainar a minha revolta. A reunião do outro dia como que preparou o meu espírito pra não desesperar da misericórdia de Deus.

Júlia: Vocês se lembram como é que eu fiquei depois que soube do assassinato? Estava um trapo. Após a sessão aqui, nesta bendita casa, eu pude meditar a respeito do destino de seu pai. E concluí que, do ponto de vista dos que ficaram...

Teresa: Dos encarnados...

Júlia: Isso. Do nosso ponto de vista, Edmundo tinha sofrido uma perda irreparável, porque podia viver mais uns anos tranquilo, usufruindo a velhice saudável, porque seu pai foi morto quando esbanjava saúde.

Aurélia: Isso tudo também me passou pela cabeça.

Júlia: Não é verdade? Mas aí os protetores vieram dizer que ele estava sendo bem tratado, que ia superar a crise, que a perturbação ia ser muito curta, que ia se sentir até feliz, porque não ia ser acusado pela consciência.

Aurélia: Esse é o ponto que mais me preocupa quanto a Armando. Vocês já pensaram se ele for mandado pro outro lado, sem ter percebido que não andou bem na Terra?!

Teresa: Cabe a você perdoar.

Aurélia: Por certo mas não só a mim. Cabe aos filhos, cabe aos parentes e amigos. Cabe, principalmente, às amantes que se iludiram com as promessas vãs de quem só queria gozar a carne jovem...

Teresa: Você está completamente certa. Quem se junta a diversas mulheres, assume compromissos com todas elas. Mas existe muita malandragem na mente daquelas que sabem que estão envolvidas com homens casados. Mas isso é apenas um problema a mais pra ser corrigido, em tempo hábil.

Aurélia: Eu já cheguei a pensar que Armando está mais preocupado com a amante do que comigo, porque percebeu que sou capaz de enfrentar essa barra, sem grandes transtornos. A mocinha, talvez, vai ficar bem mais desorientada. Ele deve tratar dela como duma filha.

Júlia: Relinha, esse seu pensamento é de muita generosidade.

Aurélia: Estou tentando compreender a atitude de Armando. Se ele chegar e me propuser conviver com a outra, aqui em casa, eu não vou responder tão compreensivelmente.

Teresa: Se bem que, estou me lembrando, naquele livro que eu citei do espírito André Luís, **Nosso Lar**, lá no etéreo, na colônia, existia uma mulher que cuidava da segunda esposa do marido, vivendo os três em harmonia.

Aurélia: Não me diga que o Espiritismo, de certa forma, defende a poligamia!

Teresa: Eu não disse que os três viviam sexualmente juntos. No etéreo, o problema do sexo não deve ser encarado como aqui na Terra.

Aurélia: Nem poderia, porque lá as mulheres não ficam grávidas...

Júlia: Só faltava sentir as dores do parto também no Paraíso.

Teresa: Vocês estão brincando, mas o tema é sério. É muito sério. Em todo caso, pra que vocês não se confundam, Kardec interrogou os orientadores espirituais a respeito e eles disseram que a poligamia é prática condenável.

Aurélia: Se bem que muitos homens têm diversas mulheres e muitas mulheres se entregam a vários homens.

Teresa: Por isso é que a vida é extremamente complicada. Como resolver todos esses problemas? Entendendo as diretrizes do amai-vos uns aos outros com pureza de intenções, respeitando os direitos de todos, sacrificando-se mesmo pelas pessoas.

Aurélia: Outro trecho de aula...

Teresa: Outro trecho de aula. Mas não é verdade? Você acha que a sua vida sempre foi simples? Talvez achasse, mas as coisas aconteciam e você não estava nem aí. Não só não conhecia os fatos como também não desejava despertar pros problemas. Não sei se defini a necessidade da razão pro aperfeiçoamento da fé.

Júlia: Eu não percebi tudo. Mas de uma coisa eu tenho certeza: você está muito mais afiada do que a gente. Quando você chegar do outro lado —eu espero que o mais tarde possível—, não vai encontrar dificuldade alguma em entender as diretrizes da nova condição existencial.

Aurélia: Vocês estão me deixando envergonhada. Com tanta demonstração de inteligência e de erudição, eu vou ficar desenhada.

Teresa: Você está querendo elogio.

Aurélia. Talvez. Mas vamos ao que interessa de imediato. Essas coisas do outro mundo um dia se resolverão.

Teresa: Contudo...

Aurélia: Eu sei, maninha, que é melhor a gente ir arrumando as malas, *contudo*, eu preciso saber como é que vamos resolver a instalação de mamãe.

Júlia: Eu e Teresa vamos arrumar as *minhas* malas. Eu tenho muito pouca coisa pra trazer. Os seus móveis são suficientes. Quando eu fico lá em casa, as lágrimas não se estancam. Em todo lugar, eu vejo o pai de vocês. Depois, assim que for possível,

vou propor a venda da casa. Aí, distribuo o que cabe a cada um e ponho a minha parte pra render no banco.

Aurélia: Não conte com a pensão de viúva. É sempre uma miséria.

Júlia: Ainda bem que vou ter um rendimento bom. Basta que Rodrigo administre bem que a loja vai sempre dar lucro.

Aurélia: Você vai ver como eu vou saber ajudar.

Teresa: Mãe, a senhora quer arrumar as coisas ainda hoje?

Júlia: Depende de Aurélia.

Aurélia: Eu vou providenciar a arrumação do quarto de Amália. Ela me pediu pra empacotar os pertences dela. Enquanto vocês ajeitam as coisas lá, eu deixo tudo pronto aqui.

Júlia: Será que Armando não vai reclamar?

Aurélia: Não vai, não. Ele que se atreva a dizer qualquer coisa!

Teresa: Adeus casamento!

Júlia: Essas coisas se acertam. Vocês vão ver.

Teresa: Sem dúvida. Resta saber quando.

Júlia: Tchau, filha! Fique com Deus!

Aurélia: Se não der pra vocês se prontarem...

Júlia: Vai dar, sim. Aliás, eu faço questão de trazer as minhas duas auxiliares, se você não se importa. Eu estou muito acostumada com elas. Os ordenados delas ficam por minha conta.

Aurélia: Se forem muito pesados, a gente dispensa uma ou duas.

Teresa: Com carta de recomendação, naturalmente...

Aurélia: E todos os direitos trabalhistas, *naturalmente*...

Júlia: Vamos, Teresa.

Teresa: Antes das sete, estaremos de volta.

Aurélia: Eu vou mandar preparar uma boa janta.

Júlia: Não se preocupe, comigo.

Aurélia: Vão em paz!

Teresa: Fique com Deus!

Aurélia: Esperem que eu quase me esqueci duma coisa. [*Pega duas cópias da mensagem de Alfredo.*] A mensagem de Alfredo. Leiam que vocês vão se espantar.

Júlia: Eu vou lendo pra Tê no carro. [*Saem Júlia e Teresa.*]

## Cena 18.

Aurélia [*Sai. Marcação de tempo passando através da iluminação.*]

## Cena 19.

Aurélia.  
Cidinha.

Aurélia [*Entra acompanhada de Cidinha. Trocou de roupa.*]: Vamos deixar as malas aqui. Amália confirmou que virá buscar mais à noite.

Cidinha: Quer dizer que o quarto vai ser ocupado por Dona Júlia?

Aurélia: Sim e você deve arrumar a mesa aqui na sala, pra sete. Hoje eu vou fazer questão que eles jantem.

Cidinha: Vou começar já. [*Sai.*]

## Cena 20.

Aurélia [*Apanha o telefone. Disca.*]: Meu marido está?... Sim. Espero... Eu estou querendo saber se você vem jantar... Às sete, sete e pouco... Muito bem. Eu quero avisar que minha mãe vem morar aqui em casa. Hoje mesmo vai trazer as tralhas. Nenhum problema?... Ótimo!... Posso pedir um favor a você?... Eu só queria que você não armasse mais nenhuma como hoje cedo... [*Soa a campainha.*] Estão chegando. Até daqui a pouco. Faça o que eu pedi.

## Cena 21.

Aurélia.  
Teresa.  
Júlia.

Cidinha [*Providencia, durante as cenas seguintes, a arrumação da mesa, deslocando-se pela sala. As demais personagens permanecem junto aos estofados.*]

Aurélia: Trouxeram tudo?

Teresa [*Entra carregando duas malas grandes.*]: Só o essencial. Mas deixamos tudo empacotado. Amanhã cedo eu faço mais uma ou duas viagens.

Júlia [*Entra com mais duas malas.*]: Eu não sabia que tinha tanta bugiganga guardada. Vou dar tanta coisa.

Aurélia: Você não trouxe as *auxiliares*?

Júlia: Deixei as duas pondo ordem na cozinha. Amanhã, eu trago os mantimentos. Hoje só trouxe a roupa e as miudezas do banheiro.

Aurélia: Cidinha, leve estas malas pro quarto, por favor. [*Cidinha sai com duas malas.*] Elas concordaram em vir trabalhar aqui?

Júlia: Ficaram com medo de serem dispensadas. Depois nós precisamos conversar sobre os salários. Eu acho que seu pai estava pagando muito mais do que devia.

Aurélia: Isso é de menos. Armando acaba de confirmar que vem pra casa. Acho que mudou de ideia.

Teresa: Menina, que coisa a mensagem de Alfredo!

Júlia: É verdade. Lemos no carro e lemos de novo lá em casa.

Teresa: Há uns trechos que me deixaram vivamente impressionada. Você está disposta a me ouvir?

Aurélia: Claro!

Teresa: Então traga as cópias que você tem.

Aurélia [*Pega todas as cópias e entrega duas, uma para cada uma.*]: Eu não avisei que era?...

Júlia: Eu já estava entusiasmada com a citação do que continha o cofre de seu pai. Mas as coisas que Alfredo escreveu estão magníficas.

Teresa: Eu só vou ler o que mais me comoveu. [*Lê.*] *Quando as pessoas se sentem envolvidas pelas entidades do etéreo, geralmente, fazem ouvidos moucos, não dando atenção aos conselhos, avisos e advertências, porque não consideram que a consciência possa pesar-lhes. Agem como se o fone estivesse fora do gancho. Não desejam receber sequer as informações subliminares. Esse é o maior problema que enfrentam os espíritos protetores. Porém, é o menor desafio dos maus, porque, no caso deles, a inspiração vai ao encontro dos desideratos mais íntimos das criaturas, no que concerne a levarem vantagem sobre os demais.* [*Suspende a leitura.*] O que me atraiu nessa parte é o realismo com que se descreve a reação dos indivíduos encarnados. São raros os que aceitam a participação efetiva dos benfeitores espirituais. Eu tenho experiência e sei que até médiuns bem dotados rejeitam as tentativas dos protetores de se referirem especificamente a problemas morais que afetam a eles.

Aurélia: Pois eu passei por cima desse trecho sem dar maior importância.

Júlia: Quer saber o pedaço que mais me deixou intrigada?

Aurélia: Vamos lá.

Júlia [*Lê.*] *Quando as pessoas estão diante dos textos mediúnicos, tendem a não acreditar na origem transcendente do que leem. Essa atitude está na base da crença nos poderes infinitos do Criador. Não se pode desconfiar de tudo. Afinal de contas, a tradição humana registra, em todas as sociedades, a presença do espiritual. É forçoso que citeamos que os mortais não toleram, entre outras coisas, inclusive, que se deem as manifestações físicas, como no caso das mesas dançantes do século XIX. Não foram poucos os homens de ciência da época que buscaram explicações materiais para os fenômenos.* [*Suspende a leitura.*] Sabem do que eu me lembrei? De

que não pus fé até em que o corpo do pai de vocês estivesse no caixão. Estão lembradas? Se a gente não acredita em fatos tão claros, como é que vai depositar confiança em enunciados abstratos, em mensagens que se querem do outro mundo?

Aurélia: Esse é outro tópico que não me chamou a atenção. Eu fiquei muito mais presa ao tema da perfídia.

Teresa: Está certa! Não poderia ser diferente. O mais interessante é que cada parágrafo parece ter sido escrito pra um dos presentes na sessão.

## Cena 22.

Aurélia.

Teresa.

Júlia.

Rodrigo.

Cleia.

Aurélia [*Indo ao encontro de Rodrigo, que entra.*]: Você chegou mais cedo. Cleia, que bom que você veio!

Rodrigo: Eu pensei em trazê-la pra fazer companhia a você. Não tinha certeza de que a 'vó e a tia iam estar aqui. Melhor assim.

Cleia: Boa noite pra todas! [*Beija cada uma das mulheres.*]

Teresa: Tudo bem com vocês?

Rodrigo: Maravilha! Cleia passou a tarde na loja. Discutimos a mensagem de Alfredo.

Aurélia: Daqui a pouco eles vão chegar.

Rodrigo: E a lua de mel?

Aurélia: Vêm buscar as malas.

Rodrigo: Eu pensei que fossem todas da 'vó.

Teresa: O que vocês acharam da mensagem?

Rodrigo: Eu comentei com o pai e a mãe hoje cedo. Está demais, pra dizer o menos.

Cleia: Nunca vi nenhum médium desenvolvido com tanta clarividência das informações transmitidas. Alfredo precisa cultivar esse dom. Será que ele teve algum treino ou estudo?

Teresa: Não que eu saiba. Se tivesse, tinha declarado.

Cleia: Pois estive muito seguro.

Aurélia: Você gostaria de destacar algum trecho?

Cleia [*Recebendo uma cópia de Aurélia.*]: Não. Eu vejo a comunicação como um todo. Está tudo muito bem equilibrado.

Teresa: E você tem o hábito de ler textos desse tipo...

Cleia: Não me dedico com muito afinco. Mas leio as obras mediúnicas regularmente. Só não gosto muito dos romances.

Teresa: Nem eu. Mas são ótimos pra iniciar as pessoas que se sentem um pouco atraídas pelo Espiritismo.

Cleia: Alguns até servem pra afastar quem... [*É interrompida por Norival, que entra na frente de Armando.*]

## Cena 23.

Aurélia.

Teresa.

Júlia.

Rodrigo.

Cleia.

Armando.

Norival.

Norival: Com licença. Com licença. Mas que estupenda reunião familiar! Boa noite a todos!

Teresa: Boa noite, Norival! Boa noite, Armando!

Júlia: Juntem-se a nós. [*Norival senta-se ao lado de Júlia.*] Estávamos falando a respeito da mensagem ditada a Alfredo.

Aurélia: Peguem estas cópias.

Armando: Eu tenho a minha. [*Tira do bolso.*] Norival já leu e tem observações muito particulares.

Norival [*A Rodrigo e Cleia.*]: Os dois pombinhos, como é que vão?

Rodrigo: Tudo bem, tio. E a investigação policial? Alguma notícia?

Norival: Estou muito contente. Parece que a polícia não vai aceitar a tentativa daquela...

Teresa: Não vá ofender quem não está aqui pra se defender!

Norival: Eu não posso chamar a moça de *ordinária*?

Júlia: Pode, sim, meu filho. Seu pai não merecia ser acusado injustamente, depois de ter fornecido tanto dinheiro a ela e de ter protegido quando soube dos furtos.

Rodrigo: Quer dizer que estão comprovando que o 'vô era inocente das suspeitas?

Norival: Pra começar, a própria imprensa foi atrás de alguns nomes da relação e ouviu só coisas muito boas. Houve várias contas de hospital que o pai pagou, o que foi fácil de comprovar, porque foram encontrados os recibos. Eu liguei pra um repórter, só pra sentir o sujeito. Ele me disse que os comerciantes da associação estão revoltados contra a imprensa. Eu acho que a agitação vai morrer aí.

Armando: Tem mais. Conte a respeito da homenagem.

Norival: Ainda não está certo, mas os amigos das outras lojas vão colocar uma placa na sede da associação, louvando o empenho do velho Edmundo. Por enquanto, estão arrecadando as assinaturas, pra ser levada a proposta à próxima reunião.

Teresa: Como você ficou sabendo?

Norival: Estou aproveitando o período de nojo, estes sagrados nove dias, pra procurar limpar a memória do pai.

Júlia [*Abraça Norival.*]: Deus lhe pague, meu filho!

Norival: Mãe, é minha obrigação elementar.

Rodrigo: E os assassinos? Alguma novidade?

Norival: São maiores e vão ser processados. Acontece que não estão nem aí com o que fizeram, porque não foi o primeiro crime de morte deles.

Teresa: Graças a Deus, a onda de horror está amainada! Confesso que me preocupei. Tenho pedido muito aos benfeitores espirituais que nos ajudem a todos, nesta situação. E eles estão correspondendo.

Norival: Isto posto, passo a palavra a Armando, que pretende fazer uma declaração.

Armando: Eu preciso pedir desculpas a Dona Júlia, a Teresa e a Aurélia, especialmente. Hoje cedo, não sei o que deu em mim, que pretendi pôr um fim no nosso relacionamento. Estava sumamente perturbado. A leitura da mensagem de Alfredo me deixou confuso.

Norival: Fale do que mais o preocupava, do jeito que me contou.

Armando: Vocês não vão acreditar, mas o que mais me deixou cabreiro foi o fato de ter mantido relações extraconjugais, pensando que as outras mulheres podiam ser usadas e depois dispensadas.

Norival: Sociedade de consumo...

Armando: Basicamente, é isso mesmo. Aposto que vocês nem desconfiaram que eu podia estar com a consciência pesada não por causa de Aurélia, mas das outras, em particular da colega de Amália.

Teresa: Apostou. Perdeu. Aurélia levantou a hipótese com total clareza. Não é verdade que você, pela reação dela, achou que ela suportaria melhor a separação?

Armando: Então, eu cometi uma injustiça, supondo que vocês estavam um passo atrás dos meus sentimentos.

Júlia: O sofrimento, Armando, gera a mágoa do coração. Porém, passado o primeiro abalo, a pessoa começa a refletir sobre os fatos, buscando as soluções. Não é isso que está ocorrendo com você?

Armando: Então, redobro o meu pedido de perdão e afirmo, perante todos vocês, que estou decidido a ressarcir todos os prejuízos sentimentais que causei.

Aurélia: Espero que você tenha percebido que a mocinha sempre soube perfeitamente que você é casado, pai de filhos e responsável por um lar. Ela devia estar consciente dos riscos...

Teresa: Aurélia, deixe seu marido expor o ponto de vista dele. Pelo que entendi, ele tomou certas providências nesse sentido.

Armando: Norival esteve comigo o tempo todo e me ajudou a raciocinar nesse transe. Ele viu que fui sincero no pedido de desculpas que fiz à outra. Foi comigo até o apartamento dela. Testemunhou que tudo procurei fazer dentro dos limites da

dignidade de quem deseja limpar o nome. Ofereci os meus préstimos pra restabelecer o equilíbrio emocional da jovem. Propus que ela se deixasse analisar por um psiquiatra. Sei que, se ela tivesse aceitado, eu ia ter de gastar bastante. Felizmente, não aceitou nada. Devolveu os presentes que eu dei. Chorou bastante, afirmando que desejava ficar comigo. Confesso que me deixou um tanto abalado. Mas fui firme...

Norival: Foi mesmo. Duas horas de conversa pesada. Eu acho que, se eu não estivesse presente, ela ia demover o homem da decisão de desfazer o relacionamento.

Aurélia: Em suma, ela está apaixonada.

Armando: Eu não tenho tanta certeza. Mas é jovem e vai superar. Basta encontrar alguém mais disponível. Parece que ela mantinha o sonho de me afastar da família. Vendo que eu me...

Norival: Eu acho que ela estava sendo sincera. Mas não é difícil de perceber quando os acontecimentos não vão de acordo com o planejado. Uma coisa eu digo: se ela estivesse grávida, ia tentar fisgar o cunhado, definitivamente.

Armando: No fim, mandou a gente embora, demonstrando profunda tristeza.

Teresa: Você pode esperar telefonemas ou visitas na loja. Ela não vai dar sossego.

Armando: Esse é meu medo, tanto que estou expondo a realidade dos fatos, como sucederam. Cabe agora a Aurélia compreender que os males foram cometidos e vão trazer sequelas. Não dá pra gente dizer que está tudo acabado e pronto!

Aurélia: Foi por isso mesmo que eu pedi que você restaurasse a sua vida comigo, a partir das mínimas atitudes. Quem falou em dar tempo ao tempo?

Júlia: Vocês me permitem?

Aurélia: Por favor, mamãe.

Armando: Esteja à vontade, Dona Júlia.

Júlia: Não tomem uma decisão final e absoluta. Façam valer os sentimentos sedimentados no coração. Vejam se estão de acordo com a circunstância da união matrimonial.

Aurélia: Mas quem forçou a barra na cama...

Júlia: Desculpe, Relinha, mas não é esta a melhor hora pra lembrar quem tem razão e quem não tem. Está claro que a ofendida foi você. Armando não vai negar.

Armando: Eu me sinto culpado exclusivamente, apesar dela me haver dito que tem uma parcela de culpa.

Aurélia: Mantenho o que eu disse. Apenas quero enfatizar que a parcela é bem pequena, comparada...

Júlia: De novo, Relinha? Calma! Paciência! Desse jeito, você vai fazer a paz que está começando a reinar ir por água abaixo.

Teresa: Vamos ouvir em silêncio o que mamãe tem pra dizer. Ela tem o direito porque ama a todos nós e sempre zelou pela nossa felicidade.

Júlia: Como Armando não nega que causou o mal-estar, vai ter de aturar certa ranzinze de Aurélia. Eu vou estar morando aqui e pretendo atender aos reclamos dos dois, quanto a intervir pra que tudo entre nos eixos. Contudo, não vou tomar nenhuma iniciativa, sem a concordância de ambos. Acredito que o destino desarmou essa arapuca no momento melhor, quando estamos todos envolvidos com o drama de meu velho, pensando muito na existência, na carne e na espiritualidade.

Teresa: Onde se ouviu *destino* ouça-se *espíritos protetores*.

Júlia: Com certeza.

Aurélia: Mamãe, eu agradeço muito a você. Vou procurar fazer o melhor que eu posso pra engolir esse sapo. Mas não vou arredar pé do direito de exigir certos procedimentos do meu marido. Por exemplo: você foi ao médico e fez os exames de sangue?

Norival: Posso interceder em favor do meu cunhado?

Teresa: Veja lá o que vai dizer!

Norival: Não se preocupe, querida irmã. Eu ainda estou em meu juízo perfeito.

Teresa: É que você consegue dar uns palpites bem fora de hora.

Norival: E você gosta de agitar o ambiente.

Teresa: Vai sobrar pra mim também?

Norival: Não, se você ouvir o que tenho pra dizer.

Teresa: Mas cuidado!

Norival: Estive com Armando no hospital e presenciei a palestra que manteve com o doutor. Acompanhei também quando ele foi colher sangue. Está tudo nos conformes, de acordo com a orientação da caríssima esposa.

Aurélia: Eu não vou suportar sua ironia.

Norival: Perdão, maninha! Estou achando que alguém deve desfazer o clima de tragédia.

Aurélia: Quem está com fome?

Júlia: Vamos esperar Alfredo e Amália. Se vocês estão cansados de tratar desse assunto penoso do *casa e separa, casa e separa...*

Norival: Boa, mãe! É isso aí! Precisamos espairecer.

Júlia: Diga, Norival, o que mais impressionou você na mensagem de Alfredo?

Norival: Pra dizer a verdade, não me deixei levar pelos argumentos que ele usou.

Teresa: Você acredita ou não acredita que o ditado veio dum espírito?

Norival: Pode ser do próprio espírito de Alfredo.

Teresa: Vai ter de ser surpreendido quando estiver no andar de cima. Eu sabia que você é cético, mas pensava que fosse mais inteligente. As evidências não estão claras?

## Cena 24.

Todos.

Aurélia: Eis que chegam os que estavam faltando.

Amália [*Entra trazendo Alfredo pela mão.*]: Nossa, está todo mundo aqui?! Que novidade é essa?

Norival: Vocês não deviam estar bem longe, aproveitando a sua lua de mel?

Amália: Que é isso, tio? As coisas agora são muito diferentes. Nós só pusemos às claras o que vínhamos praticando não tão às ocultas.

Armando: E eu tenho de ficar bem quietinho no meu lugar.

Rodrigo: Pai!...

Armando: Não estou reclamando; só observando.

Rodrigo: Alfredo, você está a par dos últimos acontecimentos, no caso do assassinato do 'vô?

Alfredo: Sei o que meu pai disse ontem. Mas eu acho que vocês já se inteiraram dos relevantes...

Amália: Alfredo! Alfredo!

Aurélia: Deixe o rapaz em paz, por favor. Ele precisa ficar à vontade com a nova família.

Norival: Faça um resumo pra nós.

Alfredo: Meu progenitor referiu-se ao fato de que a imprensa está assoberbada com outros crimes, inclusive com tremenda chacina em uma das favelas da Zona Sul, e que não vai dedicar seu precioso tempo vasculhando a vida de quem nada deve à sociedade.

Norival: Pois saiba que eu tenho novidades, porque...

Amália: Tio, desculpe-me, mas preciso fazer uma comunicação importante.

Júlia: Vamos todos ouvir a menina.

Amália: Estou grávida.

Norival: Mas já?

Aurélia: Ontem você nem estava desconfiada e hoje tem certeza?

Amália: Dedicamos o dia aos testes. Deram positivo. Alfredo me levou ao médico. Está confirmado.

Teresa: Por isso é que você estava tão nervosa, tão instável.

Norival: Agora a gente compreende por que queria desfazer o namoro. Espero que o casório se realize logo.

Alfredo: Assim que ela concordar que vai ser melhor para a criança, uma vez que, psicologicamente, a segurança de um lar determina...

Aurélia [*Abrça Amália.*]: Você está feliz, minha filha?

Amália: Inesperadamente feliz.

Armando: Eu posso apertar a mão do futuro papai?

Alfredo: Por favor, *Seu Armando*, não se acanhe e aceite, desde já, o meu pedido para que seja o nosso padrinho na igreja.

Teresa: Vocês pretendem se casar sob a bênção da religião católica?

Alfredo: A minha crença não se satisfaz com a providência religiosa preconizada pela sociedade. Mas acredito que os guias da família não se oporão a se perfilarem junto ao altar, para depositarem ao pés do Senhor, idealmente, as flores imarcescíveis de seu amor à existência, à vista, especialmente, de que estão cuidando da implantação de uma alma no seio da gentil senhorita. Haverá de ser um ato da mais pura alegria. Creio que ninguém de outra fé venha a se opor à deliberação que partiu do coração de minha amada.

Teresa: Ó caro jovem, você preparou esse discurso especialmente pra mim?

Alfredo: É a minha prezadíssima tia pessoa a quem respeitamos sobremodo, de forma que não nos pareceu de somenos importância preocupar-nos com seu parecer altamente fundamentado na teoria espírita.

Amália [*Recebendo o abraço de Teresa.*]: Alegre-se, tia. Eu vou permitir que Alfredo estude Espiritismo e frequente o mesmo centro que você.

Teresa: E eu vou fazer questão de comparecer à cerimônia do casamento, levando, pela oração, todos os amigos da espiritualidade que compartilham da mesa evangélica da casa de misericórdia e amor à qual dou minha modesta contribuição.

Norival: Se é pra falar difícil, vamos demonstrar que todos nós não fazemos feio. Não é verdade, maninha?

Amália: Pai, você aceita ser nosso padrinho?

Armando: Seria um velhaco se me recusasse. Só espero não fazer feio perante os espíritos que se frustraram comigo.

Aurélia: Comece aí a sua provação moral. Vai ser um meio muito bonito de demonstrar que você perdoou sua filha.

Armando [*Abraça a filha.*]: Amália, você está sentindo a minha emoção? Eu lhe peço humildemente que esqueça a minha raiva, a minha... [*Esconde o rosto no ombro de Amália.*]

Amália: Pai, você tem de superar esse sentimento de culpa. Eu estou bem tranquila quanto a ter feito o que fiz. Como eu disse, vocês ainda vão me agradecer, se bem que eu não suspeitasse que o transtorno ia ser tão profundo. Não chore, por favor.

Júlia: Aurélia, não era isso que você esperava de seu marido?

Aurélia: Mãe, eu ainda estou na expectativa. Não vou mudar meu ponto de vista de repente. Cidinha, quantos talheres você dispôs na mesa? [*Afasta-se, com o lenço sobre os olhos.*]

Cleia: Permita-me, Dona Júlia. Quero cumprimentar a senhora, porque vai ser bisavó.

Júlia: Espero estar preparada pra isso.

Cleia: A senhora sabe, mais que ninguém, quanta alegria existe no recebimento de novos seres, pra estimular o crescimento do nosso amor.

Teresa: Eu não mereço também ser cumprimentada?

Cleia: Estava esperando a ocasião mais propícia. Eu acho que a senhora...

Teresa: Você, por favor.

Cleia: ... que você está de parabéns por ter trazido a este lar as luzes da doutrina dos espíritos, de maneira absolutamente feliz, delineando as diretrizes mais importantes para implantação das noções básicas nos corações e, principalmente, nas mentes de todos.

Teresa: Quero crer que você esteja inspirada.

Cleia: Na verdade, estou recebendo belíssima influenciação de meu mentor e estou traduzindo os sentimentos que as vibrações emanadas por ele me fazem compreender. E empenho esse magnetismo na formulação dos meus próprios pensamentos e intuições. Espero que jamais você esmoreça nessa sua trajetória de amor e de disseminação da verdade cristã.

Norival: Vou aproveitar este momento em que as sensações espirituais estão atizadas, pra desejar muita paz, harmonia e ventura aos dois casais jovens que se abrigam hoje sob este sagrado teto. Preciso, também, confessar que instiguei, o mais que pude, o meu cunhado a reatar os laços com minha queridíssima irmã, trazendo-o pra casa, que é o lugar mais adequado pra que venha a progredir na senda dos

conhecimentos existenciais. Que ele obtenha aqui na Terra o que me disseram que só se alcança nas esferas superiores.

Armando [*Abraça Norival.*]: Se eu conseguir superar com alguma honra esta crise, caro amigo, muito mais vou ficar devendo a você. Aceite o meu muito obrigado, de coração.

Aurélia: Antes que vocês inventem que eu também devo abraçar Armando, quero deixar muito claro que não me afasto um milímetro da posição que assumi. Ele pode estar arrependido até o fundo da alma mas vai ter de provar que me quer como companheira, sob a nova forma que se propõe pro casamento no mundo moderno. Eu não vou procurar outro homem. Já encontrei o meu. Cabe a ele demonstrar que sou a mulher da vida dele. Vamos ficar assim.

Armando: Perante todos os irmãos da espiritualidade presentes, os únicos que são capazes de ler os meus pensamentos sem equívocos, eu juro, em nome de Jesus, que vou responder significativamente a essa confissão de amor e benquerença da mãe de meus filhos.

Aurélia: É um começo. Agora vamos sentar, que a Cidinha está aflita porque a comida está esfriando. [*Enquanto Aurélia vai dispendo as pessoas em torno da mesa, formam-se os grupos: Júlia com Teresa; Norival com Armando; Rodrigo com Alfredo; Amália com Cleia.*] Mãe, a senhora fica com a cabeceira, ao lado de Teresa. Armando fica do outro lado, perto de Norival. Os dois casaizinhos estão separados, mas devem ficar frente a frente. Eu vou ocupar o outro lado de Armando.

Rodrigo: Mãe, não seja tão formal.

Aurélia: Vamos dizer que eu esteja apenas organizando os *papos*. Por exemplo, Cleia vai ficar perto de Amália, porque eu quero que elas conversem a respeito da mediunidade de Alfredo. Quem sabe a sua namorada instrua a futura mamãe quanto aos problemas inerentes à encarnação do espírito.

Teresa: E eu fico perto de Alfredo pra especular a respeito de sua sensação de ter apanhado a preciosa mensagem, que tanto impressionou a todos nós.

Norival: E você, Relinha, também pretende desenvolver sua mediunidade? Afinal de contas, o texto que você escreveu está cheio de bons conceitos. Sabe que eu gostaria de obter uma cópia?

Aurélia: Não seja cavilador, querido irmão. Eu bem sei que você está querendo me deixar mais afim pra futuros *conselhos*...

Norival: Não seja tão desconfiada, *querida irmã*. Você não sabe que quem usa cuida?

Aurélia: Está certo. Eu vou pedir a Alfredo que passe a comunicação pelo computador e imprima algumas cópias, apesar de não ter importância alguma. Em todo caso, é sempre uma lembrança palpável da reunião.

Teresa: Vou aproveitar a deixa, pra convidar todo mundo pra sessão de amanhã no centro. É dia de reunião pública. Pra quem não quiser participar da parte mediúnica, temos, em sala menor, uma palestra destinada aos novatos. Às seis e meia, eu passo por aqui e levo mamãe e Relinha. E posso ensinar o caminho aos outros.

Cleia: Teresa, você vai me perdoar, mas amanhã é dia em que trabalho com o meu grupo.

Teresa: Pois não se esqueça de levar o namorado.

Cleia: Vou sugerir a Amália que venha comigo, trazendo o marido, naturalmente. A nossa reunião não é tão formal e a gente dá possibilidade a todos de escreverem o que

vier à cabeça. Mas eu prometo que, na semana que vem, vou comparecer ao seu centro. Está bem assim?

Teresa: Não se esqueça de que promessa é dívida.

Rodrigo: Pode contar conosco.

Amália: Eu não vou prometer nada.

Alfredo: É o que eu ia dizer. Nós estamos programando viajar no fim de semana. Queremos conhecer Natal e as famosíssimas praias que tanto encantam aos turistas de todo o mundo.

Armando: Podem contar com um cheque meu, como contribuição pra felicidade de vocês.

Aurélia: Eis que Cidinha está chegando com a sopa. Mandei preparar um caldo só com legumes e hortaliças, pra não ofender a minha nora vegetariana. Posso considerar você minha nora, não?

Cleia: Claro que pode. Mais ainda: pode me considerar da família, mesmo que meu relacionamento com Rodrigo não dê certo. Manteremos vínculos de amizade pra além da vida física.

Rodrigo: Pois eu quero manter o mais possível o nosso relacionamento no plano material.

Norival: Muito bem dito, querido sobrinho. A propósito, como é que você vai fazer em relação à loja? Aurélia vai mesmo assumir a função de ajudante-de-ordens?

Rodrigo: Ela está convocada pra se apresentar às sete e meia, amanhã de manhã.

Aurélia: Vou chegar no mesmo horário que você, porque você vai me levar.

Júlia: Estamos todos servidos. Não deveríamos fazer um brinde em homenagem ao jovem casal?

Armando [*Levanta-se.*]: As garrafas estão abertas. Sirvam-se. Deixem de cerimônias. [*Aguarda que todos levantem as taças.*] Que Deus nos abençoe e nos proteja dos males do mundo e que nos faça felizes, sob o manto de Jesus! Que me perdoe o mal que pratiquei contra minha família, restaurando a confiança que abalei. Que meu primeiro neto nasça cheio de saúde e cresça em ambiente de muita paz e harmonia, sob as luzes dos protetores espirituais. Que esta reunião, em que sinto tanto amor, perdure pra sempre e que possamos, mais tarde, unir-nos ao meu sogro e a todos os nossos ancestrais e parentes na espiritualidade. E que sejamos todos iluminados pela divina graça, a ponto de tornarmos as pessoas que se apresentaram como os entraves de nossas alegrias participantes deste nosso círculo. Vamos fazer dos adversários, dos oponentes, dos inimigos, pessoas merecedoras de toda consideração e respeito, através de sério trabalho de condução aos caminhos de Jesus. Eu peço a Teresa que faça uma oração de agradecimento da refeição que tão prazerosamente vamos usufruir. Tintim! [*Senta-se. Os comensais se confraternizam e brindam alegremente.*]

Teresa: [*Levanta-se.*] O que eu posso lembrar a cada um dos presentes é que sempre reflitam sobre as leis universais, façam o bem e mereçam evoluir na senda do Senhor. Muito obrigado, meu Pai, pela assistência maravilhosa que nos tem proporcionado. Muito obrigado aos benfeitores espirituais pela paciência que temos exigido de vocês. Eu peço à dona da casa que recite um pai-nosso, pra que usufruamos em paz e felicidade a bênção de Deus. [*Senta-se.*]

Aurélia: *Pai nosso, que está nos Céus, santificado seja o seu nome; venha a nós o seu reino; seja feita a sua vontade assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia, dê-nos hoje. Perdoe as nossas dívidas assim como perdoamos aos nossos devedores. Não nos deixe cair em tentação mas livre-nos do mal, porque seu é o reino, o poder e a glória para sempre. Assim seja. [Pano.]*

Indaiatuba, de 26.07 a 29.09.95.